

Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Departamento de História
Programa de Pós Graduação em História

“Em seu tempo e lugar: A escrita da história do Inca Garcilaso de la Vega em *Los Comentarios Reales de los Incas* (1560-1617)”.

Atahualpa Yupanqui Lobo Chamorro.

Mariana, 2016.

Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Departamento de História
Programa de Pós Graduação em História

“Em seu tempo e lugar: A escrita da história do Inca Garcilaso de la Vega em *Los Comentarios Reales de los Incas* (1560-1617)”.

Atahualpa Yupanqui Lobo Chamorro.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História. Área de concentração: Poder e Linguagens. Linha: Poder, linguagens e instituições. Orientador: Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes.

Mariana, 2016.

C448e

Chamorro, Atahualpa Yupanqui Lobo.

Em seu tempo e lugar [manuscrito]: a escrita da história do Inca Garcilaso de la Vega em Los Comentarios Reales de los Incas (1560-1617) / Atahualpa Yupanqui Lobo Chamorro. - 2016.

140f.:

Orientador: Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-graduação em História.

Área de Concentração: Poder e Linguagens.

1. Historiografia - História. 2. Vega, Garcilaso de la, 1539-1616. 3. Escrita da história. I. Fernandes, Luiz Estevam de Oliveira. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 93/94

Catálogo: www.sisbin.ufop.br



Atahualpa Yupanqui Lobo Chamorro

"seu tempo e lugar: A escrita da história do Inca Garcilaso de la Vega em *Los Comentarios Reales de los Incas*. (1560-1617)"

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em História da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes

Departamento de História/UFOP

Prof. Dr. Luis Guilherme Assis Kafil

Departamento de História/UFRRJ

Prof. Dr. Anderson Roberto dos Reis

Departamento de História/UFMT

Sumário

Resumo.....	5
Abstract.....	6
Agradecimentos.....	8
Introdução.....	9
Capítulo I – Um inca mestiço na Europa: sobre as condições de possibilidade da elaboração da escrita da história nos <i>Comentarios Reales de los Incas</i>.....	21
Infância e juventude de um mestiço.....	21
Além do “mar oceano”.....	24
Capitão de sua Majestade: <i>El Inca Garcilaso de la Vega</i> com a espada.....	27
Um letrado mestiço: a tradução dos <i>Dialoghi d’Amore</i>	28
Proteção e censura: historiografia e autonomia autoral nos reinos cristãos.....	31
Círculos de letrados cristãos e as ordens religiosas.....	38
O Inca Garcilaso como autoridade no <i>runa simi: Los Comentarios Reales</i> e o “protesto da verdade” com a pluma.....	44
Capítulo II – A história em <i>Los Comentarios Reales</i>.....	56
As culturas andinas e sua relação com seu passado.....	56
“Y de efta manera guardauan las memorias de fus hiftórias”.....	60
A tradição histórica Inca em <i>Los Comentarios</i>	63
Histórias divinas e humanas.....	65
O Inca Garcilaso e seu conceito de verdade histórica.....	73
A história como espaço de disputa.....	77
Capítulo III – Estado da Arte.....	88
A arte da leitura do renascimento no Humanismo espanhol.....	89
Uma nova arte da leitura.....	95

Historiografia e patriotismo.....	103
O contexto da rebelião de Tupac Amaru II.....	108
O século XIX e as histórias nacionais.....	115
O século XX e os novos modos de se escrever a História do Novo Mundo.....	118
Enfoques contemporâneos.....	124
Considerações finais	127
Glossário.....	130
Fontes Impressas.....	132
Bibliografia.....	133

Resumo.

A análise empreendida nesta dissertação pretende caracterizar os recursos mobilizados e os protocolos de escrita da história vigentes durante a elaboração de *Los Comentarios Reales de los Incas* (1609), tendo como base a escritura de uma história da historiografia e uma história conceitual de fins do século XVI e início do XVII. Neste sentido trataremos a crônica efetuada pelo Inca Garcilaso como um discurso propriamente histórico, com suas próprias noções de tempo, história, verdade e autoridade, destacando o papel da emergência do observador de primeira ordem como critério de validação da escrita. O recorte proposto abrange o período de elaboração da obra até sua publicação, coincidindo com a formação do *corpus* textual da historiografia sobre o Novo Mundo e das redes de sociabilidade dos letrados cristãos, momento de reavaliação dos conteúdos clássicos da antiguidade do Mediterrâneo, em que ganha destaque o papel da filologia e da retórica como pilares das escritas cristãs da história elaboradas durante a primeira modernidade. Partindo da demanda mais ampla de inserção das novas realidades do Novo Mundo no esquema ocidental vigente, a escrita garcilasiana da história dos Incas se constitui como uma reivindicação de uma versão mais apropriada, tendo em vista a dificuldade de compreensão da realidade andina, que teria gerado distorções do passado Ameríndio.

Palavras-chave: história da historiografia; Inca Garcilaso de la Vega; escrita da história.

Abstract.

The analysis undertaken in this dissertation intends to characterize the resources mobilized and the protocols of writing of the history in force during the elaboration of *Los Comentarios Reales de los Incas* (1609), based on the writing of a history of historiography and a conceptual history of ends of the century XVI and beginning of XVII. In this sense, we will deal with the chronicle carried out by the Inca Garcilaso as a properly historical discourse, with its own notions of *time*, *history*, *truth* and *authority*, highlighting the role of the emergence of the first order observer as a validation criterion for writing. The proposed clipping covers the period of preparation of the work until its publication, coinciding with the formation of the textual corpus of historiography on the New World and the networks of sociability of Christian scholars. Also recognized as a moment of reappraisal of the classical contents of the antiquity of the Mediterranean, in which it gains emphasis on the role of philology and rhetoric as pillars of the Christian writings of history elaborated during the first modernity. Starting from the broader demand for insertion of the new realities of the New World in the current western scheme, the Garcilasian writing of the history of the Incas constitutes a claim of a more appropriate version, given the difficulty of understanding Andean reality, which would have generated distortions of the Amerindian past.

Key-words: History of historiography; Inca Garcilaso de la Vega; history writing.

**Às mulheres da minha vida, minha mãe
Salviana, minha companheira Lydia e
minha filha Anahi Celeste, que deu seus
primeiros passos enquanto eu escrevia esta
história.**

Agradecimentos.

Para me envolver no campo da pesquisa e da escrita da história, algumas possibilidades de escolhas me foram oferecidas, e isto não aconteceria sem o apoio de meu pai, Carlos Alcides Chamorro, argentino descendente de *diaguitas*, que viveram onde hoje é a província de Jujuy. Certamente que a perseverança neste caminho foi alentada pelas aulas e orientações valiosas do professor Danilo Zioni Ferretti, nos tempos de graduação na Universidade Federal de São João del-Rei, momento em que entrei em contato com a obra do Inca Garcilaso de la Vega. Não poderia deixar de mencionar o importante encontro com meu amigo Vilmar Ananias, que então realizava seu mestrado em crítica literária e me inspirou com seu exemplo de como devemos tratar estas oportunidades.

Seria totalmente indelicado de minha parte não agradecer o apoio e as importantes críticas e orientações da Dra. Ana María Lorandi, que, com grande paciência e estima aceitou ser minha orientadora quando, sem sucesso, pleiteei recursos para ingressar em um doutorado na Universidade de Buenos Aires. Já instalado em Ouro Preto, não poderia ter melhor suporte do que a amizade de Caio e Rozana, conterrâneos que também buscavam seus objetivos nesta cidade que a muitos atrai por diferentes motivos. Gratidão ao professor Luiz Estevam Fernandes, que me acolheu como seu orientando neste importante centro de pesquisa da Historiografia Brasileira, sendo sempre crítico e atencioso. Sou especialmente grato aos professores e colegas do Programa de Pós-graduação em História pela oportunidade de troca de idéias e experiências, sem as quais seria impossível produzir esta dissertação. Devo acima de tudo, total respeito e gratidão à minha companheira Lydia, pelo carinho, paciência e sinceridade, e por nos permitir a oportunidade de cuidar de nossa filha, Anahi.

Introdução.

El Inca Garcilaso de la Vega (1539 – 1616), que foi batizado como Gómez Suárez de Figueroa, foi filho do capitão conquistador Garcilaso de La Vega e da *palla* Inca Chimpu Ocllo, sobrinha do Inca Huayna Cápac, tendo nascido e vivido em Cuzco até os vinte e um anos de idade, onde recebeu as primeiras lições de letramento. Neste período, junto de seu pai, viveu as turbulências das sublevações que marcaram as lutas entre os interesses dos conquistadores e dos administradores da Coroa de Castela. Visto com maus olhos pela Coroa, a união entre os pais de Garcilaso foi substituído. Mesmo vivendo na casa de seu pai, que contraíra novo matrimônio, o Inca não perdeu os estreitos vínculos com sua mãe e seus parentes, tão importantes para elaboração de *Los Comentarios Reales* (1609).¹ Sua condição de mestiço,² herdeiro de duas tradições distintas, tinha um significado específico naquela conjuntura, do qual Garcilaso foi consciente e procurou subverter seguindo a posição de padres jesuítas como José de Acosta, que se opunham às visões da mestiçagem como um fenômeno degenerante.

¹ VEGA, Inca Garcilaso de la. *Primera parte de los / Comentarios Reales / que tratan del ori- / gen de los Yncas, Reyes que fue- / ron del Perv, de sv idolatria, leyes y / gobierno en paz y en guerra: de fus vidas y con- / quistas, y de todo lo que fue aquel Imperio y / fu Republica, antes que los Epaña- / les paffaran a el. / Efcritos por el Ynca Garcilaffo de la Vega, natural del Cozco, / y capitan de fu Mageftad*. Lisboa: En la officina de Pedro Crasbeeck, 1609. A segunda parte dos *Comentarios Reales* somente foi publicada em 1617, logo após a morte de seu autor, sob o título “Historia General del Peru”. VEGA, Inca Garcilaso de la. *Historia / general del / Perv / trata el descvbrimiento del / y como lo ganaron los Españoles, las guerras ciuiles / que huuo entre Piçarros, y Almagros fobre la partija / de la tierra. Castigo y levantamiêto de tyranos: y otros suceffos particulares que en la hiftoria fe contienen / escrita por el Ynca Garcilasso de la Vega, Capitan de fu Mageftad*. Córdoba: por la Viuda de Andres Barrera y à su costa, 1617. Nossa principal fonte, que será citada como *Comentarios*, é a primeira parte, onde estão expostas as premissas historiográficas, embora recorramos eventualmente à segunda parte, de onde derivamos o título deste trabalho. “Por que la hiftoria pide que cada suceffo fe cuente en fu tiempo y lugar (...)” *Historia General del Peru*. Libro XVIII. Cap. I.

² O fenômeno da *mestiçagem*, evidente traço das dinâmicas entre os povos, não era novidade para os europeus do início do período moderno, sendo evocado já no século XII. O termo deriva de um adjetivo latino – *mixticius*, usado para designar “aquele que nasceu de uma raça misturada”. É comum a possibilidade de confusão quando se trata da mestiçagem, uma vez que alude simultaneamente as uniões biológicas e amálgamas culturais, ambos de múltiplos desdobramentos. BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *Historia do Novo Mundo 2: As mestiçagens*. São Paulo: Edusp, 2006. *Prefácio*. Como poderemos observar, o Inca Garcilaso de La Vega procurou se aproximar das questões sociais e políticas suscitadas pela mestiçagem no Novo Mundo, questões estas que urgiram antes das polêmicas propriamente raciais. Seu posicionamento milita em favor da compreensão das contribuições dos mestiços para construção do sistema colonial espanhol. Por outro lado, fica evidente sua postura enquanto mediador cultural, traduzindo, com suas eventuais limitações, o mundo andino para a linguagem da cristã Europa Ocidental.

A los hijos de Epañaol y de Yndia, o de Yndio y Española, nos llaman Meftizos, por dezir que somos mezclados de ambas nãfiones: fue impuefto por los primeros Epañaoles que tuuieron hijos en Yndias: y por ser nombre impuefto por nueftros padres, y por fu fignificaci3n me lo llamo yo a boca llena, y me honrro con el. Aunque en Yndias fi a vno de ellos le dizen fois vn meftizo, o es vn meftizo, lo tomã por menos precio.³

Entretanto, para aqueles que foram gerados a partir das uni3es entre os conquistadores de primeira hora e as “princesas” incas foi reservado um tratamento distinto. Um claro exemplo da atenç3o dedicada a esta primeira geraç3o de mestiços descendentes das linhagens incas consiste na educaç3o que receberam, ao passo que a quantidade destes rebentos justificou a criaç3o uma escola espanhola.⁴ Dentre os pequenos mestiços que frequentavam as classes do c3nogo da catedral de Cuzco, Juan Cu3llar, estava o jovem G3mez Su3rez, que a partir dos dez anos passou a estudar latim, m3sica, boas maneiras e equitaç3o. À educaç3o espanhola recebida por estes jovens somam-se as tradiç3es incas, que foram absorvidas no contato com as fam3lias maternas e com a cultura dos Andes.⁵ A rememoraç3o das conversas em *runa simi* com seus parentes Incas, assim como suas viv3ncias entre os curiosos mestiços desta primeira geraç3o, acabam por se constituir como apoios de sua autoridade enquanto historiador do *Tahuantinsuyu*.

Embora os conquistadores tenham desejado que a Coroa lhes concedesse os territ3rios conquistados como feudos – como vinha sendo praticado na Europa Medieval – o Estado espanhol, em vias de modernizaç3o, se limitou a confiar aos conquistadores, por certo tempo, a administraç3o de porç3es de terras da col3nia por meio de contratos jur3dicos que ficaram conhecidos como *encomiendas*. Paralelamente, o poder real procurou se fazer representar, cuidando para que um vice-rei o impusesse e administrasse as col3nias *in loco*. O capit3o Garcilaso, que apoiou inicialmente o grupo de Pizarro durante as guerras civis, acabou debandando para o lado da Coroa quando jã era eminente a derrota. Para ascender ao cargo de *corregidor* de Cuzco de 1554 a 1555, o pai de G3mez Su3rez desposou Luisa Martel, acatando a decis3o da Coroa que aconselhava a uni3o matrimonial entre descendentes de peninsulares. Mesmo tendo

³ *Comentarios*. Libro IX, Cap. XXXI.

⁴ GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernizaç3o dos Sentidos*. S3o Paulo: Ed. 34, 1998. P3g. 118.

⁵ BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *Historia do Novo Mundo 2: As mestiçagens*. S3o Paulo: Edusp, 2006. P3g. 45.

batismo cristão sob o nome de Isabel Suárez, a mãe do futuro cronista foi considerada indigna do casamento por seu pai, mantendo contato com seus parentes incas até sua morte⁶.

A incipiente institucionalização da burocracia espanhola nas colônias do Novo Mundo ofereceu ao capitão Garcilaso a oportunidade de fazer carreira como administrador, momento em que convocou seu filho para trabalhar como seu escrivão. Esta experiência como o aparato administrativo do Estado espanhol ainda em terras andinas, recordada nos *Comentarios*, pode ser considerada como parte constitutiva do processo de letramento do cronista mestiço, que, como poderemos observar, foi também consciente das conexões entre a jurisprudência, o direito canônico e a historiografia. Antes de sua morte em 1559, num gesto pouco comum, o capitão Garcilaso colocou entre seus herdeiros seu filho mestiço com Chimpu Ocllo, a quem desejava uma educação de fidalgo.

Com vinte e um anos de idade, Gómez Suárez partiu em 1560 para Espanha. Sua viagem teria um objetivo claro: pedir a Corte compensações ou mercês pelos serviços que seu pai havia prestado e pela restituição do patrimônio de sua mãe. Apoiando-se nos argumentos fornecidos pelas crônicas oficiais, que colocava seu pai ao lado de rebeldes como Gonzalo Pizarro, o presidente do conselho e futuro governador do Peru, desqualificou as petições de Garcilaso. O estatuto de verdade do discurso histórico deverá, desse momento em diante, ser uma das principais motivações de Garcilaso em corrigir os cronistas, restituindo a verdade da história pela autoridade da palavra escrita.

Este trabalho tem como objetivo caracterizar aspectos culturais e historiográficos expostos por Garcilaso de La Vega em seus *Comentarios*, situando sua obra no contexto de produção da historiografia sobre o Novo Mundo de fins do século XVI e início do XVII, período identificado com a formação da historiografia moderna.⁷ Ao problematizar a escrita da história materializada nos *Comentarios*, pretendemos discriminar os protocolos vigentes durante a primeira modernidade, como o recurso retórico de *Los Comentarios*, geralmente associado à recuperação ou “uso” dos protocolos da antiguidade clássica na elaboração de uma imagem⁸ Inca proto-cristã, o

⁶ GUMBRECHT. Ibid. Pág. 117, 118.

⁷ MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Baurú: EDUSC, 2004.

⁸ Optamos pelo uso do termo “imagem” ao invés de “representação” para designar o modo como é apresentada a cultura Inca e sua história no conteúdo de *Los Comentarios*. Esta opção poderá ser

que nos possibilitará verificar a medida da vigência do *exemplum* de uma História mestra da vida que persiste durante a primeira modernidade em seu modo cristão.

De modo semelhante, tem importância central a análise contextual da densidade e da textura das redes de contato entre os letrados de Castela na Primeira modernidade. Inclusive, quais seriam as condições materiais de produção dos artefatos históricos, em que os regimes de relativa autonomia autoral, sob os quais se é possível escrever e publicar, indicam os limites e as dimensões de aplicação destes protocolos em *novas linguagens* que pretendiam expor a experiência do tempo naquela conjuntura. Para esta tarefa, tomaremos por modelo as análises semânticas de Reinhart Koselleck como modo de investigar a constituição linguística das experiências, possibilitando o esclarecimento do contexto histórico-social e linguístico-pragmático em que são enunciados determinados conceitos e categorias.⁹ Assim, a intenção deste estudo é analisar a escrita historiográfica do Inca Garcilaso de la Vega, verificando quais seriam as possibilidades de se escrever uma história dos Incas durante a primeira modernidade. De modo incisivo, apontar para as formas, protocolos e conceitos específicos que pautaram os estudos e relatos dedicados a suprir a necessidade de incorporação dos Incas na realidade cristã ocidental.

Os eventos que compõem as descrições deste processo de amplificação de possibilidades, tais como a chegada e invasão europeia no Novo Mundo, juntamente com a invenção da tipografia, configuram uma conjuntura diferenciada, marcada em ambos continentes pela possibilidade de confronto das tradições conhecidas com a *experientia*¹⁰ de primeira mão. Articuladora de muitos temas, a escrita garcilasiana pode

associada a uma outra mais ampla, qual seja, a de revisar os conceitos utilizados na historiografia sobre o Novo Mundo, propondo novos tratamentos aos temas articulados. Neste sentido, o uso do termo “representação” foi justificado por Michel De Certeau como modo de delimitar o potencial performativo da escrita da história do início do período moderno, utilizando como exemplo os limites do *topos* da História *Magistra Vitae* para uma historiografia – tipificada por Maquiavel – que passou a projetar ficionalmente a posição do sujeito da ação – o *príncipe* – como modo de oferecer respostas aos problemas políticos. CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. Pág. 19. Como será possível observar, embora Garcilaso se aproxime da funcionalidade da escrita da história patrocinada pelos príncipes, seu projeto de reabilitação dos Incas demanda uma forma mais autônoma quando se trata do modo de exposição do incário, assim a categoria “imagem” nos pareceu corresponder a esta complexificação da prática e engajamento da escrita garcilasiana.

⁹ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC Rio, 2006. *Prefácio*. Pág. 17.

¹⁰ O termo experiência, que pode ser utilizado em deferentes situações, geralmente não se desvincula de seu significado original no latim *experientia*, derivado de *experiri*, que significa “tentar”, “ensaiar” ou “experimentar”. Segundo o *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana* de Joan Corominas, em 1400 o termo *espiriencia* aparece pela primeira vez em texto escrito em castelhano, no *Cancionero de*

nos oferecer exemplos da posição de um observador de primeira ordem, vigente na primeira modernidade.¹¹ Essa “modernização” do olhar indica a emergência de uma subjetividade ocidental que estabelece uma demanda de interpretação para compensar as deficiências da expressão baseada em impressões superficiais, enfrentadas com alguma dificuldade pelos primeiros observadores e historiadores desta nova conjuntura. Como poderemos constatar no decorrer da análise, embora possamos identificar impulsos iniciais de uma primeira modernidade entre os séculos XIV e XV, o que ocorre efetivamente é a intersecção de diferentes extratos do tempo. Uma escrita cristã da história que reproduz a seu modo providencial a uma História *Magistra Vitae*.¹² Deste modo, pretendemos verificar em que medida a escrita garcilasiana corresponde ao movimento de reorganização etnográfica¹³ das escritas cristãs da história neste período.

O tratamento desta problemática no recorte proposto exige atenção especial para as condições de possibilidades de letramento e atividade literária/historiográfica, intimamente relacionadas com as concepções de mundo correntes na Europa dos séculos XVI e XVII, profundamente marcadas pela tradição judaico-cristã. Em se tratando das relações com o tempo e da historiografia, seria mesmo temerário referir-se a uma tradição ocidental sem atentar para o papel marcante das doutrinas cristãs. As

Baena. Em 1499 temos o emprego da palavra *esperiencia* na *Celestina*. O célebre linguista castelhano Antonio de Nebrija vacila entre *experientia* e *esperientia*, uma pendulação que segue durante todo o século XVI e XVII, sempre entendendo estes termos e os demais vocábulos desta família a partir de sua raiz no latim, onde *experimentum* significa “ensaio”, “prova pela experientia” e *expertus*, participio de *experiri*, é “aquele que tem experiência” ou, mais tarde, *pericia*, galicismo que dará origem à palavra “perito”, popularizada depois da Primeira Guerra Mundial significando “experimentado” ou “entendido”. Curiosamente o termo *pirata*, do latim, foi tomado do grego *πειρατής*, “bandido”, que deriva de *πειράω*, mesma raiz que *experiri*, ou seja, “tentar”, “aventurarse”. COROMINAS, Joan. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Editorial Gredos, 1954. Pág. 465.

¹¹ Podemos mapear uma primeira modernidade a partir de expressões utilizadas corriqueiramente como “início do período moderno”. Nesta dissertação, utilizaremos a noção de “primeira modernidade” na forma como foi expressada por Hans Ulrich Gumbrecht, entendendo este período como a liberação de sucessivas cascatas de modernidade, relacionadas com as respectivas mudanças que acompanharam as novas subjetividades e epistemologias. Ainda que tenhamos estabelecido esta relação entre a escrita da história do Inca Garcilaso de la Vega e a emergência do observador de primeira ordem, seguindo as sugestões de Gumbrecht, acreditamos que sua leitura do trabalho do cronista mestiço como um sujeito “nascido” a partir da institucionalização da burocracia espanhola moderna, corresponde, como ele mesmo pondera, a uma mudança mais ampla, um redimensionamento do próprio funcionamento da palavra escrita, seja ela manuscrita ou impressa, sendo a novidade da tipografia fator decisivo para este processo. GUMBRECHT. *Ibid.* Pág. 113.

¹² O *topos* História *Magistra Vitae*, associado ao antigo regime de historicidade, foi cunhado por Cícero ao referir-se aos modelos helenísticos, atentando para sua capacidade de tornar “imortal” o valioso conteúdo de experiência e instrução para a vida ali contidos. O *exemplum* antigo a respeito da utilidade da historiografia foi assim apropriado com objetivo pedagógico, perdurando até as escritas cristãs da história praticadas na primeira modernidade. KOSELLECK. *Ibid.* Pág. 41 - 47.

¹³ CERTEAU. *Ibid.* Pág. 10.

conformações das leituras do passado por temporalidades bíblicas implicam modos específicos de produção de estabilidade e de projeção da expectativa. Convertidos em baliza cronológica, o nascimento de Jesus e os registros de sua vida instauram uma relação vigorosa com o tempo, engendrando uma série de práticas que congregam as doutrinas e os modos de ordenação do tempo expressos naquilo que chamamos de escritas cristãs da história. A expressão “escrita cristã da história” vem designar um modo de rearticulação das tradições judaico-cristã e do antigo Mediterrâneo na vigência de um ordenamento cristão do tempo, sob a perspectiva da “história da salvação”, que reconhece o Deus cristão como fonte da liberação da temporalidade, dando centralidade à “passagem” do Messias pela vida terrena como acontecimento que qualifica o tempo intermediário na promessa escatológica de um futuro pleno (eterno) com a salvação no Cristo Redentor.¹⁴

Todavia, o contato e apropriações de tradições do oriente próximo é um elemento marcante na elaboração da historiografia do Mediterrâneo antigo, lugar das “raízes clássicas da historiografia moderna”. Por exemplo, o esquema metálico de sucessão das monarquias presente no livro do profeta Daniel – usado pelos gregos desde Heródoto¹⁵ – já evoca uma ordenação estabilizante “dos tempos”, via perspectiva apocalíptica, em direção à eternidade do reino de Deus. Os câmbios das estruturas ou suas atualizações são ligados ao seu “alcance” ou seu potencial de estabilização. O modelo Agostiniano de idades do mundo, que recuperou também o esquema de sucessão dos impérios, vigente ainda até o século XVII, foi adaptado na divisão tripartite dos tempos operada com o humanismo, valendo-se ainda do conceito de *translatio imperii*, elaborado durante o período que então passou a ser conhecido como Idade Média. Estes diferentes momentos são exemplos de modos de ordenamento e

¹⁴ Ao utilizá-la, concordamos com Michel de Certeau ao apontar que, “ainda no século XVI, continua-se admitindo que a moral e a religião tem uma mesma fonte: a referência ao Deus único organiza, em conjunto, uma revelação histórica e uma ordem do cosmo; ela faz das instituições cristãs a legibilidade de uma lei do mundo”. CERTEAU. *Ibid.* Pág. 10 e 153. Com efeito, Segundo Josep Fontana, durante o período de ruptura com a tradição clássica, ainda no século IV surgiam as primeiras “histórias cristãs”, ao passo que no século XII, já se vislumbrava a conversão da história universal – inclusive os clássicos – em história linear bíblica, a história da salvação, designada divinamente em seu curso completo. FONTANA, Josep. *A História dos homens*. Bauru: EDUSC, 2004. Pág. 66 – 68.

¹⁵ MOMIGLIANO, Arnaldo. *Daniel and the Greek Theory of Imperial Succession*. In: MOMIGLIANO, Arnaldo. *Essays on Ancient and Modern Judaism*. Chicago: University of Chicago Press, 1994. Apud. HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. Pág. 32.

produção de estabilidade que vigoraram reagindo a um modelo da antiguidade, identificado com a história *Magistra Vitae*.

Quando dizemos que temos o intuito de privilegiar o contexto que tornou possível a escrita da história do Inca Garcilaso, torna-se necessário esclarecer a noção de contexto aqui utilizada, entendida como uma ferramenta analítica das situações em que os atos de enunciação são proferidos, discriminando os usos específicos das categorias em determinado espaço e tempo. Trata-se da limitada recomposição do repertório utilizado e seus significados específicos para os enunciadores e auditórios. Sob este enfoque pretendemos contribuir na elaboração de novas abordagens da história da invasão europeia e do processo de conquista e colonização do Novo Mundo. Neste sentido, são bastante instrutivas as reflexões de Michel de Certeau.¹⁶ Apesar de se restringir a uma análise do caso francês no campo historiográfico, Certeau oferece um enquadramento metódico do trabalho do historiador, privilegiando a própria “operação historiográfica” e suas relações com as condições materiais de produção, enquanto objeto da reflexão do historiador. Nas palavras do autor:

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um *lugar* (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), *procedimentos* de análise (uma disciplina) e a construção de um *texto* (uma literatura). (Grifos no original).¹⁷

Estas premissas, não explícitas no discurso da história, permitem visualizar os inerentes *sistemas de referência* de toda interpretação concebida nas conformidades da configuração da “instituição histórica”, o “lugar” no qual se elaboram e se instauram os métodos, interesses, assim como a triagem da documentação e a organização das questões propostas. Segundo Certeau, a constituição de um lugar “científico”, – entenda-se aqui ciência como um “conjunto de regras que permitam ‘controlar’ *operações* destinadas à *produção* de objetos determinados” – significa uma “redistribuição do espaço social”, onde “a ruptura que torna possível a unidade social, chamada a se transformar na ‘ciência’, indica uma reclassificação global, em curso [durante os séculos XVI, XVII e XVIII]. [...] A instauração de um saber indissociável

¹⁶ CERTEAU, Michel de. A operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 2008. Pág. 65 - 119.

¹⁷ CERTEAU, Ibid. Pág. 66.

de uma instituição social”. Portanto, “o discurso ‘científico’ que *não fala* de sua relação com o corpo social é, precisamente, o objeto da história. Não se poderia tratar dela sem questionar o próprio discurso historiográfico”, ou seja, seria “impossível analisar o discurso histórico independentemente da instituição em função da qual ele se organiza silenciosamente.”¹⁸

Destarte, cabe ressaltar que o Inca Garcilaso de la Vega escreve como índio, porém, seu lugar efetivo de enunciação é a Europa cristã ocidental, abalada pela “descoberta” do Novo Mundo e dilacerada pelo fracionamento da Igreja. Conforme afirma Certeau, estas são as clivagens sociais que acompanharão o surgimento de “uma política e uma razão novas”, engendrando “um outro funcionamento da escrita e da palavra”.¹⁹ É precisamente este novo uso instrumental, que põe em relevo a pertinência epistemológica e social da palavra e da escrita, que servirá para “classificar os problemas que o sol nascente do ‘Novo Mundo’ e o crepúsculo da cristandade ‘medieval’ abrem a *intelligentsia*”.²⁰ Tomando como “lição” a escrita do huguenote Jean de Léry em sua *Histoire d’un voyage faict en la terre du Brèsil (1578)*, Certeau procura identificar este processo de transição ou modernização do uso da escrita, marcado pela crença em sua superioridade diante dos relatos orais. Pois somente à escrita se faculta a capacidade de captar as coisas em sua pureza, estendendo-as até os limites da civilização letrada. Enquanto a fábula oral, limitada ao seu auditório, não retém, esquecendo e perdendo a origem, a escrita acumula, tornando-se arquivo “intacto”.²¹

Em *Los Comentarios*, a escrita conquistadora “que invade o espaço e capitaliza o tempo” opondo-se a palavra, é também conquistada pelo colonizado, passando a

¹⁸ Ibid. Pág. 69, 70 e 71.

¹⁹ Esta mudança pode ser verificada a partir diferentes fenômenos, que abrem caminhos analíticos distintos. Enquanto para Certeau este novo uso está melhor ilustrado na problemática que envolve as experiências coloniais europeias de subjugação das culturas aborígenes e suas tradições orais ou na exotização das alteridades, Gumbrecht prefere investir na institucionalização do aparato burocrático engendrada pelo esforço colonial da Coroa Espanhola em sincronia com o advento da imprensa. Este novo modo de funcionamento da escrita comporta novas dinâmicas nas relações de poder, como a possibilidade de vigência do poder dos monarcas espanhóis nas colônias através de sua burocracia e a referida inferiorização das tradições orais e culturas dos nativos do Novo Mundo. CERTEAU. Ibid. 213. GUMBRECHT. Ibid. Pág. 111.113. Neste trabalho pretendemos adicionar a estes fenômenos as funções pragmáticas que foram então atribuídas aos sistemas linguísticos e suas relações com as condições de possibilidade de escrita da história na primeira modernidade.

²⁰ CERTEAU. Ibid. Pág. 213.

²¹ Ibid. Pág. 216, 217.

preencher a lacuna deixada pelos europeus e sua atividade tradutora. Portanto, a tradição oral dos Incas, identificada com o *runa simi*, assim como sua posição de observador de primeira ordem serão os principais apoios da autoridade do cronista mestiço, que reivindica com ímpeto o papel de tradutor apropriado entre as culturas que efetuavam um impressionante choque, permeado por desencontros linguísticos e enfrentamentos culturais.

Tendo como intuito oferecer um entendimento inicial das condições de possibilidade da produção historiográfica do Inca Garcilaso de la Vega, no capítulo I procuraremos traçar sucintamente sua formação de letrado, eventualmente dando relevo aos elementos cotidianos e ordinários,²² que constituíram estas ditas condições de elaboração e publicação da escrita cristã da história efetivada pelo historiador mestiço durante a primeira modernidade. De modo especial, pretendemos, na medida do possível, investir na reconstituição contextual das redes e círculos de contatos e amizades nas cortes espanhola e portuguesa, assim como seu esforço em obter reconhecimento entre os letrados e clérigos andaluzes, que tão caros lhe foram em seu aprendizado e domínio do castelhano, fundamental para sua empreitada literária no Velho Mundo. Evidentemente, não deixaremos de revisitar momentos biográficos, constantemente oferecidos e manejados pelo Inca em seus *Comentarios Reales de los Incas (1609)*, obra historiográfica que pode ser considerada como a principal investida do mestiço cuzquenho com a pluma em punho.

No segundo capítulo, serão desenvolvidas as questões relativas às percepções do próprio Inca Garcilaso quanto a *História*, sua forma de ver o *tempo* e a ação dele sobre os homens e as coisas. Primeiramente, para melhor compreender as opções tomadas pelo letrado mestiço em sua escrita da história, se fez necessário uma pequena incursão no mundo andino, na tradição histórica Inca e seus modos de entender, experimentar o tempo e as formas de registrar e transmitir o conhecimento do passado. Contudo, como poderemos observar, Garcilaso foi um homem profundamente cristão, derivando das concepções religiosas da contrarreforma parte de sua filosofia da história. Seu contato com as obras do renascimento italiano, a filosofia neoplatônica do Leão Hebreu e outras

²² A maior parte dos dados biográficos e elementos cotidianos da vida do Inca Garcilaso em Espanha foram trazidos à luz pelo trabalho incansável do erudito espanhol José de la Torre y del Cerro, que publicou *El Inca Garcilaso de la Vega: Nueva documentación*. (1935), reunindo uma série de documentos inéditos sobre o Inca. TORRE Y DEL CERRO, José de la. *El Inca Garcilaso de la Vega: Nueva documentación*. Madrid: Imprenta de José Murillo, 1935.

obras heterodoxas são mostras de seu *aggiornamento* em relação a cultura letrada europeia. Como faceta da análise dos recursos acionados pelo letrado mestiço em *Los Comentarios*, será dado devido relevo a problemática desenvolvida em torno dos conteúdos antigos e modernos, nuance de seu intenso contato com o humanismo europeu, como poderemos observar nas possibilidades de uso das categorias *historia divina* e *historia humana* e no destaque dado ao papel dos estudos linguísticos: a filologia, a retórica e as funções pragmáticas da língua e da escrita para os impérios na história dos homens.

A fim de proporcionar um panorama da trajetória crítica da escrita garcilasiana plasmada em *Los Comentarios*, no terceiro e derradeiro capítulo será oferecido um levantamento das abordagens do labor historiográfico do Inca Garcilaso em sua obra-prima. Inicialmente aceito com amplitude e em consonância com a crítica de sua contemporaneidade, *Los Comentarios* gozou de grande prestígio entre os letrados europeus do século XVII. Por ser descendente de sangue “real” Inca, protegido por membros da nobreza, seu relato seria confiável e verdadeiro. Esta crítica exterior ao texto, que valorizava a posição social da testemunha ocular, revela traços já conhecidos do regime de produção autoral que então emergia em torno da erudição patrocinada. Posteriormente, em fins do século XVII e início do XVIII, teria início uma nova linha crítica de leitura que provocou um desgaste da credibilidade dos primeiros relatos embasados na experiência em primeira mão. Valorizando a coerência interna dos textos e documentos, a legitimidade estava condicionada a avaliação dos conteúdos filosóficos subjacentes, que direcionavam o olhar do observador, sendo necessário uma racionalização das deduções contidas em favor da captura da realidade empírica objetiva. Lida sob estes critérios, a escrita garcilasiana (e outras de seu gênero) foi desqualificada e acusada de fugir à realidade, para depois ser reabilitada por Humboldt apenas no início do século XIX. É também deste século a associação da narrativa garcilasiana a produção de histórias nacionais na América Latina. No século XX poderemos observar a intensificação dos estudos garcilasianos, que sob novas abordagens foram capazes de articular novas leituras, acompanhando o movimento de reestruturação da historiografia sobre o período colonial. Ao fim do capítulo, temos alguns exemplos de enfoques contemporâneos de relatos pioneiros como o do Inca

Garcilaso de la Vega, produzidos a partir dos novos paradigmas da crítica literária e da história da historiografia.

Quase 500 anos depois da invasão espanhola e do turbulento processo de conquista, a História dos Incas ou as imagens que deles foram produzidas a partir destas versões continuam dando margem para as mais diferentes apresentações do que acreditamos que tenha sido a presença e predomínio deste *runa** na porção terrestre continental que passou a ser conhecida como América. O *Tahuantinsuyu*, como era chamado pelos que nele viviam, constituiu uma unidade orgânica espacial e temporal na medida em que se refere a uma entidade que foi paulatinamente estabelecida através dos tempos em terras andinas. Suas bases repousavam na supremacia de um grupo específico, que exercia as funções de liderança ritual e administrativa, fundadas em seu caráter específico de descendência ancestral. Ao considerá-los um grupo humano que exerceu uma autoridade específica, marcada por suas instituições próprias, poderíamos ceder aos protocolos de costume e designar os Incas a partir das categorias e conceitos usuais na descrição de grupos humanos que predominaram ao longo da história dos homens. No entanto, preferimos nos perguntar: por que tendemos a aplicar denominações e palavras alheias ao descrever e narrar povos, em suma, diferentes uns dos outros?

Não acredito estar enganado ao considerar que, em primeira instância, o que nos permite a operação inicial de decodificação é a constatação da presença de elementos e estruturas *comuns* que entendemos como parte de um universo compartilhado e acessível, ainda que em medidas desconhecidas, a todos os agrupamentos humanos. Esta perspectiva antropológica e fenomenológica vem reforçar a intenção deste estudo, evitando abordagens unilaterais, que reproduzem a ideia de silenciamento dos povos autóctones submetidos ao processo de colonização, o intuito deste trabalho é mostrar como, em um movimento recíproco de interpenetração, as realidades particulares se transformaram, sem, no entanto, sacrificar seu potencial criativo original, manifesto no abundante corpus de textos e artefatos produzidos a partir deste choque de culturas sem precedentes.

* *Runa* é correntemente traduzido como *povo* no idioma *Runa Simi*, ou fala do povo. Alguns traduziram o último termo como língua cortesã dos Incas.

As modestas linhas que se seguem pretendem dar uma pequena mostra da complexidade que envolve as experiências cotidianas que pautaram o labor historiográfico na primeira modernidade, momento de amplificação dos campos reflexivos e transformação do pensamento e prática políticos nos reinos cristãos europeus e suas novas possessões ultramarinas. De tais transformações, foi emblemático exemplo a escrita garcilasiana, empenhada em oferecer uma imagem da supremacia Inca nos termos que circularam no período analisado. Sua atividade literária contou com a relativa proteção da nobreza européia, sendo escrita sob a tutela dos padres e letrados andaluzes, e sob a censura da Inquisição espanhola, que nas últimas décadas do século XVI e início do XVII, dificultou a publicação e circulação da historiografia Indiana não oficial. Principalmente das obras heterodoxas, com conteúdos que poderiam contradizer a moral cristã.

Capítulo I

Um inca mestiço na Europa: sobre as condições de possibilidade da elaboração da escrita da história nos *Comentarios Reales de los Incas*.

É, no mínimo, notável o modo como muitos de nossos contemporâneos procuram especificar o caráter particular da “globalização” como um traço particular de nosso tempo, ainda que pouco saibamos da intensidade dos contatos entre os povos em um passado não tão recente, mas sem dúvida, ainda presente. Novos entendimentos da história dos homens são agora possíveis por meio dos estudos das conexões entre os diferentes mundos, que, conforme afirma Garcilaso no Capítulo I dos *Comentarios Reales de Los Incas*, são um mesmo mundo. É este mundo interligado e já conhecido em seus limites que se apresenta ao letrado natural de Cuzco no curso de sua história. A conectividade das histórias e mundos em contato na primeira modernidade, conforme procuraremos aludir, não solapou o potencial criativo original das culturas que passaram a efetivar constantes interpenetrações. A esta ampliação de possibilidades corresponde a escrita historiográfica de Garcilaso de la Vega.

Infância e juventude de um mestiço.

Nascido aos 12 de abril de 1539, seis anos após o regicídio de Atahualpa, o filho do Capitão natural de Extremadura Sebastián Garcilaso de la Vega e da “princesa” Inca Chimpu Ocllo cresce na atribulada Cuzco do início do período colonial até os 20 anos, quando trasladou-se para Espanha em busca das mercês pelos serviços prestados por seu pai. Apesar de sua condição de mestiço, menosprezada tanto em Europa quanto no *Tahuantinsuyu*, descendeu de uma nobre linhagem cavalheiresca e do sangue “real” Inca. Tendo sido batizado sob o nome Gómez Suárez de Figueroa, sua educação inicial foi entregue aos cuidados de Juan de Alcobaza, quando teve contato com outros filhos dos conquistadores em fase de alfabetização. Mais tarde eventualmente estudou latinidades com preceptores contratados, até ingressar nos cursos oferecidos pelo clérigo

Juan de Cuéllar, canônico da catedral de Cuzco a partir de 1552, onde conviveu com muitos mestiços filhos da linhagem Incaica, conforme relata em seus *Comentarios*.²³

Ainda que o cronista Garcilaso se esforce em oferecer uma imagem branda de sua infância, o jovem Gómez Suárez viveu os anos das guerras entre os conquistadores, na qual seu pai teria ingrata participação.²⁴ Após a intervenção de La Gasca no litígio entre os conquistadores, os impulsos centralizadores da Coroa lograriam algum êxito contra a cobiça e o individualismo dos protagonistas da invasão espanhola. Neste processo, o capitão Garcilaso de Vega foi nomeado Corregedor de Cuzco, permanecendo dois anos no cargo (1554-56).²⁵ A mãe do então jovem Gómez Suárez não desfrutaria das boas condições que esta posição trouxe ao capitão, uma vez que este, ao seguir as recomendações da coroa, que aconselhava o casamento entre *vecinos*, a havia abandonado para, em 1549, contrair matrimônio com Luisa Martel de apenas 14 anos, filha de espanhóis nascida no Panamá. Por sua vez, Chimpu Oclo, que foi batizada com o nome de Isabel Suárez, casou-se com Juan del Pedroche.²⁶

O filho de Garcilaso continuaria a viver na casa do pai, que lhe deu parte de uma chácara, cuja outra metade viria a ser comprada pelo mesmo Gómez Suárez em 1558. Ao contrário do que se poderia supor, a separação dos pais não lhe privou do ambiente materno, onde conviveu com os tios e outros parentes Incas, já expropriados da majestade de outrora. Este momento pode ser considerado fundamental, pois é quando o aflora mais intensamente o interesse pelos costumes e histórias dos antepassados Incas, que parece haver despertado no descendente um valor e orgulho das raízes andinas, as quais passou a perscrutar durante as conversações com os anciões Incas. Ademais de entrevistas com a mãe e seu tio Huallpa Tupac Inca Yupanqui, travou longos diálogos com os “capitães” de seu tio avô Inca Huayna Cápac, Juan Pechuta e Chauca Rimachi,

²³ VEGA, El Inca Garcilaso. *Primera parte de los / Comentarios Reales / que tratan del ori- / gen de los Yncas, Reyes que fue- / ron del Perv, de sv idolatria, leyes y / gobierno en paz y en guerra: de fus vidas y con- / quistas, y de todo lo que fue aquel Imperio y / fu Republica, antes que los Epaña- / les paffaran a el. / Efcritos por el Ynca Garcilaffo de la Vega, natural del Cozco, / y capitán de fu Mageftad*. Lisboa: En la officina de Pedro Crasbeeck. 1609. Livro IX, Cap. 38.

²⁴ Em 1547, na batalha de Huarina, o capitão Sebastián Garcilaso de la Vega, num ato entendido como de fidalguia pelo letrado mestiço, cedeu seu cavalo *Salinillas* ao rebelde Gozalo Pizarro, sendo depois acusado de haver cometido o delito de lesa majestade. BERNAND, Carmen. *Un Inca Platonicien – Garcilaso de la Vega (1539 – 1616)*. Fayard, 2006. Pág. 97. Também em: QUESADA, Aurélio Miró. *El Inca Garcilaso y otros estudios Garcilasistas*. Ediciones Cultura Hispánica. Madrid, 1971. Pág 35.

²⁵ BERNAND. *Ibid.* Pág. 85. QUESADA. *Ibid.* Pág. 59.

²⁶ BERNAND. *Ibid.* Pág. 102. Este casamento de sua mãe com um simples lacaio, conquistador desprovido sangue nobre e de títulos, pode não ter agradado o letrado mestiço, uma vez que Pedroche não é mencionado por Garcilaso em seus escritos. QUESADA. *Ibid.* Pág. 60, 61.

enaltecedores daquele “império” em seus tempos literalmente dourados. Por outro lado, as atitudes de Atahualpa ainda povoavam a memória dos membros ainda vivos da *panaca* cuzquenha Capac Ayllu, como o Inca Paullu e seu irmão Titu Auqui, filhos de Huayna Cápac.²⁷

As visitas de *Incas* e *Pallas* parentes à casa de Chimpu Ocllo eram uma mescla de regozijo – ao tratar das origens de seus soberanos e suas virtudes tão louvadas – e de grande melancolia, culminando a sua maioria em prantos pela perda de seu “reinado”. Estas narrações e clamores eram proferidas no idioma difundido pela estirpe por toda extensão de seu *Tahuantinsuyu*, o *Runa Simi*, conhecido vulgarmente como quéchua ou língua geral dos Incas. O próprio Inca Garcilaso, quando da elaboração de seus *Comentarios*, recordaria e confirmaria a atenção que dava a estes discursos, alegando e comprovando sua autoridade no conhecimento deste idioma com as frequentes incursões filológicas de sua escrita, instrumentalizadas em suas desqualificações dos historiadores castelhanos. Podemos associar a este elemento um outro, igualmente importante e também advogado pelo cronista mestiço: o fato de poder ter estado presente e ainda alcançar e *ver*, com a mesma atenção supracitada, muitos dos costumes narrados em seus *Comentarios*. É difícil não notar o gosto nutrido pelas descrições das paisagens e rituais no discurso em primeira pessoa, valorizando sua posição de observador de primeira ordem, ainda que de um mundo que não exista mais integralmente em sua forma isolada dos europeus, por estar em processo de desmonte e interpenetração.

É nessas condições que Gómez Suárez assiste ao retorno do Inca Sayri Tupac de seu refúgio. O vislumbre é relatado no capítulo XXVIII do sexto livro de *Los Comentarios Reales de Los Incas* (1609), onde descreve os ornamentos das vestes exclusivas da estirpe Inca quando da chegada daquele Inca à cidade Cuzco em 1558.²⁸ Ao mesmo tempo em que se fortaleciam os laços com a cultura materna vivenciada cotidianamente e na casa de Chimpu Ocllo, também era cultivada admiração pela tradição cavalheiresca personificada por seu progenitor, o conquistador capitão Garcilaso de la Vega, e que viria a ser enaltecida já em seu primeiro trabalho historiográfico, *La Florida del Ynca* (1605). O contato iniciado na infância fluiu até os

²⁷ Ibid. Pág. 62,63.

²⁸ *Comentarios*. Libro VI. Cap. 28.

últimos anos de Cuzco, relacionando-se com muitos dos *vecinos* que circulavam na residência de seu pai, a quem serviu de escrevente de cartas neste período que viria a ser final em terras andinas.²⁹ Este momento é considerado singular por Hans Ulrich Gumbrecht, posto que se inicia um contato com o incipiente sistema burocrático espanhol, sua linguagem jurídica e com o poder da palavra escrita.³⁰ Um dos traços definitivos da escrita garcilasiana, ao qual daremos o devido tratamento posteriormente, é a evidente cristianização sofrida durante a juventude, que passou a se constituir como parte elementar da visão de mundo e da noção de historicidade plasmada nos *Comentarios*.

Além do mar-oceano.

Ao adoecer, o capitão Garcilaso decide redigir seu testamento, que foi lido no dia seguinte à sua morte em 18 de Maio de 1559. Dentre as disposições testamentárias estava o provimento de 4 mil pesos em ouro e prata para que o jovem cuzquenho fosse à Espanha estudar, ao passo que tal quantia foi entregue aos cuidados de seus tios paternos que viviam no Velho Mundo.³¹ Após conceder o usufruto de seus bens a sua mãe Isabel Chimpu Ocllo, empenhado em cumprir a vontade do pai e visando pleitear junto à Coroa as divisas que seriam de direito de seus progenitores, Gómez Suárez estava pronto para partir de sua terra natal.³² De acordo com o relato do cronista mestiço, ao despedir-se do licenciado Polo de Ondegardo, este lhe fez questão mostrar as recém descobertas múmias Incas, que o jovem cuzquenho acreditou ser de cinco representantes da estirpe Inca, a saber, os soberanos Viracocha, Huayna Cápac e seu bisavô Tupac Yupanqui, além das *Coyas* Mama Runtu e Mama Ocllo, companheiras de Viracocha e Tupac Yupanqui, respectivamente.³³ Os relatos dos cronistas coincidem em afirmar a extrema conservação dos corpos mumificados, todos em vestes e ornamentos

²⁹ QUESADA. Ibid. Pág. 67.

³⁰ GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Ed. 34, 1998. Pág. 131-135.

³¹ BERNAND. Ibid. Pág. 125; QUESADA. Ibid. Pág. 75.

³² *Testamento de Isabel Xuarez, o Chimpu Ocllo*. Citado por QUESADA. Ibid. Pág. 77.

³³ *Comentarios*. Libro V. Cap. XXIX. *La muerte del Inca Viracocha. El autor vio su cuerpo*.

típicos, divergindo, no entanto, quanto a identificação das múmias, que foram encontradas em diferentes sítios.³⁴

Como de costume nos tempos coloniais, Gómez Suárez partiu de Cuzco a cavalo, provavelmente no mês de Janeiro de 1560. Acompanhado, repetiu as escaladas e descidas da *puna* andina, percorrendo caminhos que serão descritos na redação de sua escrita da história. Até chegar em Lima, onde embarcaria rumo ao Panamá, sabe-se por seus *Comentarios* que fez parada na propriedade de Pedro López de Cazalla, que fora secretário de La Gasca.³⁵ Embora não haja precisão sobre o itinerário desta viagem, presume-se que seguiu caminho pelos vales e montanhas que pinta com esmero nas longas divagações sobre a paisagem andina, como o vale de Pachacámac, seguindo sentido a cidade dos Reis. Aos olhos do cuzquenho, Lima pareceu bem traçada e de edifícios adornados, observou a abundância dos frutos lá cultivados e vendidos na praça,³⁶ assim como conheceu os conventos das ordens católicas já instaladas em meados do século XVI.³⁷ Conforme nos indica Guillermo Lohmann Villena, em seu estudo sobre a estadia do futuro cronista na cidade de Lima, o jovem se encaminhou ao porto de Callao no dia 4 de Março de 1560, onde, antes de embarcar, vendeu o cavalo que pertenceu ao capitão Garcilaso, seu pai, e que lhe foi cedido por sua madrasta Luisa Martel para aquela jornada.³⁸

Com exceção da brisa que arrastou a embarcação até a ilha de Gorgona, onde todos temeram perecer, e dos três dias em que estiveram no cabo de Pasau, bem próximo a linha do Equador, para repor lenha e água, a viagem até o Panamá parece ter sido agradável. Nesta ocasião em que esteve no cabo viu os autóctones nus, a quem descreveria depois como bárbaros e selvagens que, em sua vulgaridade, não gozavam de racionalidade ou sequer conseguiam se comunicar efetivamente. Após ficar alguns dias na cidade cruzaram o istmo para embarcar junto a frota que, de acordo com os

³⁴ A controvérsia relacionada a troca de identidade das múmias é um dos pontos de fragilidade do enredo garcilasiano. Sobre este aspecto, consultar ROSTWOROWSKI, María. *Historia del Tahuantinsuyu*. 2ª ed. Lima: IEP/PromPerú, 1999. Pág. 66. Também em BERNAND. *Ibid.* Pág. 126; QUESADA. *Ibid.* Pág. 78.

³⁵ *Comentarios*. Libro 9. Cap. XXVI.

³⁶ VEGA, Inca Garcilaso de la. *Historia / general del / Perv / trata el descubrimiento del / y como lo ganaron los Españoles, las guerras civiles / que huvo entre Piçarros, y Almagros fobre la partiça / de la tierra. Castigo y levantamiêto de tyranos: y otros suceffos particulares que en la hiftoria fe contienen / escrita por el Ynca Garcilasso de la Vega, Capitan de fu Magestad*. Córdoba: por la Viuda de Andres Barrera y à su costa, 1617. Libro II cap. 17.

³⁷ *Ibid.* Libro VIII, Cap. 4.

³⁸ LOHMANN VILLENA, Guillermo. "El Inca Garcilaso de la Vega en Lima. Un documento inédito suyo" En: *Revista histórica: órgano de la Academia nacional de la historia*, Lima, 1962. 26. Pág. 311-318.

protocolos de costume, se deteve alguns dias em Cartagena, onde novamente se deparou com ameríndios nus antes de partir para Espanha.³⁹ Outro costume que não é mencionado pelo cronista é a possível passagem por Havana, onde se aguardava a frota vinda do México para que juntos empreendessem a travessia do Oceano Atlântico, apoiando-se na defesa de eventuais ataques piratas.⁴⁰

O mestiço Gómez Suárez fez sua entrada no continente europeu no porto de Lisboa, a capital onde viriam a ser impressos os *Comentarios Reales de Los Incas* (1609), para em seguida embarcar novamente rumo ao sul para entrar em Espanha por Sevilla, a suntuosa porta das Índias Ocidentais.⁴¹ Esta metáfora já nos permite buscar o entendimento das escalas e proporções dos contatos, sobretudo das redes e conexões que então se estabeleciam entre as partes do mundo nesta conjuntura. Naquele momento o viajante cuzquenho recém-chegado contava apenas com algum dinheiro, dado por sua mãe antes de sua partida e que, mesmo sendo pouco, foi o suficiente para, antes de seguir viagem sentido Extremadura, comprar um novo par de sapatos para substituir os que haviam rasgado nas andanças pela cidade espanhola.⁴²

Embora se queixasse frequentemente de sua situação econômica, a vida do cuzquenho em Espanha não foi de nenhum modo precária. Ao chegar na província de seus parentes paternos procurou averiguar o paradeiro de sua irmã, a quem o capitão Garcilaso havia deixado parte de sua herança.⁴³ Como não foi possível localizá-la, Gómez Suárez tornou-se o único herdeiro de seu pai em Espanha, de modo que herdou a quantia designada a sua desconhecida irmã, além do dinheiro que, por variados intermédios legais chegou às mãos de um de seus tios, o homônimo Gómez Suárez de Figueroa y Vargas, responsável pelas aplicações de dita herança. Entrementes, a viagem ainda continuaria até a casa de Alonso de Vargas y Figueroa, irmão do capitão que vivia em Montilla com sua esposa Luisa Ponce de León, ao lado de quem figurou como padrinho do filho de um casal de *vecinos* montilhanos em novembro de 1561.⁴⁴

³⁹ *Comentarios*. Libro I, Cap. XIII.

⁴⁰ QUESADA. *Ibid.* Pág. 85. Ainda assim seria presunçoso insistir nesta inferência, uma vez que, embora este procedimento viesse a se tornar obrigatório, muitas embarcações o “boicotavam”.

⁴¹ *Comentarios*. Libro IX, Cap. XVII.

⁴² *Historia General del Perv.* Libro I. Cap. 6.

⁴³ Não existem documentos ou dados que comprovem a existência desta Irmã de Garcilaso na Espanha, a não ser o testamento de seu pai.

⁴⁴ QUESADA. *Ibid.* Pág. 86, 87.

No final do mesmo ano Gómez Suárez viaja para Madri no intento de pleitear junto ao Conselho das Índias as mercês reais, que acreditava lhes serem de direito por reconhecimento oficial dos serviços prestados por seu pai no Novo Mundo. Nesta empresa esteve empenhado por todo ano de 1562 e parte de 1563, vivendo em uma pousada simples. Em suas incansáveis demandas diante do Conselho das Índias, teve a oportunidade de encontrar com proeminentes personagens como o dominicano Bartolomé de Las Casas e o ex-governador Licenciado Cristóbal Vaca de Castro, entre outros. Para seu desapontamento, quando o processo parecia se resolver a seu favor, Lope Garcia de Castro, conselheiro que viria a ser o governador do Peru, desqualificou suas petições, acusando seu pai de traição na batalha de Huarina, episódio em que o capitão cedeu seu cavalo *Salinillas* ao rebelde Gonzalo Pizarro. Garcia de Castro repreendeu as argumentações do jovem mestiço com a afirmação provocativa: o que está escrito pelos historiadores não se pode negar,⁴⁵ aludindo muito provavelmente à *Historia General de las Indias* (1552), escrita por Francisco López de Gómara e publicada em Zaragoza.⁴⁶

Capitão de sua Majestade: *El Inca Garcilaso de la Vega com a espada.*

Desbaratadas suas intenções junto ao conselho das Índias, segundo é possível inferir pelos documentos encontrados, o jovem desejou retornar ao Novo Mundo, tendo seu pedido atendido na cédula assinada pelo rei Felipe II em Madri, aos 23 de Junho de 1563. Todavia, as condições para o retorno parecem não ter sido as que Gómez Suárez havia planejado, pois, como bem sabemos, este retorno nunca aconteceu.⁴⁷ Já em 17 de Novembro aparece novamente como padrinho nos registros da paróquia de São Tiago, em Montilha, onde viveria sob a proteção de seu tio Alonso de Vargas. Apenas cinco dias depois, uma mudança se projeta: no batismo do dia 22 de Novembro não aparece mais como Gómez Suárez, mas sim como Garcilaso de la Vega, passando a assumir definitivamente o nome de seu pai, o capitão conquistador. Entre os anos de 1564 e

⁴⁵ *Historia General del Peru*. Libro V. Cap. 23.

⁴⁶ No capítulo 181 de sua *Historia*, o historiador pondera: “Pizarro corriera peligro si Garcilaso no le diera un caballo”. Citado por QUESADA. Ibid. Pág. 89.

⁴⁷ Podemos admitir que Gómez Suárez tenha planejado ficar em Sevilla depois de frustrada sua tentativa de retorno. Fato é que nesse intervalo o mestiço obteve a bula que lhe autorizou a exumação do corpo de seu pai para sepulta-lo na igreja de Santo Isidoro nesta cidade. Ibid. Pág. 91

1569 reaparece como padrinho em vários batizados, até ser convocado para compor as fileiras da tropa do Marquês de Priego, que apoiou as forças reais sob o comando de Juan de Áustria, na repressão da rebelião dos Mouros das Alpujarras de Granada, um dos conflitos mais brutais do século XVI, que havia estourado na noite de Natal de 1568.⁴⁸

Garcilaso ingressa oficialmente no conflito em Março de 1570. Nomeado capitão de 300 homens pelo rei Felipe II, recebe as ordens de encontrar e castigar os eventuais desertores. Sua breve, mas eficiente participação nas campanhas certamente foi um exercício agradável das lições de guerra aprendidas na juventude cuzquenha, pois em 17 de Fevereiro de 1571 volta a viver a pacata vida cordobesa, apadrinhando mais uma criança. Quando esteve em Montilha em meados do ano anterior acompanhou os últimos momentos de seu tio e protetor Alonso de Vargas, há muito adoecido. Seu testamento, entregue ao tabelião na época em que seu sobrinho partia para guerra, determinava que, como não tinha filhos, seus bens passariam a pertencer a sua esposa Luisa Ponce de León, estipulando ainda que, em caso de morte da viúva os bens seriam repartidos entre a irmã de Alonso e seu sobrinho natural de Cuzco.⁴⁹

Um letrado mestiço: a tradução dos *Dialoghi d'Amore*.

Com mais de 30 anos e relativamente estável economicamente, o agora capitão Garcilaso de la Vega fixa-se em Montilha, onde viria a saber tardiamente do falecimento de sua mãe Isabel Chimpu Ocllo em Cuzco, nos fins de 1571. Em seu testamento somente menciona a seu filho Gómez Suárez ao se referir à chácara por ele deixada para seu usufruto.⁵⁰ Sua vida simples de solícito *vecino* e padrinho, somente

⁴⁸ A pragmática de 17 de Novembro de 1566, onde Felipe II acabou com o clima de tolerância proibindo aos muçulmanos falar, ler e escrever em árabe, de usar trajes e nomes típicos, assim como fazer suas festas, incitou aos mouros de Granada a se rebelarem em defesa de sua tradição e contra os abusos a muito praticados pelos espanhóis. Ibid. Pág. 93. Neste mesmo período se dava a investida final contra a resistência inca nos Andes. A repressão inquisitória teve de lidar com um movimento de retorno aos cultos pagãos chamado *taki onkoi*, que mostrou a fragilidade da cristianização dos andinos. BERNAND, Carmen. *Un Inca Platonicien – Garcilaso de la Vega (1539 – 1616)*. Fayard, 2006. Pág. 148-159. DONGHI, Tulio Haperin. *Historiografía Colonial Hispano- Americana e Multiculturalismo: a História da Colonização entre a Perspectiva do Colonizador e a do Colonizado*. Estudos Históricos, nº20. 1997. Pág. 163 – 193.

⁴⁹ QUESADA. Ibid. Pág. 94, 95.

⁵⁰ Ibid. Pág. 99.

interrompida por sua vagem à Sevilha em 1579,⁵¹ seguiu calma ao lado de sua tia Luisa Ponce de León, que veio a falecer na semana santa de 1586.⁵² Até 1591, quando se muda definitivamente para Córdoba, os anos passados foram muito propícios para a leitura e estudo, período em que Garcilaso forjou seu primeiro trabalho literário, *La traduzion del indio de los tres Dialogos de Amor / de Leon Hebreo; hecha de italiano en español por Garcilasso Inga de la Vega* (1590), publicada em Madrid por meio das prensas de Pedro Madrigal.

Neste momento, nos chama a atenção duas opções tomadas pelo mestiço cuzquenho, que muito nos dizem das condições de possibilidade da escrita e publicação de sua obra. A primeira, é a opção explícita por nomear-se *índio*, e não somente um índio, mas um *Inca*, nome utilizado somente pelos descendentes da estirpe de líderes. Sua identidade está atrelada a sua ação como letrado e autor, elemento que está estritamente relacionado com as possibilidades de escrever e publicar em Espanha de fins do século XVI e início do XVII. A outra é a escolha da obra a ser traduzida, escrita por Yehuda bem Yitzhak Abravanel ou Judah Abravanel, o Leão Hebreu. Esta última vem confirmar a diversidade de culturas que estavam em contato naquela conjuntura, ao articular em sua escrita e formação de mestiço letrado as lições filosóficas neoplatônicas dos *Dialoghi d'Amore* (1535), publicados pela primeira vez em Roma, após a morte de seu autor.⁵³ A tradução efetivada pelo Inca Garcilaso foi a terceira versão em castelhano, sendo a primeira publicada em Veneza no ano de 1567, pela pena de Guedella Yahia, judeu português amigo da família Abravanel. A tradução para o castelhano anterior a do cuzquenho é a de Carlos Montesa e foi impressa em Zaragoza em 1584. A estas versões, precederam as traduções para o francês, ambas aparecidas em Lyon, quase em simultâneo, em 1551, uma versão anônima e outra assinada pelo pseudônimo *Seigneur du Parc*.⁵⁴

Este breve levantamento mostra a importância de Yehuda Abravanel como ilustre letrado entre os escritores hebreus de fins do século XV e início do XVI. Sua família, desde muito radicada na Espanha, fugiu das perseguições consecutivas aos judeus na Europa. Vivendo inicialmente em Valencia, onde Samuel Abravanel foi o mais

⁵¹ *Comentarios*. Libro VIII. Cap. XXIII.

⁵² QUESADA. *Ibid.* Pág. 105.

⁵³ *Ibid.* Pág. 115.

⁵⁴ *Ibid.* Pág. 119.

rico dos judeus, ao final do século XIV, a família passou a viver em Sevilha, sob nomes falsos. Já em Lisboa, Samuel com o filho Judah e o neto Isaac, que foi tesoureiro do rei Afonso V, travariam fortes laços com a casa dinástica de Bragança. Envolvidos em um rumor de conspiração contra o recém-coroadado Juan II, que culminou na morte do Duque de Bragança, amigo de Isaac, a família parte em fuga novamente e este último consegue escapar para a Espanha, onde pouco a pouco foi reunindo os filhos que nasceram em Lisboa, entre eles o médico e filósofo Yehuda ou Judah Abravanel, nascido entre 1460 e 1465.⁵⁵

Sua obra de maior circulação, escrita em meio às perseguições que colocaram os Abravanel em uma segunda diáspora,⁵⁶ são os *Dialoghi d'Amore* (1535). Composto em um diálogo de três partes, o livro versa sobre o Amor como essência divina da união e da harmonia entre as partes da existência, explicitando sua filiação ao neoplatonismo que então reagia contra as correntes aristotélicas. Ambas digeridas pelo pensamento medieval, estas linhas de pensamento receberam novos tratamentos pelos esforços constantes dos ávidos pesquisadores e filósofos humanistas e pensadores escolásticos. Nesta atmosfera específica, o ímpeto sincrético do pensamento desenvolvido por Yehuda corroborava com o gosto pela integração e equilíbrio, pilares do pensamento doutrinário no Renascimento. As citações de Platão e as alusões à mitologia grega confirmam sua autoridade como estudioso de filologia e da antiguidade clássica do Mediterrâneo. Além de seu conhecimento sobre o Talmude e a Kabala, também pesquisou sobre a escolástica árabe, judaica e latina, sempre que possível, recorrendo aos grandes autores judeus espanhóis.⁵⁷

Amplamente reconhecido no contexto supracitado, o Leão Hebreu e seus *Dialoghi d'Amore* despertaram a curiosidade dos letrados e eruditos, interessados no estudo das tradições que se conformavam no conhecimento produzido a partir do amálgama cultural em curso na primeira modernidade. São estes mesmos letrados e eruditos, antiquários e filólogos, filósofos, clérigos e médicos que formaram variadas

⁵⁵ BERNAND. Ibid. Pág. 27. QUESADA. Ibid. Pág. 113.

⁵⁶ Tendo sido iniciada a perseguição autorizada pela Provisão real de 1492, que expulsava os judeus da Espanha, a família Abravanel empreende nova fuga para Nápoles, onde Yehuda teria, mais uma vez, notável atuação como médico real. Com a invasão francesa a família se separa e Yehuda vai para Gênova onde seus serviços como médico são valorizados. Ao se reverter a situação em Nápoles, Yehuda e seu irmão Samuel retornam para fixar raízes. Ibid. Pág. 114, 115.

⁵⁷ RODRIGUES, Manoel Augusto. *A obra poética de Leão Hebreu: "A lamentação sobre a Morte de seu Pai"*. Actas de las Jornadas de Estudios Sefardíes Universidad de Extremadura (separata). Cáceres, 1980. BERNAND. 2006. Pág. 169. QUESADA. Ibid. Pág. 117, 118 e 119.

redes de contatos e trocas de conhecimentos, nas quais o letrado cuzquenho procurou se inserir, contribuindo especificamente como uma autoridade no *runa simi* e referência na leitura do que pode ter sido a realidade autóctone antes da invasão espanhola. Ademais da evidente interdependência de Garcilaso em relação aos círculos de letrados e eruditos, outro elemento deve receber um tratamento adequado, a saber, as condições de produção autoral, intimamente ligadas ao favorecimento dos membros da nobreza espanhola.

Proteção e censura: historiografia e autonomia autoral nos reinos cristãos.

O árduo trabalho de tradução dos *Dialoghi*, conforme Garcilaso afirma em sua dedicatória a Dom Maximiliano de Áustria, escrita em 1589, teve início como uma forma de aproveitar a ociosidade de uma vida desprovida de mercês reais, deleitando-se com a “suavidade e doçura de sua filosofia”, traduzindo-o pouco a pouco para si próprio.

Y habiéndome entretenido algunos días en este ejercicio, lo vino a saber el padre Agustín de Herrera, maestro en santa Teología y erudito en muchas lenguas, preceptor y maestro de don Pedro Fernández de Córdoba y Figueroa, marqués de Priego, señor de la casa de Aguilar, y el padre Jerónimo de Prado de la Compañía de Jesús, que con mucha aceptación hoy lee escritura en la real ciudad de Córdoba, y el licenciado Pedro Sánchez de Herrera, teólogo, natural de Montilla, que años ha leyó Artes en la imperial Sevilla y a mi me las ha leído en particular, y últimamente lo supo el padre fray Fernando de Zarate, de la orden y religión de San Agustín, insigne maestro en santa Teología, catedrático jubilado de la Universidad de Osuna, y otros religiosos y personas graves que por no cansar a V. S. no las nombro. Todos ellos me mandaron e impusieron con gran instancia que pasase adelante en esta obra, con atención y cuidado de poner en ella toda la mejor lima que pudiese, que ellos me aseguraban que sería agradable y bien recibida. Bien entiendo que lo fuera si mis borriones no la deslucieran tanto, de que a V. S. y a todos los que les vieren suplico y pido perdón, que en mi caudal no hubo más.⁵⁸

⁵⁸ Edição digital a partir de *El reverso del tapiz: Antología de textos teóricos latinoamericanos sobre la traducción literaria*, Budapest, Eötvös József, 2003, pp. 131-133. Otra ed.: *Diálogos de amor de León Hebreo*, Madrid, 1590. Em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc1c2j9>. Acesso às 12:01 do dia 26/03/2015.

Através do fragmento acima podemos observar a densidade da textura do tecido social ao qual o Inca Garcilaso estava já incorporado quando da tradução dos *Dialoghi d'Amore*, em que podemos identificar alguns nichos específicos, como aquele da nobreza cortesã, representado pelas relações da família do marquês de Priego, Dom Pedro Fernandez de Córdoba y Figueroa e o próprio Maximiliano de Áustria, então conselheiro real, a quem o letrado mestiço redigiu duas cartas, sendo que, apenas uma delas parece ter chegado ao destino, obtendo sua resposta.⁵⁹ No ano de 1586 o trabalho de tradução dos diálogos neoplatônicos, dedicado a Felipe II, já estava terminado. A emblemática dedicatória apresenta o autor cuzquenho como “indio” filho da linhagem “real” Inca e do conquistador Garcilaso de la Vega e seu “miserável” tributo cultural, anunciando ainda a redação da história da Flórida e seu projeto de uma história da “cõquista de mi tierra”. Este “atrevimento” só foi possível porque Alonso de Herrera, filho do governador de Priego, informou ao conselheiro real das atividades de tradução do Inca Garcilaso. Para este último, tratava-se de intervenção divina, que lhe permitiria apresentar-se ao rei sob a “sombra” de Maximiliano de Áustria para oferecer seu pequeno serviço.⁶⁰

Uma segunda dedicatória a Maximiliano de Áustria, escrita em Las Posadas, jurisdição de Córdoba, no dia 7 de novembro de 1589, reforça os agradecimentos ao conselheiro real e anuncia novamente os próximos “tributos”. Pois, que seu atrevimento se devia em grande parte, ao desejo de servir de exemplo “*a los del Piru*”, passando agora a trabalhar para compor a “*relacion*” do “descobrimento” e conquista da Flórida por Hernando de Soto.

Concluyda efa relacion entendere em dar outra de las coftumbres, ritos, y cerimonias, que en la gentilidad de lo Ingas feñores que fueron del Piru, fe guardavan em fus reynos: para V.M. las vea defde fu origen y principio, efcritas com alguna mas certidumbre y propiedad, de lo que hafta aora fe han efcrito.⁶¹

⁵⁹ QUESADA. Ibid. Pág. 110, 111.

⁶⁰ VEGA, Inca Garcilaso de la. *La traduzion del indio de los tres Dialogos de Amor / de Leon Hebreo; hecha de italiano en español por Garcilasso Inga [sic] de la Vega*. Reproducción digital de la edición de En Madrid : en casa de Pedro Madrigal, 1590. Localización: Biblioteca Nacional (España). Sig. R/5706.

⁶¹ Ibidem.

Seu posicionamento perante os “outros historiadores”, a quem direcionará seu arsenal de crítica filológica, já é manifesto, assim como seu desejo de escrever uma história dos Incas, projeto que permanecerá principal mesmo quando da elaboração de *La Florida del Ynca: historia del adelantado Hernando de Soto, Governador y capitan general del Reyno de la Florida, y de otros heroicos caualleros españoles è indios / escrita por el Ynca Garcilasso de la Vega* (1605) baseado no relato do conquistador Gonzalo Silvestre.

Por outro lado, o apoio dos letrados e a relativa proteção de seu exercício autoral pela nobreza de Córdoba, não impediu que a tradução dos *Dialoghi d'Amore* fosse considerada imprópria para o público vulgar e retirada de circulação pela Inquisição.⁶² A caça aos hereges, que foi uma obsessão das autoridades eclesiásticas e civis até 1570, retorna à ordem dia com a questão dos “novos cristãos” no contexto da união das coroas portuguesa e espanhola, reativando o aparato repressivo da Inquisição. Chama a atenção o fato de a obra ter sido publicada, já que as listas de livros e autores proibidos elaboradas pela Inquisição espanhola entre 1553 e 1583 eram, em relação ao *index* tridentino publicado em Roma no ano de 1564, mais severas quanto à inclusão das obras em hebraico e em árabe, tratando igualmente os escritos com conteúdo popular supersticioso, condenando praticamente todas as obras em língua vulgar. Com efeito, um autor que figura no *index* tridentino, o Leão Hebreu, é totalmente proibido pelos censores espanhóis. Do mesmo modo, podemos considerar a existência de um certo favorecimento ao letrado mestiço, que pode ter contado com alguma indulgência por parte dos inquisidores cordobeses Francisco Gasca e Alonso López, já que sua biblioteca contava com muitos títulos discriminados no *index*.⁶³

⁶² *Historia General del Peru*. Prólogo a los índios mestiços y criollos.

⁶³ Em meados do século XVI, o livro era considerado um instrumento perigoso, suscetível de veicular conteúdos heterodoxos, tratados com desconfiança pelos reis católicos. A regulamentação que tratava de impedir a exportação de livros profanos ao Novo Mundo foi decretada em 1531 pela rainha Joana. Paulatinamente, a Inquisição passou a substituir os tribunais eclesiásticos, sendo publicada em 1551 a primeira lista de livros proibidos, elaborada pelos teólogos da universidade de Louvain, *Catalogi librorum reprobatorum, ex iudicio Academiae Louaniensis*, reproduzindo a lista romana, acrescida dos livros em espanhol. Em 1554 Felipe II e Carlos V decidem que, doravante, apenas o conselho real concederia licença de impressão. O *Index* tridentino de 1564, publicado em Roma definia a ortodoxia, todavia, o repertório espanhol das listas de 1564 e 1583 se mostraram mais severos. BERNAND. 2006. Pág. 164, 166.

O estudo pioneiro de José Durand,⁶⁴ baseado no inventário dos bens do Inca Garcilaso de la Vega, no qual consta a relação de livros encontrados em sua biblioteca, possibilitou a confirmação e o desbaratamento de muitas hipóteses e teses no que diz respeito a sua formação de letrado e às obras as quais teve acesso. Ao cotejar estas informações com o levantamento de obras citadas em *Los Comentarios*, feito por Jose de la Riva Agüero,⁶⁵ Durand procura esclarecer algumas lacunas da coleção de Garcilaso, se concentrando em sua formação como letrado humanista, representante do que se poderia chamar de renascentismo espanhol. A coleção do letrado mestiço, inventariada após sua morte em 1616, continha títulos que vão desde os afamados clássicos da antiguidade do Mediterrâneo e cânones do Renascimento, passando pela literatura religiosa e moral, contando ainda com tratados científicos e, evidentemente, obras historiográficas, entre outros.⁶⁶ Interessante notar a presença de dois catálogos de “libros providos” e um de “erejes”,⁶⁷ que discriminavam as obras de conteúdo heterodoxo. Com efeito, entre os livros proibidos pelo *index* da Inquisição espanhola que constam no inventário da biblioteca do Inca Garcilaso está *Della istituzione morale* (1560), uma das *Comedias* de Alessandro Piccolomini, publicada em Veneza, além de algumas edições dos diálogos do Leão Hebreu.⁶⁸ Conforme poderemos observar, o letrado cuzquenho, como qualquer estudioso que pretendia obter os “rudimentos humanistas”, se aproximou da cultura irradiada das cidades italianas na primeira modernidade.⁶⁹

Dos clássicos da antiguidade do Mediterrâneo presentes na biblioteca podemos citar *Della rettorica di Aristoteli* (Veneza, 1571), *Dialética* e os *Problemas de Aristóteles*, *Historia de la Guerra del Peloponeso* de Tucídides, *La Historia de Roma*, de Políbio, *Vida de los doce césares*, de Suetônio, *Las Tragédias* de Sêneca, entre

⁶⁴ DURAND, José. *La biblioteca del Inca*. Nueva Revista de Filología Hispánica, nº2. México, DF, 1948. Pág. 239-264. Juntamente com uma série de outros documentos, o inventário da biblioteca de Garcilaso foi publicado a primeira vez por José de la Torre y del Cerro em 1935. Felizmente, nos foi possível consultar a primeira reimpressão da obra de 2012. TORRE Y DEL CERRO, José de la. *El Inca Garcilaso de la Vega: Nueva documentación*. Sevilla: Publicaciones del Instituto Hispano-cubano de Historia de América. (Fundación Rafael G. Abreu), 2012.

⁶⁵ RIVA AGÜERO, José de la. *Elogio del Inca Garcilaso de la Vega*, en *Historia General del Perú: Segunda parte de los Comentarios Reales de los Incas*, ed. Ángel Rosenblat, Buenos Aires, Emecé, 1944.

⁶⁶ HAMPE MARTÍNEZ, Teodoro. *José Durand, Bibliófilo*. Revista de Indias, 1997, vol LVII, núm. 210. Pág. 546.

⁶⁷ TORRE Y DEL CERRO. *Ibid.* Pág. 223.

⁶⁸ DURAND, José. *Ibid.*

⁶⁹ BERNAND, Carmen. *Ibid.* Pág. 167, 225.

muitos outros títulos, da poesia à filosofia, passando pela cosmografia e medicina.⁷⁰ Nesta conjuntura, tradições agregadas pelos povos europeus, como a chamada greco-romana, foram confrontadas com as novas possibilidades inauguradas pelo estabelecimento das rotas do “Mar Oceano”. Os limites dos diferentes usos e apropriações deste legado cultural, que já estavam sendo analisados por estudiosos e eruditos do chamado Renascimento, teriam de ser relativizados por uma realidade considerada exótica.

Este redimensionamento se deu em função do brusco câmbio que significava a incorporação do Novo Mundo ao cristianismo ocidental. É conhecida a dificuldade enfrentada em descrever as terras das “Índias Ocidentais”, que foi acompanhada pela mentalidade medieval (povoada por concepções fantásticas) dos primeiros aventureiros.⁷¹ O advento de sociedades complexas como Astecas, Maias e Incas agravou ainda mais esta situação, posto que se fazia necessário um enquadramento destas culturas que garantisse a legitimidade da invasão e conquista. A pequena porção europeia letrada munida dos rudimentos necessários para a tarefa, se empenhou na elaboração dos mais diferentes tipos de relatos, visando produzir algum entendimento que pudesse estabilizar a imagem destes territórios e populações nos esquemas conhecidos.

Neste momento, estava em curso um movimento de renovação da prática historiográfica baseado nos exemplos dos autores da antiguidade clássica do Mediterrâneo, identificado como as bases da historiografia moderna. Ao lado dos testemunhos da “conquista” e das histórias gerais do reino de Castela, tomava corpo a Historiografia Indiana, que se ocupou dos eventos expansionistas dos reinos cristãos e da descrição dos novos territórios. Exceto a *Historia General da las Indias (1552)* de

⁷⁰ DURAND. Ibid.

⁷¹ As primeiras impressões da América, segundo Pagden, podem ser consideradas uma mescla de realidade com fenômenos naturais fantásticos extraídos da literatura imaginativa medieval, povoada por seres antropomórficos (sátiros, faunos, pigmeus e amazonas) e selvagens. Homens como o próprio Colombo, acreditavam que o “novo” sempre poderia ser descrito, de forma satisfatória, “por meio de uma analogia simples e direta com o antigo”. Evidente que esta crença não duraria muito. Os problemas intelectuais oriundos de um efetivo processo de estabelecimento em território ameríndio significavam a necessidade imediata de algum sistema de classificação que permitisse uma descrição “verdadeira”, o que efetivamente não era possível na época. Os métodos rudimentares de descrição e analogia dos primeiros europeus a se estabelecerem na América careciam, de forma particular, de consistência etimológica e semântica. As dificuldades estão manifestas, nas tentativas de encontrar palavras para descrever a natureza local. PAGDEN, Anthony. *La caída del hombre natural: El indio americano y los Orígenes de la etnología comparativa*. Pág. 29 – 34

López de Gómara – obra citada diretamente pelo cronista mestiço – entre os anos de 1522 e 1535, grande parte das obras historiográficas de referência empírica para os debates posteriores sobre a natureza do autóctone do Novo Mundo já haviam sido publicadas. Além das afamadas *Cartas de relación* de Hernán Cortés, que conheceram várias edições em cinco línguas entre 1522 e 1525, já circulavam exemplares do *Sumario de la natural historia de las Indias* (1526) escrito por Gonzalo Fernandez Oviedo, cujo exemplar possuía o Inca. Em 1530 foi publicado *De orbe novo*, de Pedro Martir de Anglería, considerada por Anthony Pagden como a primeira história completa do Novo Mundo para o público letrado. A *Verdadera relación de la conquista del Peru*, escrita por Francisco Jerez, foi impressa no ano de 1534 em espanhol, alemão e francês. No ano seguinte apareceria em Sevilha a primeira parte da *Historia general e natural de las Indias* de Oviedo. A posterior intensificação da produção de livros sobre as índias pode ser considerada como uma reação direta as conquistas de Hernán Cortés e de Francisco Pizarro.⁷²

Em um ambiente de rigidez interpretativa, dominado pelas crônicas oficiais e censurado pela Inquisição, a contribuição dos autores descendentes de autóctones é um novo elemento,⁷³ e *La Florida del Ynca* é o trabalho que corresponde a primeira contribuição propriamente historiográfica do letrado mestiço, publicada em Lisboa no ano 1605, pela prensa de Pedro Crasbeeck. A obra, anunciada em 1586 na primeira dedicatória a Felipe II da tradução dos *Dialoghi d'Amore*, já estava concluída quando da redação da segunda dedicatória ao rei, de 7 de Novembro de 1589. Esta história dos feitos dos conquistadores espanhóis na porção terrestre que ficou conhecida como Flórida, foi redigida pelo letrado mestiço com base nas entrevistas que teve com Gonzalo Silvestre, que após acompanhar Hernando De Soto na conquista daquele território, lutou nas guerras entre os conquistadores nos Andes. Apesar de não revelar a identidade de seu informante na redação deste trabalho, o Inca Garcilaso afirma que este é um homem de “muita verdade”, cujo testemunho se perderia no tempo caso o cuzquenho não interviesse. Ao testemunho de Gonzalo foram cotejados outros dois, encontrados por Garcilaso quando já tinha pronta sua história da Flórida, levando o

⁷² Ibid. Pág. 90, 91. FONTANA, Josep. *A História dos homens*. Bauru: EDUSC, 2004. Pág. 102. Sobre a delimitação dos protocolos da historiografia indiana ver MIGNOLO, Walter D. *El metatexto historiografico y la historiografia Indiana*. MLN: Vol. 96, 1981.

⁷³ FONTANA. Ibid. Pág. 102.

cronista em exercício a reescrever sua versão com as alterações necessárias, finalizando-a em dezembro de 1592.

Devidos aos contratempos enfrentados com o pedido negado de reimpressão da tradução dos *Dialoghi*, feito em 1599, em que também solicitava a autorização para que se imprimisse *La Florida*, o aval do conselho somente foi emitido em 23 de novembro de 1604, após a aprovação do frei Luis dos Anjos no dia 16 do mesmo mês. Os privilégios concedidos ao autor da obra, uma forma de direito autoral, foram concedidos em 8 de março do ano seguinte, após a licença definitiva de impressão concedida pela Inquisição em 21 de fevereiro. Em um ato de não pouca ousadia, mas que convinha a situação – a edição foi efetuada em Portugal – a obra é dedicada a Teodósio II, duque de Bragança e Barcelos, que poderia ter sido coroado rei de Portugal caso as pretensões de Felipe II não se concretizassem.

Entre os possíveis modelos que estiveram disponíveis quando da redação de *La Florida*, a estilização do relato garcilasiano sobre a conquista da Flórida teria paralelos nos poemas de *La Araucana* (1574 -1589), composta por Alonso de Ercillas, a quem Garcilaso elogia e nas *Elegias de varones ilustres de Indias* (1589), de Juan de Castellanos, cujo exemplar possuía em sua biblioteca.⁷⁴ Ou quem sabe nos *Naufragios y Comentarios* (1542) de Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, a quem cita em diferentes momentos de *La Florida*.⁷⁵ Ainda assim, agregado à sua pretensão de somente servir de escrevente do relato “fidedigno” de Gonzalo Silvestre, preservando sua autenticidade, está o modelo da crônica efetuada por Ambrosio de Morales sob o patrocínio de Felipe II. O letrado mestiço conviveu com o ilustre cronista em seus últimos anos de vida, a partir de 1581, quando Ambrosio decidiu viver em Córdoba, onde era considerado o “reitor dos humanistas andaluzes”. Através do aparecimento de duas cartas do Inca Garcilaso endereçadas ao erudito, antiquário e humanista Juan Fernández Franco, sabemos que Ambrósio de Morales teve em suas mãos a tradução dos *Dialoghi d’Amore* e os escritos preliminares do primeiro trabalho historiográfico do letrado cuzquenho, cuja escrita seguramente incentivou.⁷⁶ Podemos considerar que o vínculo entre Ambrosio e o Inca Garcilaso foi definitivo no trabalho de redação da história e organização dos dados copiados do relato de Gonzalo Sivestre, quando das visitas do

⁷⁴ DURAND. Ibid.

⁷⁵ QUESADA. Ibid. Pág. 149, 150.

⁷⁶ Ibid. Pág. 125 – 131.

inca a sua residência em Las Posadas. Do mesmo modo, o gosto pela ordenação e o critério razoável puderam ser cultivados no trabalho de tradução dos diálogos do Leão Hebreu, momento de intenso aprendizado e manejo da língua castelhana, o código linguístico que teria de dominar para efetivar suas pretensões literárias.

Círculos de letrados cristãos e as ordens religiosas.

Para o Inca Garcilaso, o longo processo de aprendizado e prática da língua do conquistador, que se constituiu como uma imposição no cenário colonial, foi facilitado pelo acesso a outro espaço de muitas possibilidades por onde circulou o cuzquenho, que já se prenuncia durante sua juventude nos Andes, e que chamaremos de círculos de letrados cristãos. A atenção e a tutela dedicada pelos padres católicos ao filho do capitão Garcilaso se constituem como um dos pilares de sua formação de letrado, atuando inclusive como incentivadores e censores da escrita da história plasmada principalmente em *Los Comentarios*. Especialmente, como poderemos observar, os padres da Companhia de Jesus,⁷⁷ que se lançaram nas missões evangelizadoras nas colônias do Novo Mundo. Este ímpeto missionário foi empregado no estudo e sistematização das culturas dos povos a serem catequizados, com necessária atenção para os códigos linguísticos, que urgiam ser decifrados mutuamente para o sucesso da empresa evangelizadora, um dos respaldos da investida colonial nas terras do outro lado do Mar Oceano.

As ordens missionárias como a Companhia de Jesus, cuja instituição se desenvolvera no ambiente de cisão da igreja, foram instrumentalizadas em parte das políticas coloniais dos reinos cristãos. No entanto, a característica principal das intervenções dos jesuítas era sua desvinculação da hierarquia tradicional da Igreja,

⁷⁷ Criada por Inácio de Loyola, a Companhia de Jesus foi fundada oficialmente em 27 de setembro de 1540 pela bula papal *Regimini militantis ecclesiae*, com o objetivo de persuadir pagãos, hereges e também cristãos a viverem retamente, de acordo com a moral cristã. Estes preceitos foram apresentados ao Papa Paulo II na *Formula do Instituto*, documento carregado de um tom anti-monástico, causando reações negativas na cúria papal. Entre suas disposições havia a abolição dos cantos sacros, associado a “prisão” dos mosteiros. Uma vez aprovada, tornou-se rapidamente uma das principais ordens do movimento de contra-reforma ou reforma católica, atuando diretamente sob o comando do Vaticano. Com a publicação das *Constituições* serão estabelecidos os modos da comunicação institucional epistolar, que, como veremos adiante, se constituiu em um importante espaço de materialização dos debates sobre a natureza dos autóctones do Novo Mundo, logo, parte do movimento de reorganização etnográfica das escritas cristãs da história durante o século XVI. EISENBERG, José. *As missões jesuítas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. Pág. 31-35.

agindo diretamente com a autorização do Vaticano. As primeiras missões da ordem nas possessões portuguesas foram negociadas como um apoio da cúria romana na organização das colônias, o que incluía a conversão dos autóctones para a fé católica. Os missionários que acompanharam Manoel da Nóbrega chegaram a colônia portuguesa com a expedição de Tomé de Souza em 1549.⁷⁸ Quase vinte anos depois, em 1568, os jesuítas foram enviados ao vice-reinado do Peru, quando já completava oito anos da partida do jovem Gómez Suárez. Entre os jesuítas que se destacaram nas missões da ordem nos Andes estão o mestiço Blas Valera e José de Acosta, pilares da versão garcilasiana da história dos Incas.

Quando da publicação de *La Florida*, o Inca Garcilaso de la Vega já não podia mais reclamar da sofreguidão dos rincões de pobreza e solidão de outrora. Estabelecido na capital cordobesa se relacionava com letrados e estudiosos, sempre contando com o apoio dos jesuítas do Colégio local, que, em um primeiro momento, se instalaram em Córdoba sob os auspícios da Casa de Priego. De acordo com Aurélio Miró Quesada, independentemente deste vínculo, o letrado cuzquenho nutriu uma intensa relação amistosa com os padres da ordem fundada por Inácio de Loyola.⁷⁹ Podemos citar, por exemplo, o jesuíta Juan de Pineda, a quem Garcilaso recorreu quando da elaboração de sua *Relación de la descendencia del Famoso Garcí Perez de Vargas* (1596) e que incitou o mestiço a investir em uma versão das Lamentações de Jó, projeto que não chegou a ser executado. Todavia, a amizade entre os estudiosos também pode ser confirmada pelo fato de que o padre Pineda teve em suas mãos manuscritos de *Los Comentarios*, sendo o primeiro a citar o Inca cerca de dez anos antes da impressão de sua obra em 1609. Trata-se do trecho em que é esclarecida a origem do nome “Peru”, imposto pelos espanhóis, escrito na forma de um elogio ao letrado cuzquenho feito pelo jesuíta no segundo tomo de seus *Commentariorum in Iob* (1598).

Me acuerdo que alguna vez traté de esto familiarmente con el noble Inca Garcí Lasso que descendía por su madre de la sangre real de los Incas peruanos, varón sin duda dignísimo de toda alabanza, no sólo por sus honestísimas costumbres, sino por su brillante esfuerzo en la más elegante literatura, el que ademas ahora prepara una historia de

⁷⁸ Ibid. Pág. 65.

⁷⁹ QUESADA. Ibid. Pág. 167.

las Indias Occidentales amenísima y veracísima para sacarla a luz dentro de poco.⁸⁰

A passagem a que se refere Juan de Pineda foi redigida originalmente para formar parte de *La Florida*, entretanto, devido ao atraso na impressão deste livro, Garcilaso decide suprimir o trecho para realocá-lo em seu devido lugar,⁸¹ no capítulo IV do primeiro livro de *Los Comentarios*. Antes da impressão da história de Hernando de Soto, a escrita de Garcilaso teria de ser alterada outra vez, mas desta vez não seria de forma voluntária, senão como acatamento a censura dos jesuítas Geronimo de Prado e Miguel Vazquez de Padilla, que ordenaram ao letrado mestiço que retirasse do texto o trecho que tratava da crença dos autóctones andinos na imortalidade da alma e na ressurreição universal para a mesma vida temporal, não uma vida do espírito. Como considerava importante tais dados, o Inca também os acondicionou em seus *Comentarios*.⁸²

Conforme é possível conjecturar através de algumas evidências, nesta época o Inca Garcilaso de la Vega recebeu das mãos do jesuíta Pedro Maldonado de Saavedra os manuscritos incompletos da *Historia* do Peru escrita pelo chachapoyano Blas Valera. Nascido em 1545, filho mestiço de Luis Valera e da ameríndia Francisca Pérez, estudou artes e gramática em Trujillo antes de ingressar na Companhia de Jesus no ano de 1568. Sendo reconhecido como grande conhecedor de línguas, foi autoridade no estudo do *runa simi* no período colonial e parece ter chegado a compor um *Vocabulario* da língua dos Incas.⁸³ Teve participação ativa no III Concílio Provincial do vice-reino do Peru em 1583. Nesta ocasião, Valera ajudou a traduzir para o *runa simi* o documento que continha as resoluções do concílio, elaborado pelo colega jesuíta José de Acosta, outro importante estudioso da cultura andina. Acosta elogiou o empenho dos clérigos

⁸⁰ PINEDA, Juan de. *Comentariorum in Iob*. 1598. Tomo II, Pág. 419 – 420, col. 1 – 2. Traduzido do original em latim e citado por QUESADA, Ibid. Pág. 169.

⁸¹ VEGA, Inca Garcilaso de la. *La Florida / del Ynca. / historia del adelanta- / do Hernando de Soto, Governador y capi- / tan general del Reyno de la Florida, y de / otros heroicos caualleros epañoles è / índios; eferita por el Ynca Garcilaffo de la Vega, capitan de fu Mageftad / natural de la gran ciudad de Coz- / co, cabeça de los reynos y / prouincias del Peru*. En Lisboa: impreso por Pedro Crasbeeck, 1605. Livro VI, cap. 15.

⁸² Ibid. Livro V, cap. 2. *Comentarios Reales*. Livro II, cap. 7.

⁸³ Este arte foi citado de forma imprecisa pelo padre jesuíta Anello Oliva em sua *Historia del Reyno y provincias del Perú y varones insignes en santidad de la Compañia de Jesus*, que permaneceu manuscrita até sua publicação em 1895. QUESADA. Ibid. Pág. 204.

envolvidos, especialmente a habilidade dos mestiços da companhia de Jesus como Bartolomé de Santiago e o próprio Blas Valera.

Acosta nasceu no ano de 1540 em Medina del Campo e ingressou como noviço no Colégio da Companhia de Jesus aos doze anos de idade. Após concluir seus estudos em Alcalá, foi ordenado em 1566, para, depois de um breve período de docência, ser enviado com trinta anos como missionário para as possessões espanholas no Novo Mundo. Seu trabalho em colaboração com a coroa espanhola na organização das missões nos Andes está refletido em sua obra, considerada um dos primeiros programas de etnologia comparativa.⁸⁴ Depois da publicação de *natura Novi Orbis* (1589) em Salamanca, aparece impressa em Sevilha sua *Historia natural e moral de las Indias* (1590), livro que exerceu forte influência nas especulações sobre os autóctones das Índias ocidentais a partir de sua publicação em fins do século XVI, vigorando ainda durante grande parte do século XVII.

Homens como Acosta, formados nos colégios jesuítas em meados do século XVI, fazem parte das redes e círculos de letrados católicos, que foram abruptamente redimensionadas com o expansionismo dos reinos cristãos. De certo modo, os missionários da companhia de Jesus deram continuidade às aspirações dos padres dominicanos. Uma vez que compartilhavam das “ambições intelectuais” dos teólogos da ordem Pregadora, tais como Francisco de Vitoria e seus contemporâneos e sucessores Domingo de Soto e Melchor Cano, integrantes da “Escola de Salamanca”, que aspiravam a criação de um ordenamento moral embasado na fusão singular que Aquino havia feito da filosofia clássica e da teologia cristã.⁸⁵ Neste mesmo grupo está o frei Bartolomé de Las Casas,⁸⁶ importante estudioso da cultura autóctone, assim como os jesuítas Luiz de Melina e Francisco Suárez, todos empenhados no que poderíamos chamar de movimento de renovação nos campos do direito, da lógica e, sobretudo da teologia, marcando expressivamente o pensamento teológico na Europa Católica do século XVI.⁸⁷ Todavia, o autor por quem o Inca Garcilaso de la Vega nutria grande

⁸⁴ PAGDEN, Ibid. Pág. 201-238.

⁸⁵ Ibid. Pág. 202.

⁸⁶ O frei Bartolomé de Las Casas, dominicano que trabalhou em Chiapas, estava envolvido na defesa pelo tratamento adequado aos autóctones, sua atuação nos debates de Valladolid, em que polemiza junto a Juan Ginés de Sepúlveda, o associaram definitivamente a “leyenda negra” da colonização espanhola, reforçada pelo duplo regicídio cometido pelos espanhóis na invasão e conquista do Peru, considerado grande pecado por cronistas como Cieza e Oviedo. PAGDEN. Ibid. Pág. 169. BERNAND. Ibid. 14.

⁸⁷ PAGDEN, Ibid. Pág. 92.

admiração era José de Acosta, a quem cita repetidas vezes em *Los Comentarios* para descrever a fauna e a flora dos Andes, reconhecendo sua autoridade como estudioso da cultura Inca.⁸⁸

Outro jesuíta com quem Garcilaso se relacionou estreitamente foi o padre granadino Francisco de Castro, que era prefeito e catedrático de retórica do Colégio de Santa Catalina de Córdoba em 1604. Neste ano Garcilaso lhe cedeu sua história do Peru – já intitulada *Comentarios Reales* – e trechos da segunda parte, que tratavam do governo do licenciado Cristóbal Vaca de Castro, como compensação por receber das mãos de Castro as Cartas Ânua trocadas entre os missionários e superiores da Companhia de Jesus no ano de 1602, onde constava a *relación* do confronto com os belicosos araucanos no Chile. Aos 6 de maio de 1605, o padre Francisco redige uma carta ao arcebispo Don Pedro de Castro, filho de Vaca de Castro, informando-o da existência a das atividades literárias de um cavalheiro descendente dos “Reyes del Pirú”, o “capitán Garcilaso de la Vega Inca”, que incluem a redação de um livro intitulado por ele como “Comentarios Reales del Pirú”. Completa dizendo que a obra se inicia com as origens daquele grande “império”, chegando aos tempos da Conquista, e que, como naqueles tempos estava redigindo a parte que correspondia ao governo de seu pai, o cronista mestiço se oferecia para enviar-lhe uma cópia, afim de que sugerisse as eventuais alterações. Segundo Miró Quesada, esta é a primeira vez que aparece uma referência a *Los Comentarios* que não era em um documento do próprio Inca. Mostra da penetração de sua produção literária no ambiente dos escritores e humanistas andaluzes, inclusive dos inéditos *Comentarios Reales*, que já gozavam de alguma atenção na primeira década do século XVII.⁸⁹

Como podemos observar, já inserido nos círculos de letrados cristãos, o letrado mestiço teve, em certa medida, acesso a este denso *corpus* documental gerado pela instituição epistolar jesuítica, que, de acordo com José Eisemberg, foram fundamentais para a coleta de informações etnológicas dos autóctones e para a sistematização do pensamento político na primeira modernidade, intimamente relacionadas com a reorganização etnográfica das escritas cristãs da história durante o século XVI. Como foi dito, o duplo objetivo da ordem fundada por Inácio de Loyola, quais sejam a

⁸⁸ *Comentarios*. Libro VII, Cap. XXVII; Libro V, Cap. XXIX; Libro I, Cap. III; Libro VIII, Cap. XVII.

⁸⁹ QUESADA. *Ibid.* Pág. 174, 175.

santificação pessoal e a atividade apostólica, tem precedentes no ideal mendicante elaborado pelos franciscanos e que seria adotado também pelos dominicanos. Todos estes conhecedores das mudanças projetadas pelas reflexões dos teólogos cristãos no início do século. A base da disciplina doutrinária da companhia foi consolidada com a publicação das *Constituições da Companhia de Jesus* (1558 – 1559), inspiradas na propedêutica dos *Exercícios Espirituais*, escritos por Loyola durante seu processo de conversão. Embora possamos aproximar este manual de santificação pessoal do movimento religioso flamengo conhecido como *devotio moderna*, que tinha como principal texto o *Imitatio Christi* (1418 – 1427) de Thomas de Kempis, cuja cópia possuía Garcilaso,⁹⁰ o trabalho que serve de modelo para Inácio é, sem dúvida, o *Livro de exercícios para a vida espiritual* (1515), elaborado pelo abade de Cisneros, que se constitui como o primeiro manual de devoção baseado na *puritas cordis* através do *exercitium* diário de orações.⁹¹

Extrapolando a intenção inicial dos *Exercícios Espirituais*, que já apresentavam novidades em relação à *devotio moderna*, as *Constituições*, entre outras disposições, tratavam da organização hierárquica da ordem, estipulando os papéis de missionários e superiores, que teriam de se corresponder periodicamente afim de suprir a necessidade de prestação de contas e para enviar eventuais pedidos de auxílio. Ainda que os jesuítas tivessem criado meios para assegurar a conformidade de suas práticas missionárias às normativas institucionais, estas prestações de conta correspondiam mais ao exemplo de comportamento prudente e obediente por parte dos missionários do que à eficiência institucional. De todo modo, esta instituição epistolar foi o sustentáculo da empreitada jesuítica durante o século XVI e parte do XVII, acompanhando o sensível aumento do uso da correspondência escrita na Europa do início do período moderno, ao passo que, dito *corpus* documental se constituiu como um importante elemento das narrativas do Novo Mundo, expressão de uma série de “práticas discursivas formatadas por uma instituição religiosa e por formas retóricas” na primeira modernidade.⁹²

⁹⁰ No inventário da biblioteca do letrado cuzquenho consta *De la imitacion de Cristo*, apontado com segurança por José Durand como sendo o texto de Kempis. DURAND. Ibid. Pág. 256.

⁹¹ EISENBERG. Ibid. Pág. 33 - 35.

⁹² Ibid. Pág. 47 – 49.

O Inca Garcilaso como autoridade no *runa simi*: *Los Comentarios Reales* e o “protesto da verdade” com a pluma.

Outro religioso com quem Garcilaso manteve contato foi o canônico da catedral cordobesa Bernardo de Aldrete, humanista que, além de teólogo e arqueólogo foi um importante linguista, autor do livro *Del origen y principios de la lengua castellana o romance que oi se usa em España* (1606), publicado em Roma. Nesta erudita obra, dedicada a valorização das línguas romances em equiparação com o latim, o interesse pelas línguas dos nativos do Novo Mundo está expresso no XII capítulo do livro III, intitulado “Del nombre del Perú, i de Granada, i la Guardia”, onde reproduz o episódio redigido pelo cronista mestiço – que trata da imposição do nome Peru pelos Espanhóis – e devidamente reconhece a dívida: “Asi lo refiere Garcilaso Inca en sus Comentarios que aun no están impresos que por hazerme gracia me a comunicado”. Esta pode ser considerada a primeira referência propriamente bibliográfica de *Los Comentarios*, apenas três anos antes de sua publicação. A confirmação destes pedidos de informação nos dá o próprio Inca Garcilaso no capítulo VII do livro I de sua história dos Incas.

(...)como diximos algo desfto ê la historia de la Florida, quando tratamos de la defcripciõ della, y de los q a ella hãn ido: y en el libro fefto defpues del capitulo quinze a propofito de lo q alli se cuêta, avia puefto eftas deduciones de nõbres jûtamente cõ la del nõbre Peru. Temiendo me faltara la vida antes de llegar aqui: mas pues Dios porfu misericórdia la ha alargado me parefcio quitarlas de alli y ponerlas ê fu lugar. Lo q aora temo es, no lo me las aya hurtado algun historiador porq aquel libro, por mi ocupaciõ fue fin mi a pedir fu calificaciõ, y fe q anduvo por muchas manos: y fin efto me han preguntado muchos fi fabia la deduciõ del nombre Peru, y aunq he querido guardarla, no me ha fido pofsible negarla a algunos feñores mios.⁹³

Convém salientar que, além de ser reconhecido como autoridade no conhecimento da língua geral dos Incas, o cronista cuzquenho participa da operação que procura estabelecer os modos de escrita apropriados para os vocábulos que estavam sendo incorporados, posicionando-se em favor do uso da grafia “Peru”. A partir da

⁹³ *Comentarios*. Libro I, Cap, VII. Garcilaso refere-se provavelmente ao citado Juan de Pineda e Bernardo Aldrete, podendo Antonio de Herrera ser o historiador a quem temia que lhe furtasse e a quem se refere sem nomear, já que este ocupava o cargo de cronista real neste momento e é possível que o mesmo tenha manejado escritos do Inca Garcilaso. QUESADA. Ibid. Pág. 186.

escrita de *La Florida*, ao invés dos titubeantes “Piru”, “Inga” e “Yupangui” espanholizados, Garcilaso opta por formas mais próximas da fonética do *runa simi*, passando a escrever somente “Peru”, “Inca”, “Yupanqui”, reprovando abertamente os historiadores “mas modernos”, que “corrõpem dos letras, y en fus hiftorias dizem Piru”.⁹⁴

Como temos afirmado, este posicionamento do cronista mestiço, que pode ser identificado prematuramente nas anotações manuscritas em seu exemplar da *Historia general de las Indias* de Gómara, está plasmado em seus *Comentarios Reales*, que foi sendo paulatinamente redigido, recebendo significativas alterações conforme seu redator tomava conhecimento de novas obras historiográficas e das notícias do Novo Mundo. De acordo com o que nos relata em sua versão da história dos Incas, desde 1590 Garcilaso manteve contato com seus colegas dos tempos de Cuzco, recebendo com alguma frequência cartas do Peru com dados acerca de sua terra natal.⁹⁵ Recorreu, ainda em 1595, a um sacerdote *criollo* vindo do Peru para obter informações relativas ao estado de conservação de uma pintura feita a mando do Inca viracocha.⁹⁶ Neste mesmo ano, consultou Martin de Contreras – sobrinho do governador da Nicaragua Francisco de Contreras – a respeito das ervas e hortaliças do Peru.⁹⁷ De modo incisivo, a história dos Incas de Garcilaso seria substancialmente reestruturada depois de receber, em 1598, os manuscritos incompletos do jesuíta Blas Valera, ao passo que voltou a escrever sobre o nome “Peru” em 1600⁹⁸, redigindo e revisando outros capítulos em 1602, como “La descripción de la imperial cidade del Cozco”⁹⁹, escrevendo ainda sobre o Chile em 1603,¹⁰⁰ ano em que aparentemente recebeu uma “carta de poder” de seus parentes Incas no Peru para ajudar a aprovar sua ascendência.¹⁰¹ As últimas alterações seriam feitas em 1604, depois de receber do padre Francisco de Castro as cartas jesuíticas contendo notícias do Chile, sendo o último capítulo de seus *Comentarios* redigido em Março daquele ano.¹⁰²

⁹⁴ *Comentarios*. Libro I, Cap. IV.

⁹⁵ *Ibid.* Libro IX, Cap. XX.

⁹⁶ *Ibid.* Libro V, Cap. XXIII.

⁹⁷ *Ibid.* Libro IX, Cap. XXIX.

⁹⁸ *Ibid.* Libro I, Cap. VI.

⁹⁹ *Ibid.* Libro II, Cap. XXVI; Libro VII, Cap. VIII. *La Florida del Ynca*, Libro VI, Cap. XV.

¹⁰⁰ *Comentarios*. *Ibid.* Libro VII, Cap. XXV.

¹⁰¹ *Ibid.* Libro IX, Cap. XXXVIII. QUESADA. *Ibid.* Pág. 185.

¹⁰² *Ibid.* Libro VII, Cap. XXV; Libro IX, Cap. XL.

Interessante notar que, devido ao atraso em obter a licença de impressão de *La Florida*, quando também malogrou seu pedido de reimpressão da tradução dos *Dialoghi d'Amore*, o Inca Garcilaso de La Vega chegou a ter dois trabalhos sobre história das Índias ocidentais completos e inéditos. O ambiente em Europa dos primeiros anos do século XVII, especialmente na católica Castela – onde foi deliberadamente dificultada a impressão e publicação das obras que tratassem das “Índias” – era bastante desfavorável. O Conselho Real das Índias exigia a revisão dos escritos, impondo restrições severas para a obtenção de licenças especiais de impressão e publicação, privilegiando, em contrapartida, as versões produzidas pelos ocupantes do cargo de cronista oficial, criado em 1571. Mais propício seria editar e imprimir sua história dos Incas, juntamente com *La Florida*, em Portugal, onde obteve a licença de impressão das duas histórias, aprovadas pelo frei Luis dos Anjos em 26 de novembro de 1604, em São Francisco de Enxobreguas, Lisboa. Aos 15 de março de 1605 foi concedida a licença do palácio,¹⁰³ entretanto, devido a algum eventual contratempo, neste ano foi publicada somente *La Florida*. Este atraso levou o cronista mestiço a se valer de sua amizade com os padres da Companhia de Jesus, em 19 de junho de 1609, outorgando poder ao jesuíta Geronimo Ferraz para encaminhar a impressão de *Los Comentarios*,¹⁰⁴ que, depois de concedida licença final a 2 de setembro de 1609, foi finalmente publicado na cidade de Lisboa, pela prensa de Pedro Crasbeeck.¹⁰⁵

Sendo esta sua obra de maior envergadura, a *Primera parte de los / Comentarios Reales / que tratan del ori- / gen de los Yncas, Reyes que fue- / ron del Perv, de sv idolatria, leyes y / gobierno en paz y en guerra: de fus vidas y con- / quiftas, y de todo lo que fue aquel Imperio y / fu Republica, antes que los Efpañõ- / les paffaran a el. / Efcritos por el Ynca Garcilaffo de la Vega, natural del Cozco, / y capitán de fu Mageftad* (1609) foi dedicada a “serenissima princefa Doña Catalina de Portugal, Duqueza de Bargaça”. Catarina, juntamente com seu marido, o duque Don Juan, foram nomeados vice-reis depois que Felipe II foi proclamado rei de Portugal em 1580, pondo fim à disputa pelo trono, que havia sido deflagrada em 1578, após a morte do famoso rei Dom Sebastião na batalha de Alcazarquivir em África.¹⁰⁶ Mais uma vez humildemente

¹⁰³ *Comentarios*. Preliminares.

¹⁰⁴ QUESADA, Ibid. Pág. 187.

¹⁰⁵ *Comentarios*. Preliminares.

¹⁰⁶ QUESADA. Ibid. 188, 189.

demandando “proteção” da nobreza cortesã, Garcilaso encontra em território português as condições que possibilitaram a publicação de seus *Comentarios*.

(...)Quien aya fido y fea V.A. para todos los que de effe Reyno, y de los eftraños fe quieren favorecer de fu Real amparo, tantas lenguas lo publican, que ni ay numero en ellas, ni en los favorecidos de V. Real mano: de cuya eferiencia afigurado lo efpero recibir mayor en eftos mis libros, tanto mas necefsitados de amparo e fauor, quanto ellos por fi, y yo por mi menos merecemos. Confieffo que mi atrevimento es grande, y el fervicio en todo muy pequeno, fi no es en la voluntad: la qual juntamente ofrezco, prontifsima para fervir, fi mereciefse fervir a V.A. cuya real perfona y cafa nueftro Señor guarde y aumente Amen, Amen.

*El Inca Garcilazo de la Vega.*¹⁰⁷

Podemos admitir, a partir dos elementos até agora expostos, que a história dos Incas escrita pelo Inca Garcilaso de la Vega foi fruto de um projeto deliberado, anunciado previamente em suas obras anteriores. Sua principal intenção é servir de comentador e corretor das histórias dos Incas já publicadas, uma vez que estas padeciam de sérios problemas, erros e defeitos, frequentemente incorrendo em interpretações imperfeitas de muitas palavras do *runa simi*. Embora os historiadores espanhóis tivessem tratado de muitos assuntos convenientes, o fizeram de modo superficial, ao passo que ofereceram respaldo para que o cronista cuzquenho se empenhasse em redigir uma história mais completa, aproveitando as versões anteriores e adicionando abundantes informações fundamentais que foram negligenciadas pelos cronistas oficiais e outros autores. Para esta empresa, poderia acionar o método histórico oferecido pelo já mencionado Ambrosio de Morales em *Las antigüedades de las ciudades de España* (1575), aplicando ainda as lições sobre ordenamento e distinção criteriosa dos relatos que conheceu durante o trabalho de tradução dos *Dialoghi d'Amore*. Diferente do trabalho de redação de *La Florida*, onde exercitou sua escrita da história e teve de organizar testemunhos de terceiros, seus *Comentarios* gozam de uma condição específica, qual seja, o conhecimento interno da cultura e da história narrada e, principalmente, do código linguístico.

¹⁰⁷ *Comentarios*. Dedicatória.

Em suas anotações feitas em seu exemplar da *Historia General de las Indias* de Gómara, Garcilaso projeta as controvérsias e correções dos inúmeros trechos analisados e comentados, dando contorno ao que se pode considerar como gérmen de *Los Comentarios*. Seus apontamentos são, em sua maioria, esclarecimentos que procuram dar precisão aos dados, fontes e cronologias, manifestando ainda seu posicionamento quanto à natureza dos autóctones, a quem classificava como “gentiles”. Todavia, as anotações mais densas e detidas são aquelas em que se presta a dar explicações sobre a linguagem do Incas, acusando explicitamente os espanhóis por terem corrompido os vocábulos nativos, julgando-se sempre em posição excepcional em relação aos cronistas castelhanos, que, como Gómara, nunca haviam cruzado o mar-oceano para ir ao Novo Mundo e careciam do entendimento das pronúncias e significados das palavras ditas pelos ameríndios.¹⁰⁸

Avnque ha avido Epañoles curiofos que han efcrito las republicas del nuevo mundo, como la de Mexico, y la del Peru, y las de otros Reynos de aquella gentilidad, no ha fido con la relacion entera que dellos fe pudiera dar: que lo he notado particularmente en las cofas que del Peru he visto efcritas, de las quales como natural de la ciudad del Cozco q fue outra Roma en aquel imperio, tengo mas larga y clara noticia q la que hafta aora los efcritores han dado. Verdad es que tocan muchas cofas de las muy grandes que aquella republica tuvo, pero efcriuenlas tan cortamente, que aun las muy notorias para mi (de la manera que las dizen) las entiendo mal.¹⁰⁹

Sua autoridade enquanto autor especialista estava resguardada em sua condição privilegiada de observador e ouvinte direto do repertório de tradições do incário, absorvido durante a infância e juventude nos momentos em que esteve com seus parentes da estirpe Inca, conversando em *runa simi*. Sua preocupação em evitar interpretações equivocadas da língua dos Incas pode ter sido definitiva na incorporação das *Aduertencias acerca de la lengva general de los yndios del Peru*, na forma de uma

¹⁰⁸ Em suas anotações na *Historia* de Gómara também está manifesta sua intenção em defender a honra de seu pai, o capitão Sebastián Garcilaso de la Vega, que foi acusado de haver cometido o delito de lesa majestade quando cedeu seu cavalo *Salinillas* ao rebelde Gozalo Pizarro, na batalha de Huarina em 1547. QUESADA. *Ibid.* Pág. 193 – 195.

¹⁰⁹ *Comentarios*. Proemio al lector.

pequena gramática.¹¹⁰ Estes elementos foram confrontados com uma variada gama de tradições que estavam sendo digeridas pelos povos europeus, como a chamada antiguidade clássica do Mediterrâneo e a tradição judaico-cristã, onde os próprios espanhóis procuravam identificar as origens de seu império além-mar. Nesta conjuntura, ganha relevo as referências a cultura greco-romana, que foram constantemente retrabalhadas de acordo com as mais variadas demandas e pautas. Às tradições orais informadas por seus parentes Incas, agregaram-se as vivências com os *vecinos* espanhóis e os amigos conquistadores de seu pai, assim como com os já mencionados padres católicos como o filho de seu preceptor Juan de Alcobaza, Diego de Alcobaza.

O presbítero mestiço Diego de Alcobaza, que foi amigo e colega do cronista cuzquenho, contribuiu em sua história dos Incas com informações pormenorizadas das ruínas de *Tiahuanaco*,¹¹¹ além de lhe enviar o *Confessionario para cura de índios* (1585)¹¹² e lhe escrever sobre os acontecimentos no Chile.¹¹³ Do mesmo modo, Garcilaso recebeu numerosas cartas de seus informantes no Peru, solicitadas para esclarecer suas dúvidas em relação aos elementos topográficos e históricos, entre outros detalhes, como as crenças, costumes e lendas locais.

Sin la relacion que mis parientes me dieron de las cosas dichas, y sin lo que yo vi, he avido otras muchas relaciones de las conquiftas, y echos de aquellos Reyes: porque luego que propufe efcruir esta hiftoria, efcrivi a los condifcipulos de efcuela, y gramatica, encargandoles que cada vno me ayudaffe con la relacion que pudieffen aver de las particulares conquiftas, que los Incas hizieron de las prouincias de fus madres: porque cada prouincia tiene fus cuentas y ñudos con fus hiftorias anales, y la tradicion delas, y por esto retiene mejor lo que en ella paffo, que lo q paffo en la agena. Los condifcipulos, tomando de veras lo q les pedi, cada qual dellos dio cuenta de mi intencion a fu madre y parientes: los quales sabendo que vn Yndio hijo de su tierra queria efcrivir lo fueffos della, facaron de fus archiuos las relaciones que tenian de fus hiftorias, y me las enbiaron, y afsi tuue la noticia de los hechos, y conquiftas de cada

¹¹⁰ Ibid. Preliminares.

¹¹¹ As informações do padre Diego de Alcobaza são cotejadas com trechos da *Demarcación* do Peru feita por Pedro Cieza de León. Ibid. Libro III, Cap. I.

¹¹² *Historia General del Peru*. Libro I, Cap. XXIII. Consideradas em parte obras jesuíticas, os primeiros livros a serem editados e impressos no Novo Mundo foram entregues aos cuidados de Antonio Ricardo, sob a tutela dos jesuítas do colégio da companhia na cidade de Lima, onde foram publicados *Catecismo y Doctrina Christiana* (1584) e o referido *Confessionario*. QUESADA. Ibid. Pág. 173 e 198.

¹¹³ *Comentarios*. Libro VII, Cap. XXV.

¹¹³ Ibid. Libro I, Cap. VI.

Inca, que es la misma que los historiadores Españoles tuvieron, sino que esta era mas larga, como lo advertiremos en muchas partes della.¹¹⁴

Este trecho do capítulo intitulado *Protestación del Autor sobre la historia* retifica as pretensões do cronista mestiço, que somou criticamente seu conhecimento específico ao conjunto das crônicas de Índias, que foram citadas na medida em que eram refutadas ou usadas como forma de confirmar sua autoridade. Das fontes manejadas em sua história dos Incas, tem maior atenção os manuscritos incompletos da *Historia del Peru*, do jesuíta chachapoyano Blas Valera, que segundo relatado em *Los Comentarios*, foram danificados em grande parte no saque de Cádiz feito pelas forças inglesas e resgatados por outro jesuíta, o padre Maldonado de Saavedra, que os entregou ao Inca Garcilaso por volta de 1600.¹¹⁵ Sua intensa apreciação do trabalho de Valera, cuja obra lhe serviu de apoio inestimável, resultou na posterior acusação de plágio, feita por Manuel Gonzalez de la Rosa na primeira década do século XX,¹¹⁶ quando a credibilidade das crônicas já havia sido questionada pelos estudiosos europeus durante o século XVIII.

Evidente que os papéis danificados do padre Valera foram uma valiosa fonte para dar credibilidade aos *Comentarios*, posto que correspondiam aos critérios históricos primados por Garcilaso: era nativo e conhecia a língua dos autóctones, tendo percorrido grande parte do território correspondente ao *Tahuantinsuyu*, gozando ainda da autoridade de pertencer ao erudito corpo de padres da Companhia de Jesus. Escrita em latim, a incompleta história do Peru de Valera continha informações do complexo estado Incaico, como as leis feitas pelos Incas para ordenar seu “império” e a religião e sacrifícios por eles praticadas. Contando ainda com importantes dados sobre problemas linguísticos, interpretação de alguns nomes e informes sobre os fios e nós do *quipus*, assim como trazia versões das fábulas e versos do tempo dos Incas. Sua admiração pelo empenho do padre jesuíta não impediu que divergisse dele em alguns temas, como a

¹¹⁴ Ibid. Libro I, Cap. XIX.

¹¹⁵ Ibid. Libro I, Cap. VI.

¹¹⁶ RIVIALE, Pascal. *Manuel González de la Rosa, prêtre, historien et archéologue*. IN: Histoire et Sociétés de l'Amérique Latine, n°4. Association Aleph, Université de Paris VII-Denis Diderot, 1996. Pág. 191-210.

confusão na identificação das deidades do incário feita pelo jesuíta chachapoyano e a interpretação dos *quipus*.¹¹⁷

Igualmente útil para a versão garcilasiana da história dos Incas é o trabalho do também jesuíta José de Acosta, superior de Valera em Lima e autor da *Historia Natural y Moral de las Indias* (1590), onde o Inca Garcilaso encontrou referências sobre as plantas, animais e minerais que menciona quando intercala sua narrativa dos sucessos e revezes dos soberanos Incas. Sua autoridade repousava, para além seu exemplo moral como superior da Companhia de Jesus, nos anos que havia passado no Novo Mundo, percorrendo suas terras e visitando importantes sítios arqueológicos como *Tiahuanaco* e as múmias Incas em Lima. O cronista mestiço apenas lamentava a chegada tardia do jesuíta em terras “peruanas”, pecando por não ter se dedicado somente à história dos Incas, optando por escrever sobre o conjunto do “nuevo orbe”.¹¹⁸

Como bem sabemos, o Inca Garcilaso não ignorou as obras de referência na historiografia Indiana, apenas foi rígido e criterioso quanto às obras que mereciam crédito, dando preferência às narrativas redigidas por autores que preenchiam os requisitos de seu método, centrado na credibilidade fornecida pela observação de primeira ordem, condição desfrutada, neste caso, por aqueles que viajaram ao Novo Mundo e puderam recolher informações diretas da cultura estudada e narrada, com especial atenção ao estudo do código linguístico. Um historiador que correspondia em certa medida às exigências do cronista mestiço foi Pedro Cieza de León, que em sua *Parte primera de la chronica del Peru* (1553) sistematizou dados recolhidos sobre a geografia, flora e fauna, ritos e costumes do *Tahuantinsuyu*, sendo cotado por Garcilaso por haver estado no Peru observando os monumentos de *Tiahuanaco*, recebendo ainda relação direta dos nativos do que não podia mais ser visto por seus próprios olhos. Segundo nos diz Garcilaso em seus *Comentarios* Cieza oferece um testemunho direto e cuidadoso, preocupando-se inclusive com a divisão dos tempos e das idades,

¹¹⁷ Citações do padre jesuíta Blas Valera em *Los Comentarios* podem ser encontradas nos seguintes livros e capítulos: Libro I, Cap. VI e XI; Libro II, Cap. I, VI, X, XIV, XVI e XXVII; Libro III, Cap. IX e XXV; Libro IV, Cap. XV, XVIII e XIX; Libro V, Cap. VI, X, XI, XII, XIV, XV, XVI, XXI e XXIX; Libro VI, Cap. XXXI, XXXV e XXXVI; Libro VII, Cap. I, III e IV; Libro VIII, Cap. I, XIII, XVI, XV e XVI; Libro IX, Cap. V, XIV e XXIII.

¹¹⁸ *Ibid.* Libro VII, Cap. XXVII; Libro V, Cap. XXIX; Libro I, Cap. III; Libro VIII, Cap. XVII.

distinguindo as notícias de cada província ou “nação” antes e depois do domínio dos Incas.¹¹⁹

Outro cronista espanhol utilizado por Garcilaso é o contador Augustín de Zárate, que escreveu a *Historia del descubrimiento y conquista de la província del Peru* (1555), obra que, tal como os trabalhos de Cieza e Gómara, o cronista cuzquenho declara haver lido somente depois de escritos seus *Comentarios*.¹²⁰ Zárate, ao contrário de Gómara, esteve no Novo Mundo, nomeado contador de mercês para o vice-reino do Peru em 1543, chegando aos Andes em 1544, com a expedição do primeiro vice-rei Blasco Nuñez de Vela. Em um dos capítulos em que escreve sobre a legislação dos Incas sobre o adultério, recorre ao “caullero hiftoriador del Peru”, que obteve o relato do rigor de dita lei. “Hallelo defpues de aver efcrito lo que yo fabia della, holgue mucho hallarla ley tan copiofamente efcrita po vn caballero Efpañol, por abonarme con fu autoridad (...).¹²¹

Ademais das eventuais referências complementares a outras obras impressas,¹²² utilizadas para conferir autoridade a sua narrativa e confirmar o conteúdo de sua história, o inca Garcilaso de la Vega acolhe em sua obra um sentido aguçado de estilo e ordenamento, aplicado na apresentação de uma imagem específica do incário. Para este fim, efetua uma triagem dos conteúdos “dignos” de compor seus *Comentarios*, o que não o impede de analisar também opções de fábula para narrar a origem da estirpe Inca,¹²³ uma vez que era possível encontrar fábulas semelhantes entre outros povos, como os antigos gregos e romanos do Mediterrâneo, tradição que, como veremos, era objeto de intensa discussão na primeira modernidade. Mesmo esta pretensão de construir uma narrativa verdadeira através do manejo das fontes, não o isentou de incorrer em alguns erros ou idealizações explícitas, frutos do complexo processo de composição de sua escrita da história, empenhada na apresentação de uma imagem dos Incas inserida na realidade cristã ocidental. Ao tratar com demasiado desdém os povos

¹¹⁹ Ibid. Libro III, Cap. I; Libro II, Cap. X.

¹²⁰ Ibid. Libro II, Cap. VII.

¹²¹ Ibid. Libro IV, Cap. IV. Outras referências ao contador Augustin de Zárate podem ser vistas nos seguintes livros e capítulos: Libro IX, Cap. XIII;

¹²² Como a *Historia del Perú* (1571), de Diego Fernández, citada para corroborar a grafia do nome Peru; as *Relaciones universales del mundo* (1595) de Juan Botero, citada no livro IX, capítulo XIII; a *Republica de las Indias Occidentales*, segunda parte de *Las republicas del mundo divididas em XXVII libros* (1575) do agostiniano Jerónimo de Román y Zamora, citado no livro I, capítulo IV; livro II, capítulo II; livro V, capítulo XVIII; os versos da *Araucana* de Alonso de Ercilla, referidos no livro I, capítulo XXVI e no livro VII, capítulo XXIV; entre outros.

¹²³ Ibid. Libro I, Cap. XVIII.

do período pré-incaico, a quem descreve como bestas e feras, únicos a carregar a carga do sacrifício humano, o cronista mestiço nega quase cegamente a existência desta prática entre seus antepassados Incas, exagerando ainda na regularidade e ordenamento das campanhas e conquistas da estirpe no processo de expansão.

Devemos considerar também o que poderíamos chamar de alteração tradicional, que consistia no esquecimento obrigatório daquilo que era prejudicial a imagem dos soberanos Incas, seus antepassados e descendentes, resultando na imprecisão das sucessões dos líderes do *Tahuantinsuyu*, ao passo que mal soberanos eram quase totalmente esquecidos.¹²⁴ Esta prática, agregada ao fato de os Incas não possuírem uma escrita no formato alfabético, foi determinante para que, não somente Garcilaso, mas todos os cronistas fossem privados de muitos destes aspectos obscurecidos nas histórias dos Incas publicadas neste período. Por outro lado, alguns trabalhos tem se dedicado a elucidar a tendência do cronista cuzquenho à idealização de sua versão da história dos Incas, associada à valorização de suas recordações da juventude e à apropriação das lições neoplatônicas dos *Dialoghi d'Amore*.¹²⁵

Seu esforço em apresentar um relato extremamente ordenado era apreciado no ambiente humanista andaluz, impregnado da predileção pela composição e integração tão típicas do pensamento e cultura irradiados das cidades italianas no início do período moderno. Grande admirador dos romanos, Garcilaso seguramente se inspirou em Júlio César e seus *Comentarios* para dar título a sua obra,¹²⁶ louvando o sentido de hierarquia e disciplina militar dos movimentos expansionistas, sempre acompanhados da educação e civilização emanadas do centro do império, personificado em sua frondosa capital. Podemos admitir que o cronista mestiço acreditava que o *Tahuantinsuyu* era outra forma de “mundo romano”, tratando de estabelecer os convenientes paralelos entre as características de ambos povos, culturas e histórias. Isto, devidamente atrelado ao sentido providencialista, tão patente às escritas cristãs da história elaboradas seguindo a divisão teleológica do tempo em idades, que culminam com a chegada da civilização greco-romana cristã ocidental. Neste quadro, a primeira idade corresponde ao período

¹²⁴ A versão garcilasiana da história dos Incas se refere a 12 soberanos, Cieza fala de 11, sendo que Acosta menciona somente 8 e Betanzos 17! BERNAND. Ibid. Pág. 329 – 330. Este ponto será melhor analisado no próximo capítulo.

¹²⁵ BERNAND. Ibid.

¹²⁶ O cronista cuzquenho possuía uma tradução dos *Comentarios de César* em sua biblioteca. DURAND. Ibid. Pág. 245.

anterior aos Incas, onde predominava a barbárie, seguido da segunda idade onde a estirpe exerce um papel pré-civilizatório, sendo apresentados como líderes de um estado teocrático proto-cristão.

Homem de fronteira e expatriamento, Garcilaso assume sua posição de letrado e cronista como descendente da estirpe Inca, com a pluma estava disposto a empregar toda as “fuerzas de um yndio”,¹²⁷ “pues foy Yndio que en esta hiftoria yo efcriba como Yndio”,¹²⁸ sem se esquecer de sua parcela de sangue espanhol, que o faz consciente de sua condição de mestiço.¹²⁹ Sua tarefa é redimir sua linhagem materna da imagem bárbara construída pelas *relaciones* e crônicas de Índias, oferecendo sua ascensão ao patamar dos grandes impérios da antiguidade clássica do Mediterrâneo, um lugar no panorama da história cristã ocidental. Busca ainda, conferir valor a cultura andina Inca, inserindo-a de maneira não subalterna no relato da conquista, sem negar os princípios desta mesma conquista. Lidando com o ambiente de censura inquisitória, o cronista cuzquenho se empenhou na publicação de seus *Comentarios*, que foram recebidos com certo receio em Castela, uma vez que, depois de sua publicação em 1609, *Los Comentarios Reales* somente voltaram a ser editados em espanhol no ano de 1723, ao passo que, até meados do século XVIII, foram publicadas cinco edições em francês: 1633, 1672, 1704, 1737 e 1744.¹³⁰

Depois da rebelião de 1780, liderada por Joseph Gabriel Condorcanqui, que reivindicou sua origem sob o nome de Tupac Amaru, *Los Comentarios* foram definitivamente proibidos e retirados de circulação na colônia, por servir de “leitura instrutiva” ao insurgente. De acordo com os documentos do *Archivo General de las Indias* de Sevilha, quando Joseph Gabriel esteve em Lima, seus correligionários praticavam a leitura de livros “místicos” e de história, entre os quais estava “los Comentarios reales de los Yngas por Garcilaso”. “Si los Comentarios de Garcilaso no huvieran sido toda la lectura e instruccion del Ynsurgente Joseph Gabriel Tupa Amaru...”, ponderaria o bispo de Arequipa, Moscoso y Peralta, aos 13 de abril de 1781, dias antes da execução do rebelde que já se encontrava encarcerado. No primeiro dia de maio, o visitador Joseph Antonio de Areche recomenda, em carta ao ministro de Índias

¹²⁷ *Comentarios*. Libro I, Cap. I.

¹²⁸ Ibid. Advertencias de la lengua general del Peru.

¹²⁹ Ibid. Libro IX, Cap. XXXI.

¹³⁰ DÍAZ-CABALLERO, Jesús. *El incaísmo como primera ficción orientadora de La nación criolla en las provincias unidas del Rio de La Plata*. In: A contracorriente. s.d. p. 67-113.

José de Galvéz y Gallardo, o recolhimento da “istoria del Inga Garcilaso donde an aprendido estos ilusos mil cosas perjudiciales y los otros papeles detractores de los tribunales y magistrados del Reino q’ andan impresos”. Fazendo eco a estas palavras, a disposição de 21 de outubro de 1781, as ordens reais assinadas por Carlos III aos 21 de abril de 1782 em Aranjuez, dirigidas aos vice-reis de Lima e do recente vice-reino de La Plata, assim como o referendamento de 1º de Agosto de 1783, tinham como ordem expressa o recolhimento sagaz de todos os exemplares de *Los Comentarios Reales*, com o intuito de evitar que outros viessem a aprender “coisas prejudiciais” à coroa espanhola.¹³¹

¹³¹ QUESADA. Ibid, Pág. 222.

Capítulo II

A história em *Los Comentarios Reales*.

As culturas andinas e sua relação com seu passado.

Antes de iniciar qualquer tipo de análise das categorias, conceitos e expressões que poderiam nos dar pistas sobre os modos como os nativos dos Andes se relacionavam com seu passado e praticavam sua transmissão, devemos estar cientes das profundas diferenças existentes entre os sistemas cognitivos e visões de mundo que organizavam as culturas autóctones do Novo Mundo e as culturas europeias do início do período moderno. Como bem ressalva María Rostworowski, as duas principais dificuldades encontradas em investigar a história do *Tahuantinsuyu*¹³² são a peculiaridade do modo andino de recordar e transmitir os acontecimentos e o critério espanhol usado para interpretar e registrar as informações que foram compendiadas nas inúmeras crônicas do período colonial.¹³³

Conforme nos aponta Eduardo Natalino dos Santos, os modos autóctones de organização e sistematização das explicações históricas, intimamente ligados as estruturas sociopolíticas presentes no continente naquela conjuntura, não se assemelhavam às tradições históricas europeias. Estas visões particulares foram caracterizadas de forma genérica sob a égide do pensamento mítico e seus conceitos transversais, que negligenciavam as especificidades históricas e sociais que as havia produzido. Ainda assim, toda produção historiográfica dedicada a descrever as chamadas “Índias Ocidentais” se valeu, de alguma maneira, das informações transmitidas pelas tradições históricas locais.¹³⁴

¹³² Esta voz, que designa a materialização do espaço-tempo incaico, pode ser traduzida como “quatro regiões unidas entre si”. As quatro seções eram Chinchasuyu, Antisuyu, Cuntisuyu e Collasuyu. Essa caracterização do território andino é um desdobramento direto do sistema de oposição complementar baseado nas vozes *hanan* e *hurim*, ou alto e baixo, que pode ser facilmente identificado a partir das características topológicas da região, marcada por vales profundos e montanhas elevadas. Os conceitos ainda se estendem de muitas maneiras, sendo manifesto na organização social e hierárquica, que opõem complementarmente o masculino e o feminino, o jovem e o velho, duro e macio, etc. ROSTWOROWSKI, María. *Historia del Tahuantinsuyu*. 2ª ed. Lima: IEP/PromPerú, 1999. Pág. 29.

¹³³ ROSTWOROWSKI, María. *Ibid.* Introducción.

¹³⁴ dos Santos NATALINO, Eduardo. *As Tradições Históricas Indígenas diante da Conquista e Colonização da América: Transformações e Continuidades entre Nahuas e Incas*. In: *Revista de História*. No. 150, junho 2010. Pág. 158, 159.

No caso do registro andino, fica claro que os autóctones não possuíam as mesmas preocupações que os europeus, tampouco os acontecimentos que desejavam recordar atendiam aos critérios alheios, uma vez que não era considerada necessária ou requerida a suposta veracidade e precisão cronológica, sugerindo a ausência de um sentido histórico nos moldes ocidentais. Este distanciamento foi atenuado pelo fato de a maioria dos espanhóis invasores não possuírem preparo para compreender as estruturas do mundo andino. Os rudes conquistadores e suas hostes estavam mais preocupados em identificar novas justificativas para sua invasão, buscando provar que os Incas não teriam direito de exercer seu senhorio.¹³⁵

O resultado foi a distorção da história inca em versões impregnadas dos valores e critérios europeus, acostumados com os princípios de primogenitura e bastardia das sucessões dos soberanos católicos, assim como imperava o determinante cristão. Esta insegurança dos registros escritos se inscreve na dificuldade encontrada em organizar cronologicamente os governos dos soberanos Incas, que careceram de um sistema de escrita logográfica ou ainda alfabética. Todavia, sabemos que estes fatores não impediram os povos andinos de recordar seus sucessos, o que foi feito por eles de formas variadas. Muitos cronistas foram conhecedores dos cânticos especiais que cada *panaca* ou *ayllu*¹³⁶ elaboravam para narrar seu passado em cerimônias específicas; de forma semelhante, são mencionadas nas crônicas pinturas em que os soberanos Incas eram retratados em momentos históricos.

Outro modo de registro inca consistia nos famosos *quipus*, que além de serem usados na contabilidade também podiam ser usados para recordar episódios históricos. Grande parte do desafio de compreender os modos de registro andinos se encontra na complexidade da linguagem empregada nos *quipus*, que consistiam em pequenos cordões de cores diversas, onde as informações eram registradas segundo os tipos de nó que neles eram feitos pelos especialistas nesta arte, os *quipucamayoc*.¹³⁷ Alguns cronistas afirmavam ter recebidos relatos dos autóctones com informações “lidas”

¹³⁵ ROSTWOROWSKI, María. Ibid. Introducción.

¹³⁶ Embora não fossem limitadas às etnias correspondentes, os *ayllus* foram a voz andina usada para designar as unidades administrativas que agregavam pequenos grupos familiares. Já as *panacas* representavam espécies de linhagens “reais” formada a partir de dois descendentes de ambos os sexos de um soberano Inca em exercício. Além de gozarem de grande poder e prestígio, as *panacas* eram responsáveis pela manutenção da memória do soberano falecido, de seus *quipus* e de sua múmia, que como veremos tinha um importante papel na tradição histórica Inca. Ibid. Pág.42.

¹³⁷ ROSTWOROWSKI. Ibid. Introducción.

diretamente dos *quipus*, ainda assim, sua capacidade de reter dados históricos foi questionada. A posterior ordem real de queima dos *quipus* andinos, acusados de conter informações sobre a idolatria dos Incas, parece ter reconhecido o contrário.¹³⁸

A imprecisão ou aparente confusão na tradição histórica inca não se deve a um desconhecimento de seu passado, ela deve ser observada a partir dos modos específicos de recordar da cultura cuzquenha. Segundo a vontade do novo *Sapa Inca*, omissões intencionais de todo um episódio eram comumente praticadas, chegando ao extremo de ignorar completamente a alguns soberanos que haviam governado anteriormente. Este esquecimento direcionado jogava nas trevas pessoas e acontecimentos, que eram lembrados apenas pelos integrantes das *panacas* e *ayllus* afetados por estas práticas. Acredita-se que o predomínio Inca nos Andes era um fato recente quando da chegada dos invasores, mas esta relativa proximidade temporal não ajudou muito aqueles que se dedicaram a estudar as tradições incaicas. As discrepâncias de muitos relatos são flagrantes quando se trata de precisar a ordem das sucessões dos soberanos Incas. Embora se possa rastrear com alguma variação os princípios lendários da estirpe,¹³⁹ relacionados com a chegada dos ancestrais ao vale de Cuzco, as informações colhidas de diferentes grupos sujeitados ao domínio Inca combinam uma série de versões das sucessões. Estas variantes foram admitidas pelos cronistas, resultando em diferentes sequências sucessórias.

Parte desta dificuldade está diretamente ligada à atuação das *panacas* e *ayllus* de onde descendiam os soberanos. Pois, como nos afirma María Rostworowski, eram comuns as disputas entre estes grupos para suceder o “trono”.¹⁴⁰ Desta maneira a *panaca* que ascendia alterava a seu gosto os cantares e registros do passado, revelando como o apego a estes grupos interferiam no julgamento dos sucessos históricos dignos de serem recordados. De acordo com Natalino dos Santos, cada *panaca* possuía suas

¹³⁸ Alguns estudos já se dedicaram a buscar as chaves de “leitura” dos *quipus*, trata-se do trabalho de Gary Urton, intitulado *De nudos a narraciones: Reconstrucción del arte de llevar registros históricos en los Andes a partir de transcripciones en español de los khipus incaicos*, publicado em 1997.

¹³⁹ De acordo com María Rostworowski, através dos mitos encerrados nas lendas andinas, podemos identificar uma marcha ao longo da cordilheira de povos em busca de terras férteis para se estabelecer. Os heróis culturais carregavam varas mágicas com poder fundacional, que ao se fundirem com a terra indicavam os locais onde deviam se fixar. Na região de Cusco, a chegada dos *ayllus* de Manco Capac é retradada através do mito dos irmãos *Ayar*, saídos da cova chamada Pacaritambo em busca de terras. ROSTWOROWSKI. Ibid. Pág. 37 – 42.

¹⁴⁰ Ibid. Pág. 42-48.

próprias tradições e zelava por suas *huacas* nos *ceques*¹⁴¹ que irradiavam de Cusco. Nestes locais sagrados eram celebrados os feitos dos soberanos passados via encenações e cânticos. Um emblemático elemento da tradição histórica Inca está na possibilidade de continuidade do poder das *panacas* através da mumificação dos líderes. Estas múmias exerciam forte influência nas decisões políticas, além de continuarem possuidoras de porções de terra, que ficavam sob custódia dos membros de ditas *panacas*.¹⁴²

Como podemos observar através das *huacas* e *ceques*, as noções temporais incaicas estão fortemente atreladas ao espaço físico, sempre marcadas pelo sistema andino de oposição complementar. Esse sistema dual presente nos Andes expõe uma concepção baseada na verticalização que tendia a dividir o espaço em alto e baixo, claro e escuro, a *puna* e os vales profundos, a cordilheira e a costa. A ideia de complementaridade era também associada à organização social, política e econômica, a geografia andina impunha grande dificuldade de acesso a regiões produtoras de determinados recursos, engendrando diversos mecanismos de interação, como o princípio de reciprocidade, presente por todos Andes e que foi adaptado durante a expansão incaica.¹⁴³

Convém notar que estas divisões não eram estanques, como conceitos binários essencialmente distintos, mas sim polaridades complementares por onde transitavam o mundo e os seres. É possível sugerir, seguindo o raciocínio de Natalino, que para os Incas o tempo flui de *hanan* para *hurim*, uma vez que a polaridade vida-morte era tida como uma transição entre a macia juventude da vida vinda do sol e a rigidez do corpo inerte e seu esqueleto, identificados com as pedras, que podiam figurar como antepassados mortos (*guancas*) e neste formato também eram considerados *huacas*. Associada à prática de mumificação, a transformação e materialização dos antepassados em pedras ou *guancas* garantia sua presença latente no mundo, estando ainda aptos para um possível retorno, quando o tempo os conduzisse a um *pachacuti*, momento em que o

¹⁴¹ Seguindo as informações de Polo de Ondegardo, que mais tarde foram retificadas por Cobo, María Rostworowski descreve os *ceques* como raias imaginárias que rodeavam Cusco e partiam da praça do templo do Sol divididas em quatro seções, de acordo com os *suyu*, somando um total de 42 linhas. Ao longo de cada uma delas estavam localizados inúmeros adoratórios ou *huacas* sob o cuidado de determinado *ayllu* ou *panaca* “real”. ROSTWOROWSKI, Ibid. Pág.33. Segundo Eduardo Natalino, os *ceques* foram um meio de fixar ou relacionar a memória dos antepassados e os sucessos a eles ligados com a paisagem local. NATALINO. Ibid. Pág. 177.

¹⁴² ROSTWOROWSKI. Ibid. Pág. 42-48.

¹⁴³ Ibid. Pág. 70-79.

tempo movimentava bruscamente as posições dos seres, invertendo a ordem das coisas, preparando a transição para novos tempos.¹⁴⁴

Estas breves pontuações sobre os modos de registro e recordação da tradição histórica Inca nos mostra o quanto ela foi complexa. Sua vigência estava relacionada com toda a cosmovisão andina e não estava restrita aos Incas. Os conceitos de oposição complementar e mecanismos de reciprocidade foram comuns na organização dos povos dos Andes. No decorrer da análise do conteúdo de *Los Comentarios*, voltaremos a alguns pontos importantes para a reflexão aqui proposta.

“Y de esta manera guardauan las memorias de sus histórias”.

Para este estudo, torna-se imprescindível localizar e compreender as opções tomadas pelo Inca Garcilaso na redação de sua história dos Incas. Mas antes de discrimina-las adiante, nos dedicaremos ao mapeamento da apresentação da tradição histórica inca feita pelo letrado cuzquenho em seus *Comentarios Reales*. Esta exposição dos modos andinos de organizar a experiência da história se encontra de forma difusa em *Los Comentarios*, espalhada em capítulos distintos de seus nove livros. A intenção é identificar características que o Inca Garcilaso atribui à tradição histórica de seus antepassados, independentemente de suas eventuais correspondências com a exposição que foi feita no item anterior.

Preocupado com a composição de sua obra maior, Garcilaso estabeleceu critérios para gerir as informações que dispunha para redigir sua história. Assim, no momento de tratar propriamente da história dos Incas e sua origem no capítulo XV do livro I, reconhece a dificuldade do trabalho ao qual se propõe.

Y pues eftamos a la puerta defte gran laberinto, fera bien paffemos adelante a dar noticia de lo que en el auia.
Defpues de auer dado muchas traças, y tomado muchos caminos, para entrar a dar cuenta del origen y principio de los Incas Reyes naturales, que fueron del Peru, me parefcio que la mejor traça, y el camino mas facil, y llano era contar lo que en mi niñezes oy muchas vezes a mi madre, y a sus hermanos y tíos, y a sus mayores acerca deste origen y principio: porque todo lo que por otras vías fe dize del, viene a reduzirfe en lo mifmo que nofotros diremos, y fera mejor que fe fepa

¹⁴⁴ Este conceito foi usado para apreender a invasão espanhola como um evento cosmológico. NATALINO. Ibid. Pág. 178-180.

por las propias palabras que los Incas los cuentan, que no por la de otros autores eftraños.¹⁴⁵

Nesta passagem, o cuzquenho deixa claras opções bastante importantes, que tem implicações diretas sobre sua versão, as quais daremos o devido tratamento em seu momento. Por agora, nos interessa o conteúdo particular das conversações as quais escolhe como fonte de seu relato sobre as origens dos soberanos Incas. Em especial seu diálogo retórico com o ancião Inca, Cusi Huallpa, tio de sua mãe, a *palla* Isabel Chimpu Ocllo. Mencionando a carência de escrita na cultura Inca, interroga ao “inca viejo” sobre seus modos de “guardar” a memória das coisas passadas. Ao demandar as notícias da origem e princípios de seus soberanos, inicia seu relato da história Inca se valendo das palavras deste ancião.

EL Inca, como que holgandofe de auer oydo las preguntas, por el gufto que recebia de dar cuenta dellas, se boluio a mi (que ya otras muchas veces le auia oydo, mas ninguna con la atención que entonces) y me dixo, Sobrino, yo te las diré de muy buena gana, a ti te conuiene oyrlas, y guardarlas en el coraçon (es frafis dellos por decir en la memoria.)¹⁴⁶

Através destes fragmentos podemos afirmar que Garcilaso dissimula a falta da escrita como empecilho para recordar os princípios e origens dos Incas, dando espaço para o conhecimento “guardado” no coração dos Incas, sua valiosa tradição oral, que estava associada a outros modos de registro existentes na tradição histórica Inca, como os *quipus*. Instrumento que o Inca Garcilaso de la Vega declara ter conhecido e manuseado.¹⁴⁷ Entretanto, sua dubiedade quanto à capacidade de transmitir dados históricos deixa lacunas sobre seu possível conhecimento do método de registro empregado nos *quipus*.

En fuma, decimos que efcriuian en aquellos ñudos, todas las cofas que confitian en cuenta de numeros, hafta poner las batallas y recuentros que fe daban, hafta dezir quantas embaxadas auia traydo al Inca, y cuántas pláticas y razonamientos auia hecho el Rey. Pero lo que contenia la embaxada, ni las palabras del razonamiento ni otro fueffo hiftorial, no podia dezirlo por los ñudos: por que confifte en oracion

¹⁴⁵ *Comentarios*. Libro I, cap. XV.

¹⁴⁶ *Comentarios*. Libro I, cap. XV.

¹⁴⁷ *Ibid.* Libro VI, Cap. IX.

ordenada de viua voz, o por efcrito, la cual no fe puede referir por ñudos, por q el nudo dice el numero, mas no la palabra.¹⁴⁸

O letrado cuzquenho acrescenta que para remediar esta falta, os *quipucamayoc* deviam memorizar em breves palavras ou sinais, transmitindo-as as próximas gerações de *quipucamayoc*, como tradição em cada *ayllu* onde residiam, para que se conservassem junto aos grupos as informações necessárias para o manuseio dos *quipus*. Como se não fossem suficientes estas práticas, para garantir que suas façanhas se conservassem “en las memorias de las gentes”, encomendavam aos Incas *amautas* o trabalho de convertê-las em prosa ou “cuentos hiftoriales breves como fabulas”, para que nos momentos oportunos fossem contadas às crianças, jovens e camponeses, garantindo sua transmissão. Do mesmo modo, os poetas Incas, chamados *haraicus*, compunham compendiosos versos, onde registravam tudo o que não podiam armazenar por meio dos nós dos *quipus*. Estes versos eram cantados nos festejos e triunfos, sendo recitados aos jovens Incas em rituais de passagem, “y de efta manera guardauam la memoria de fus hiftorias.”¹⁴⁹

Empero como la efperiencia lo muefta, todos eran remedios perefcederos, porque las letras fon las que perpetuan los hechos; mas como aquellos Incas no las alcançaron, valieronfe de lo que pudieron inuentar: y, como fi los ñudos fueran letras, eligieron hiftoriadores y contadores que llamaron quipucamayu, que es, el que tiene cargo de los ñudos, para que por ellos, y por los hilos, y por los colores de los hilos, y con el favor de los cuentos y de la poefia, efcribieffen y retuuieffen la tradiciõ de sus hechos: efta fue la manera del efcribir, q los Incas tuuieron en fu República.¹⁵⁰

Ao longo do libro podemos encontrar várias expressões que expressam esta ambiguidade em relação ao conteúdo dos *quipus*. Em sua discriminação das fontes as quais teve acesso, menciona as informações enviadas por seus discípulos andinos contendo as “cuentas y ñudos con fus hiftorias anales y la tradiciones”.¹⁵¹ Igualmente, em outra passagem Garcilaso se refere aos *quipus* como “libros anales”.¹⁵² Como é possível constatar, nesta conjuntura, tanto as crônicas como os anais, antes contrapostos a atividade propriamente historiográfica, eram considerados modos de escrita da

¹⁴⁸ Ibid. Libro VI, Cap. IX.

¹⁴⁹ *Comentarios*. Libro VI, Cap. IX.

¹⁵⁰ Ibid. Libro VI, Cap. IX.

¹⁵¹ Ibid. Libro I, Cap. XIX.

¹⁵² Ibid. Libro VI, Cap. VI.

história, embora os anais padecessem da pobreza de estilo e narrativa cingida.¹⁵³ Ademais, fica claro que o letrado mestiço reconhece a estreita relação entre os *quipus* e a tradição oral andina, a qual, de maneira nenhuma deve ser classificada como puramente mítica, o que seria menosprezar a capacidade de recordar do ser humano e duvidar da experiência dos próprios espanhóis, que viram e descreveram as culturas Andinas.

A tradição histórica Inca em *Los Comentarios*.

Concebida já em terras europeias, do outro lado do Atlântico, a história dos Incas escrita por Garcilaso se constitui como um grande esforço intelectual, no sentido de tornar inteligível ao público letrado a cultura e história deste povo andino. Neste intento, acredita ter a seu favor o fato de descender diretamente da estirpe e, assim, como afirmamos anteriormente, seu relato se destacaria por se valer diretamente do discurso proferido na tradição oral Inca, via entrevistas com seus parentes. Porém, como bem observamos, uma característica marcante da tradição histórica Inca está em sua forma particular de eleger os acontecimentos dignos de serem recordados, relacionados com a vigência dos poderes das *panacas* e *ayllus*, que também funcionavam como facções políticas.¹⁵⁴

Ao optar pelo relato de seus parentes, Garcilaso se compromete com a versão da história Inca que foi contada pelos representantes de Capac Ayllu, *panaca* de Tupac Yupanqui, de onde descendiam nosso historiador Inca e Huascar, que durante a disputa com Atahualpa rivalizou com Hatun Ayllu, *panaca* de onde descendia a mãe deste último. Sua opção se torna flagrante quando se decide por um relato específico da origem dos Incas, a lenda que identifica como *pacarina* de Manco Capac e Mama Ocllo o lago Titicaca, se diferenciando da maioria das versões a que teve acesso.¹⁵⁵

Destarte, no que concerne a narrativa sobre a história dos Incas, o cuzquenho nos oferece o que María Rostworowski chama de enredo intencional. Em sua versão, estão flagrantemente outros erros intencionais, em favor de sua *panaca*, que são comprovados

¹⁵³ MIGNOLO, Walter D. *El metatexto historiográfico y la historiografía Indiana*. MLN: Vol. 96, 1981. Pág. 375, 376.

¹⁵⁴ ROSTWOROWSKI. *Ibid.* Pág. 42-48.

¹⁵⁵ *Ibid.* Pág. 37-40.

pelas informações contidas nas crônicas contemporâneas. Neste sentido, a sequência de sucessão dos soberanos Incas que apresenta Garcilaso, tem inflexões bastante significativas. Ao tratar de um dos eventos fundacionais do incário, a lendária guerra contra os Chancas, Garcilaso se opõe a maioria dos cronistas declarando como vencedor de dita batalha o Inca Viracocha.¹⁵⁶ A fim de retificar sua versão, chega ao ponto de trocar a identidade das múmias que foram mostradas a ele por Polo de Ondegardo, antes de sua partida do Novo Mundo em 1560. De acordo com o licenciado de Cuzco, um dos soberanos mumificados era Pachacutec,¹⁵⁷ ao passo que o letrado mestiço, desgostoso em dar prestígio a Hatun Ayllu, afirma que esta mesma múmia era de Viracocha, contradizendo as informações contidas na crônica de Ondegardo.¹⁵⁸

No fe fabe de cierto que años viuió, ní quantos reyno, mas de que comunmente se tiene que fuerõ mas de cinquenta los de fu reynado: y affi lo moftraba fu cuerpo quando yo lo vi en el Cozco, al principio del año de mil y quinientos y fefenta, que, habiendo de venirme a España, fui a la pofada del Licenciado Polo Ondegardo, natural de Salamanca, que era corregidor de aquella ciudad, a befarle las manos y defpedirme del para mi viaje. (...) En el apoffento hallé cinco cuerpos de los Reyes Incas, tres de varón y dos de muger. El vno dellos dezian los Yndios que era efte Inca Viracocha, moftraba bie fu larga edad; tenía la cabeza blanca como la nieue.¹⁵⁹

As opções de Garcilaso registradas em sua escrita são mostras de como seu julgamento dos acontecimentos dignos de registro está clivado pelos critérios autóctones, inclusive carrega muito da paixão tão comum na defesa dos interesses das *panacas* e *ayllus*, que se exaltaram nas guerras entre Huascar e Atahualpa. Devido ao hábito andino de adulterar os acontecimentos, fica distante a pretensão de compor com segurança uma história coerente e verídica, pois todas as variações possíveis dos relatos foram admitidas pelas crônicas, as principais fontes desse período.

¹⁵⁶ Cronistas como Cieza, las Casas, Polo de Ondegardo, Acosta, Sarmiento de Gamboa e Santa Cruz Pachacuti, declaram a Inca Pachacutec como o triunfador diante dos Chancas, feito que abriu caminho para o estabelecimento do Estado Inca e sua posterior expansão. O conteúdo da lenda alude a investida chanca, que foi alertada em sonho ao “príncipe” Cusi Yupanqui, que depois de desbaratar os invasores da cidade abandonada por seu pai, lhe toma a *mascapaycha*. ROSTWOROWSKI. Ibid. Pág. 49 – 68.

¹⁵⁷ Ibid. 62-66.

¹⁵⁸ *Comentarios*. Libro V, Cap. XXIX. ROSTWOROWSKI. Ibid. Pág. 63.

¹⁵⁹ *Comentarios*. Libro V, cap. XXIX.

Histórias divinas e humanas.

(...) porque alla los Epañaes y las otras naciones, fus comarcas, como tienen historias divinas y humanas, faben por ellas quando empezaron a reynar fus Reyes, y los agenos, y el trocarfe vnos imperios en otros, hafta faber quantos mil años ha, que Dios crio el cielo y la tierra, que todo efto y mucho mas faben por fus libros.¹⁶⁰

O questionamento retórico feito pelo jovem Gómez Suárez ao ancião Inca Cusi Huallpa, demandando dados para compor sua narrativa das origens incaicas, traz consigo uma distinção superficial dos modos de registro das culturas europeias, atentando para a existência de tipos diferentes de história. As histórias divinas e humanas são a fonte do conhecimento do passado das nações e o letrado cuzquenho não hesita em oferecer sua escrita da história dos Incas para que seja cotejada por estas interpretações.

Demas defto en todo lo que de fta republica, antes destruyda que conofcida, dixere fera contando llanamente lo que en fu antigüedad tuuo de fu idolatria, ritos, facrificios, y ceremonias, y en fu gobierno, leyes, y cofumbres en paz, y en guerra, fin comparar cofa alguna deftas a otras semejantes, que en las historias divinas y humanas fe hallan, ni al gouerno de nueftros tiempos, porque toda comparacion es odiofa, el que las leyere podra cotejarlas a fu gufto, que muchas hallara femejantes a las antiguas afsi de la fancta efcritura, como de las profanas, y fabulas de la gentilidad antigua(...)¹⁶¹

A distinção entre a história dos acontecimentos mundanos e profanos da história sagrada que emana dos textos bíblicos pode parecer um lugar comum à primeira vista. Todavia, esta operação se produziu mediante o estabelecimento das reflexões sobre as histórias divinas e humanas como um tópico, presente desde as primeiras escritas propriamente cristãs da história, as histórias eclesiásticas.¹⁶² Inicialmente desenvolvida por Eusébio de Cesaréia, a noção de história eclesiástica se centrava em buscar as origens e desenvolvimento da igreja cristã enfatizando a documentação factual. Seu esforço se identifica com a defesa do cristianismo incipiente das perseguições e heresias, preocupando-se com a ortodoxia doutrinária e a preservação dos ensinamentos

¹⁶⁰ Ibid. Libro I, cap. XV.

¹⁶¹ *Comentarios*. Libro I, cap. XIX

¹⁶² MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. EDUSC. Pág. 187-212.

originais dos apóstolos. Entretanto, seu foco principal sempre esteve atrelado ao desenvolvimento dos assuntos mundanos das guerras e das políticas. No que se refere à Hispania visigoda, a escrita de Juan de Biclario (540-621 d.C.) representa um antecedente de “crônica goda”, seguindo a tradição eusebiana. Mais relevante para esta análise é o trabalho de Isidoro de Sevilha (560 – 636 d.C.) intitulado *Etimologias*, onde compila a parcela do saber clássico que poderia ser considerada compatível com o cristianismo. Embora considerada de menor transcendência, entre sua produção propriamente historiográfica, está a *Histórias dos vândalos e dos suevos*, cujo exemplar figurava na biblioteca do Inca Garcilaso.¹⁶³ Como veremos, o caráter de dualidade da história, explica Arnaldo Momigliano, permanece um problema para todos os historiadores eclesiásticos desde Eusébio, que pressupunham a existência de outros tipos de história.¹⁶⁴

Se os historiadores eclesiásticos não representaram uma interrupção da escrita da história política mais comum como a de Tucídides, a rejeição dos paradigmas da antiguidade clássica do Mediterrâneo por Santo Agostinho é trivial. Ainda que seja possível apontar a verdade da doutrina cristã no conteúdo da história sagrada e profana, a história do mundo não lhe parece conter algum significado ou interesse especial. Sua empreitada está associada a refutação da noção clássica de tempo cíclico, baseada no movimento dos astros, uma vez que a ideia de tempo como ciclo eterno é incompatível com a concepção linear do tempo cristão, de meta e objetivo definidos.¹⁶⁵ De acordo com a leitura feita por Eric Auerbach em seu livro *Mimesis*, a temporalidade bíblica é provida de historicidade na medida em que os personagens são carregados de passado e continuamente moldados pelo desígnio divino. De modo contrário, *A Odisséia*, texto que é apontado como sendo o antecessor direto do primeiro trabalho propriamente historiográfico da tradição clássica do Mediterrâneo – o de Heródoto – traz os gregos como homens superficiais que vivem o presente, de destinos claramente definidos, abrindo pouco espaço para algum tipo de desenvolvimento histórico, entretanto, seu

¹⁶³FONTANA, Josep. *A História dos homens*. Baurú: EDUSC, 2004. Pág. 75. No inventário da biblioteca do letrado mestiço consta *Gotorum Suorum istoria*, apontada com segurança por José Durand como sendo um exemplar de *Las historias de los godos, vândalos y suevos de Isidoro de Sevilla*. DURAND, José. *La biblioteca del Inca*. Pág. 244.

¹⁶⁴Sua noção de história universal da igreja implicava, paradoxalmente, em abranger todos os acontecimentos humanos, prejudicando seu caráter distintivo. MOMIGLIANO. *Ibid.* Pág. 199, 208.

¹⁶⁵LÖWITH, Karl. *O Sentido da História*.

posicionamento perante a *Ilíada* já a coloca como acontecimento posterior e refere-se a Guerra de Tróia como passado.

O texto bíblico, que demanda esforço interpretativo em sua pretensão à autoridade absoluta, nos inclina a inserir nossas próprias vidas em sua estrutura histórico-universal. Como consequência, na intensão de abarcar mundos vitais distantes da tradição judaico-cristã, torna-se preciso adaptações via “transformação interpretativa”. Esta necessidade exegética, manifesta na operação levada a cabo pelos primeiros estudiosos da cultura judaica durante a diáspora grega, foi efetivada de maneira mais impressionante no trabalho interpretativo ocorrido nos primeiros séculos do cristianismo, como parte do trabalho evangelizador de Paulo e dos “pais da Igreja”. Ao reinterpretar a tradição judaica em imagens que prognosticavam o advento de Cristo, também “indicaram ao Império Romano o seu lugar dentro do plano divino da salvação”. A constante modificação interpretativa do conteúdo do velho testamento, decorrente de sua pretensão à hegemonia, se arrasta durante milênios em um desenvolvimento perene e ativo com a vida do homem europeu.¹⁶⁶

Carregada de moralismo e retórica, a historiografia antiga era até certo ponto limitada em sua consciência histórica. De modo distinto, os acontecimentos narrados no Novo Testamento se desenvolvem na cotidianidade, assumindo importância revolucionária aos olhos dos autores, que evidenciaram em sua escrita um *movimento* de forças históricas oriundas do povo comum. Para esta tarefa formaram-se espontaneamente imagens conceituais e categorias para épocas e estados interiores (divisão dos tempos em tempos do pecado, da graça e da fé, conceitos de amor, força, espírito), exprimindo não somente ação e qualidade, mas, sobretudo, “estágios de uma transformação interna e histórica” rumo à eternidade. Devemos também considerar a plausibilidade do uso de figuras de retóricas gregas – como o discurso direto – pela tradição dos profetas e salmistas.¹⁶⁷

Inicialmente restrita aos círculos judeus, a “mensagem” cristã foi alterada para adequar-se à missão de evangelizar os gentios, iniciada pelo apóstolo Paulo, um judeu

¹⁶⁶ AUERBACH, Erich. *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011. Pág. 13. Nesta perspectiva, o vigor da tradição judaico-cristã já se manifesta no efeito de concretude e proximidade histórica dos personagens do Velho Testamento, cuja variedade contraditória de acontecimentos está ainda conservada em uma história autêntica. Isto se deve, conforme nos diz Auerbach, respectivamente, à concepção judaica do homem e ao fato de que os redatores eram efetivamente historiadores, e não bardos. *Ibid.* Pág. 17.

¹⁶⁷ *Ibid.* Pág. 38, 39.

da diáspora. A mensagem teria de sofrer uma adaptação às condições de ampliação do círculo de destinatários, desligando-se de alguns pressupostos especificamente judeus, mas valendo-se audaciosamente do método já caro à tradição judaica, a interpretação reinterpretativa. Dessa maneira o velho testamento converte-se em figuras que prenunciam a vinda de Jesus, desviando a atenção do acontecimento sensível e direcionando-a para seu possível significado exegético. Nestas condições o texto bíblico se difunde pelo império Romano já como a história da salvação.¹⁶⁸

O que é específico da contagem do tempo cristão é o facto de partir de um acontecimento central, que ocorreu numa altura em que o tempo tinha de ser preenchido. Para os judeus, o acontecimento central situa-se ainda no futuro, e a esperança do Messias divide-lhes todo o tempo numa eternidade presente e noutra futura. (...) No que se refere a este acontecimento central, [para os cristãos] o tempo é contado *para a frente assim como para trás*. (...) Neste esquema cosmológico linear, apesar de duplo, a perspectiva bíblica da história é delineada como uma história da salvação, progredindo da promessa à concretização e centrada em Jesus Cristo. (Grifos no original)¹⁶⁹

É esta a “economia histórica da salvação”, presente no esquema de Paulo e que será reapropriada por Santo Agostinho. Sua articulação somente pode ser entendida a partir da liberação de uma temporalidade propriamente cristã, advinda da crença na presença, morte e ressurreição do Messias, que passa a atuar como linha divisória ou acontecimento central. As escritas cristãs da história, que durante a antiguidade tardia, nos primórdios do cristianismo, passaram a ser elaboradas, certamente dialogaram com essas condições: isto é, acessaram os recursos descritivos de uma perspectiva rica em detalhes do fluxo histórico cotidiano, que é sacralizado nesta operação. As diferentes

¹⁶⁸ Nota-se que os gregos nutriam certo desinteresse pela tradição judaica. Sua recusa em reconhecer a bíblia esteve relacionada com o costume antigo de auto exposição de acordo com métodos e categorias da etnografia vigente: eles não esperavam que os judeus traduzissem suas obras sagradas, mas sim que produzissem versões adequadas em seu proveito. Com um tratamento diferenciado para as questões linguísticas, os romanos investiram na tradução das obras gregas para o latim e evitaram uma ampla absorção das formas helenísticas pensamento. MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os limites da Helenização: A interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991. Pág. 84-86. Por outro lado, os romanos do século I a.C. eram atenciosos em relação aos Judeus. Além da exposição autorizada do judaísmo para os leitores da época, que soava desfavorável, e de alguns conteúdos agressivos, houve uma escrita patrocinada que compilou informações sobre os povos do oriente próximo. Incentivada pelos patronos romanos, esta escrita reuniu informações sobre os novos países abertos à conquista. Sob a responsabilidade de Alexandre Poliístor, a compilação sobre os judeus incluiu extensos excertos em grego de fontes judias e samaritanas com admirável objetividade, passando a gozar de crédito entre os escritores cristãos. Ibid. Pág. 108, 109.

¹⁶⁹ LÖWITH, Karl. *O sentido da História*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991. Pág. 184.

reações e leituras dos conteúdos de uma antiguidade que tornava-se então clássica compõem estas obras e são encontradas também nas obras dos “pais da Igreja”.¹⁷⁰

Nesta conjuntura Santo Agostinho formula o conceito de *progresso* do reino de Deus sobre a Terra, exemplo do esforço em complementar as pré-figurações fragmentárias que anunciam a *Civitas Dei* com a representação de eventos em sucessão histórica. Mas os acréscimos ao relato bíblico atuam como modo de explicação das situações históricas, racionalizando-as e harmonizando a interpretação figurativa em sequência factual teleológica.¹⁷¹ Todavia, a interpretação histórico-dogmática do cristianismo feita por Agostinho inscreve a verdade da doutrina cristã na história profana na medida em que visa uma diferenciação da história sagrada. Seu interesse é apresentar uma perspectiva divina da história com função pedagógica. A estrutura teológica que está subjacente à distinção das seis épocas, tendo com *telos* a cristandade, e que foi posteriormente aceita por São Tomás de Aquino não necessariamente pretendeu uma harmonização do Império Romano com o advento do cristianismo.¹⁷²

A prerrogativa da cristandade é que a palavra autorizada de Deus nas escrituras sagradas definia o que era importante ou não no plano da história da salvação. Santo Agostinho precisou ainda que a história sagrada somente poderia ser escrita por profetas, inspirados diretamente por Deus nos livros sagrados, assim, foi obrigado a separar a história das instituições humanas e dos Estados.¹⁷³ Ainda assim, durante as vicissitudes da tradição eusebiana, que os historiadores cristãos do medievo ocidental experimentaram, ficava claro que a noção de cristandade não fornecia uma distinção concreta entre as questões políticas e religiosas. Segundo Momigliano, podemos identificar entre os historiadores eclesiásticos medievais a transição da história eclesiástica local para uma história eclesiástica geral, e não raro, sugerindo a transição da história da igreja cristã para a história mundana.¹⁷⁴

As renovações das concepções de tempo e história ganham ímpeto a partir da crise do dualismo agostiniano, minado duplamente; pelos juristas em sua pretensão por

¹⁷⁰ AUERBACH. *Ibid.* Pág. 41 – 65.

¹⁷¹ *Ibid.* Pág. 64.

¹⁷² LÖWITZ. *Ibid.* Pág. 161 – 173. É esta operação que permite à Igreja “recuperar, retomar, habitar os modelos antigos” dos costumes dos maiores e da *Historia Magistra Vitae*, sem, no entanto, produzir uma identificação completa com os mesmos.

¹⁷³ Nas palavras de Newton Bignotto, estas são características do “dualismo agostiniano”, expresso tanto na separação da história como do tempo. BIGNOTTO, Newton. *O círculo e a linha*. Pág. 181, 182.

¹⁷⁴ MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Pág. 206,207.

compor uma teoria de continuidade das formas políticas e pela redescoberta da noção de tempo eterno segundo Aristóteles, que questionavam os pontos de partida da concepção cristã.¹⁷⁵ A partir das demandas criadas com as reflexões e práticas políticas das repúblicas italianas, o Humanismo, que tem suas origens no resgate da crítica filológica e textos da antiguidade clássica do Mediterrâneo, buscou a fundamentação histórica de suas proposições nos velhos modelos da *polis* grega e da república romana. Este momento de reavaliação da tradição clássica, que reaproxima a escrita da história e a política, é registrado nas historiografias nacionais que seguiram o modelo oferecido por Francesco Guicciardini (1483-1540) em sua *História da Itália*, que após suas primeiras publicações na década de 1560, no fim do século já haviam sido produzidas traduções para francês, espanhol, inglês, alemão e holandês.¹⁷⁶ Como é sabido, no inventário da biblioteca de Garcilaso consta um livro listado como *Ystorias de Italia* e outro como *La istoria de italia*, ambos apontados por José Durand como volumes da *História* de Guicciardini.¹⁷⁷

Enquanto a história humanística de cunho retórico se esforçava em depurar o conjunto de fórmulas da “ars histórica”, se convertendo em uma simples preocupação estilística, as tentativas de aplicar os métodos a uma descrição da história sagrada já continham aspirações reformistas moderadas.¹⁷⁸ Em outra direção, os leitores de Guicciardini na França se inclinariam na direção de uma “história perfeita”, Étienne Pasquier (1529-1615) compôs as *Recherches de la France (1560-1561)* valorizando o idioma nacional e o passado gaulês em detrimento da busca das origens na tradição clássica greco-romana. Um dos letrados franceses de grande importância nesta conjuntura é Jean Bodin (1530-1596), que teorizou a respeito da interpretação histórica em *Methodus ad facilem historiarum cognitionem (1566)*, aproximando-a pragmaticamente da política. Sua principal obra, *Os seis livros da República (1576)*, que é citada por Garcilaso na *Historia General del Peru*,¹⁷⁹ contém, nas palavras de Josep Fontana, “uma arte da política baseada na filosofia da história”. Em seu bojo está sua divisão da história em três áreas, a “história natural” que ocupa-se da causas

¹⁷⁵ BIGNOTTO. Ibid. Pág. 182 – 184.

¹⁷⁶ FONTANA. Ibid. Pág. 97.

¹⁷⁷ DURAND. Ibid. Pág. 256.

¹⁷⁸ Podemos citar a história do Concílio de Trento escrita pelo veneziano Paulo Sarpi (1562 – 1623), que posteriormente foi incluída no índice de livros proibidos. FONTANA. Ibid. Pág. 96 – 98.

¹⁷⁹ *Historia General del Peru*. Libro I, Cap. III.

operantes da natureza; a “história sagrada” que investiga as manifestações divinas e, por fim, a “história humana”, que narra os feitos dos homens e suas sociedades.¹⁸⁰ Ao explorar esta última, além de oferecer sua original “teoria dos climas”,¹⁸¹ acaba por admitir a finitude das possibilidades em relação ao horizonte descortinado pelo surgimento dos cálculos políticos, previsões racionais e prognósticos, que acompanharam o enfraquecimento da perspectiva escatológica.¹⁸²

De todo modo, podemos afirmar com segurança que na Castela dos Séculos XVI e XVII, o tom predominante das crônicas oficiais e histórias gerais é cristão. Devemos considerar também as mudanças ocorridas durante a divisão das igrejas, que passam a orientar a procura por uma imagem verdadeira do antigo cristianismo.¹⁸³ Enquanto protestantes e católicos buscavam se utilizar da autoridade da história eclesiástica dos primórdios da igreja, a descoberta de outras religiões no Novo Mundo, na África e na Ásia atenuava a desagregação das concepções e estruturas medievais europeias.¹⁸⁴ Nesta conjuntura, ao lado da historiografia patrocinada pelos reis católicos, que partilhava dos defeitos retóricos da corrente humanística, temos o advento das histórias dedicadas a narrar os sucessos dos europeus na expansão marítima e descrever as culturas autóctones. A escrita da história de Garcilaso em *Los Comentarios* pode ser entendida a partir deste esforço coletivo, que contou amplamente com os recursos tão familiares a formação humanística dos letrados europeus neste período, como a filologia e a retórica. Somente uma formação deste cunho, ligada a cultura das repúblicas italianas, poderia permitir ao letrado cuzquenho confrontar sua versão do incário, diferenciando o conteúdo das *histórias divinas* e *histórias humanas* sem questionar diretamente o papel da história sagrada, mas aberto a possibilidade de reprovação dos conteúdos profanos da antiguidade clássica do Mediterrâneo, nos trazendo um possível uso específico destas expressões na Castela do início do período moderno.

Esta dualidade pode estar associada ao esquema de ordenação do tempo adotado por Garcilaso para organizar seu relato da história dos Incas. Em seu afã de diferenciar as culturas pré-incaicas do período de predomínio da estirpe andina, o historiador

¹⁸⁰ FONTANA. Ibid. Pág.99.

¹⁸¹ Baseando-se no sistema de medidas astronômicas de Ptolomeu, Bodin usa o conhecimento geográfico científico como critério para averiguar o discurso dos historiadores, uma vez que a localização determinaria a natureza dos povos. Ibid. Pág. 99.

¹⁸² KOSELLECK. Ibid. Pág. 31,32.

¹⁸³ MOMIGLIANO. 2004. Pág. 210.

¹⁸⁴ CERTEAU. Pág. 155.

mestiço emprega as noções de “tiempos y edades”, ainda vigentes no século XVI.¹⁸⁵ Sua prerrogativa inicial é que, para que se evitem confusões no entendimento dos costumes autóctones, torna-se necessário o recurso a divisão dos tempos, idades e províncias, assim como o havia feito o Padre Blas Valera.¹⁸⁶

Paraq se entiêda mejor la idolatría, vida y costúmbres de los Yndios del Peru, sera neceffario diuidamos aqellos figlos en dos edades: diremos cómo viuiã antes de los Incas, y luego diremos como gouernarõ aqellos Reyes, paraq no fe cõfunda lo vno cõ lo otro, ni fe atribuyã las costúmbres, ni los diófes de los vnos a los otros.¹⁸⁷

Como Garcilaso está comprometido com a defesa da cultura Inca, é possível que uma de suas fontes básicas tenha sido a *Historia natural y moral de las Indias* de Acosta, onde encontramos, assim como na *Apologética historia* de Las Casas, a engenhosa recuperação da tradição latina das *behetrías* que precederam o império romano na defesa das altas culturas do Novo Mundo.¹⁸⁸ Assim o tempo fica dividido de forma maniqueísta, o mau antes dos Incas, o bom durante seu predomínio, uma vez que nesta perspectiva sua ação civilizatória tem um caráter preparatório para a chegada do evangelho. Este foi um modo de dotar a história por ele contada de algum tipo de continuidade, diferenciando os bárbaros da primeira idade dos Incas gentios urbanizados (“outra Roma”) da segunda idade. Haja vista a inserção definitiva da providência divina neste esquema, o tempo pós-incaico é o da salvação, e esta divisão tripartite, guardadas suas devidas proporções, contém o que Carlos Aranibar chama de “gérmen de modernidade”, abrindo caminho para o desenvolvimento da ideia de *progreso*.¹⁸⁹

Chama a atenção alguns aspectos problemáticos que decorrem desta solução, pois mesmo tratando dos tempos profanos da idolatria dos Incas gentios, o cronista cuzquenho se sente à vontade para discriminar as legislações dos soberanos Incas, “afsi

¹⁸⁵ Durante o medievo, se popularizou os 4 reinos das profecias de Daniel e as 4 idades anteriores a Cristo, cujo pano de fundo milenar havia suportado a cunhagem das 4 idades de ouro, prata, cobre e ferro feita pela antiguidade clássica do Mediterrâneo, tal como resumido por Ovidio em *Metamorfosis*. *Comentarios Reales de los Incas*. Edição, índice analítico e glossário de Carlos Aranibar. Lima: FCE, 1991. Pág. 731.

¹⁸⁶ *Comentarios*. Libro I, Cap. IX e XI.

¹⁸⁷ *Ibid.* Libro I, Cap. IX.

¹⁸⁸ PAGDEN. *Ibid.* Pág. 224, 225.

¹⁸⁹ *Comentarios Reales de los Incas*. Edição, índice analítico e glossário de Carlos Aranibar. Lima: FCE, 1991. Pág. 731,732.

en lo fagrado de fu vana religion, como en lo profano de fu gouierno temporal”.¹⁹⁰ Entretanto, em um primeiro momento, quando se trata de avaliar as aproximações explícitas da narrativa inca ao conteúdo tradicional da história divina – trata-se das fábulas sobre a origem dos Incas e os tempos de Noé – temos mais uma dissimulação de Garcilaso, que recorre retoricamente ao julgamento do público leitor ao qual se dirige.

Otros pafsos de la vna fabula y de la otra quieren femejar a los de la Sancta Hiftoria, que les parefce que fe femejan. Yo no me entremeto en cofas tan hondas, digo llanamente las fabulas hiftoriales, que en mis niñezes oy a los mios, tomelas cada vno como quifiere y de les el alegoria, que mas le cuadrare.¹⁹¹

Esta aparente esquiva, em tratar dos possíveis traços da história divina na história profana dos Incas, está ausente quando decide tratar da “idolatria de la fegunda edad”,¹⁹² afirmando sem hesitar que os Incas foram monoteístas e, ao contrário dos gentis gregos e romanos, foram capazes de rastrear “con lumbre natural al verdadeiro fumo Dios, y señor nueftro, que criô el cielo y la tierra”, identificado com a deidade andina *Pachacamac*.¹⁹³ Esta é uma importante operação, pois inverte o argumento corrente nas crônicas oficiais de que esta entidade era o próprio demônio, dando coerência à intenção projetada a partir do esquema de ordenação do tempo em “edades”, qual seja, a de evitar confusões desta natureza. Por sua vez, os gentios gregos e romanos podem servir para contemporizar o caos da multiplicidade de deidades pré-incaicas da primeira idade, uma clara desqualificação daqueles “q tão perfumiã de fus ciêcias”.¹⁹⁴

O inca Garcilaso e seu conceito de verdade histórica.

De mas de auermerlo dicho los Yndios, alcance y vi por mis ojos mucha parte de aquella idolatria, fus fieftas e fuperfticiones, que aun en mis tiempos hasta los doze o treze años de mi edad, no fe habiam acabado del todo. Yo nafci ocho años depues que los Efpañoles ganaram mi tierra y, como lo he dicho, me crie en ella hafta los veynte años: y afsi vi muchas cofas de las que hacian los Yndios en aquella fu gentilidad, las quales contare diziendo que las vi.¹⁹⁵

¹⁹⁰ *Comentarios*. Libro II, cap. IX.

¹⁹¹ *Ibid.* Libro I, Cap. XVIII.

¹⁹² *Ibid.* Libro II, Cap. I.

¹⁹³ *Ibid.* Libro II, Cap. II.

¹⁹⁴ *Ibid.* Libro I, Cap. IX.

¹⁹⁵ *Ibid.* Libro I, Cap. XIX.

Em um dos capítulos mais citados dos *Comentarios, Protestacion del Autor fobre la hiftoria*, temos algumas passagens bastante esclarecedoras sobre o conceito de verdade histórica manipulado pelo letrado mestiço, ligado a observação presencial e ao conhecimento da cultura e sua língua e, não sendo possível o contato visual, a qualidade das fontes consultadas. Neste capítulo Garcilaso discrimina seus informantes no Novo Mundo, cujos relatos preencheram as lacunas deixadas pela observação pessoal e pela tradição oral, suas principais fontes de autoridade. Na busca pela verdade dos feitos, tem importância central a contraposição entre fábula e história, que acaba por mostrar-se um tanto problemática.

Yremos con atencion de dezir las hazañas mas hiftoriales, dexando otras muchas por impertinentes y prolixas, y aunque algunas cofas de las dichas, y otras que fe diran, parezcan fabulosas, me pareficio no dexar de efcruirlas, por no quitar los fundamentos fobre que los Yndios fe fundan, para las cofas mayores, y mejores que de fu imperio cuentan; porque en fin deftos principios fabulofos procedieron las grandezas, que en realidad de verdad poffee oy Efpaña, por lo qual fe me permitira decir, lo que conuinere, para la mejor noticia que fe pueda dar de los principios, medios, y fines de aquella monarchia, que yo protefto dezir llanamente la relacion que mame en la leche, y la que defpues aca he auido, pedida a los propios mios, y prometo que la aficion de ellos no fea parte, para dexar de dezir la verdad del hecho, fin quitar de lo malo, ni añadir a lo bueno que tuuieron, que bien fe que la gentilidad es vn mar de errores(...)¹⁹⁶

Ao opor fábulas prolixas e façanhas “mas hisftoriales”, Garcilaso se situa em relação aos critérios de verdade da produção historiográfica em Castela deste período, que supunha a diferenciação do valor de verdade da escrita da história em contraposição a ficção da poesia e fábulas alegóricas. Todavia, as lendas e contos tradicionais, ainda que contenham traços predominantemente fantásticos, podem conter informações “hiftorales”, uma tautologia que está presente nas expressões híbridas “fabulas hiftoriales”, “cafo hiftorial”, “fucefos hiftoriales”, “hechos hiftoriales”, “verdad hiftorial”,¹⁹⁷ que esboçam o método empregado para triar as informações pertinentes.

¹⁹⁶ Ibid.

¹⁹⁷ *Comentarios*. Respectivamente: Libro I, Cap. XVIII; Libro I, Cap. VII; Libro I, Cap. XVIII; Libro VI, Cap. IX; Libro VII, Cap. XXIX.

Este critério de verdade se encontra no bojo da concepção de história colocada em jogo nesta perspectiva, que admite uma releitura da tradição clássica do Mediterrâneo, onde corresponde à história o papel de se constituir como uma narrativa verdadeira de feitos passados. De acordo com o levantamento feito por Walter D. Mignolo, os tratados de fins do século XVI e início do XVII traçam a origem do vocábulo *historia* na voz grega *isorein*, que pode ser traduzida como “ver”, sua derivação *istoreo*, tem ao menos dois significados: 1) ver ou receber informação de testemunhas oculares; 2) a transmissão ou informe verbal desta informação. Rastreada principalmente a partir de Cícero, a definição corrente de história no início do período moderno – “narração verdadeira dos feitos passados” – não explicita se o termo *historia* se refere propriamente aos feitos passados (domínio de objetos) ou ao informe que os organiza e os comunica (narração ou escrita da história), deixando ainda a dúvida se os acontecimentos presentes pertencem ou não ao domínio de objetos. Os tratadistas se dividem, sendo que alguns optam por definir história como *res gestae*, valorizando o domínio de objetos, enquanto outros a definiam como *rerum gestarum*, dando ênfase à narrativa.¹⁹⁸

A noção de verdade histórica empregada para qualificar esta definição, é caracterizada por mesclar, sem relacionar diretamente, valores pragmáticos e lógicos. Pois cabe ao homem sábio (“causa eficiente”) tratar das verdades (*de dicto* ou *de re*) que interessam à *Historia Magistra Vitae* (“causa final”). A responsabilidade ético-pragmática depositada no historiador, está patente nos requisitos que dele eram então exigidos. Assim uma história verdadeira só poderia ser escrita por um letrado qualificado e conhecedor de seu tema, que reconhecesse os critérios vigentes da produção historiográfica.¹⁹⁹ Por outro lado, parte da definição do que poderia ser *historia*, está naquilo que ela definitivamente não era, poética ou simples cronologia. As mudanças no emprego dos vocábulos “anais” e “crônicas”, que passariam a ser admitidas como tipos de história, são exemplos do redimensionamento das escritas da história em curso neste período. Do mesmo modo, a história poderia vir denominada como genealogias, efemérides ou comentários, mas gozando da prerrogativa decorosa de aspirar à verdade. Destarte, em seus *Comentarios*, ao tratar de uma localidade

¹⁹⁸ MIGNOLO. Ibid. Pág. 366, 367.

¹⁹⁹ Ibid. 369

desconhecida, Garcilaso ressalva que, “no pudiendo mostrarla con el dedo, como fe ha hecho de toda la demas que hafta aqui fe ha referido, me parecio no mezclar cofas fabulosas, o que lo parecen, cõ hiftoria verdadera”,²⁰⁰ confirmando sua intensão declarada.

En el difcurfo de la hiftoria proteftamos la verdad de ella, y que no diremos cofa grande q no fea autorizandola con los mifmos hiftoriadores Epañoles, que la tocaron en parte o en todo: que mi intencion no es contradecirles, fino fervirles de comento y glosa, y de interprete en muchos vocablos Yndios, q como estrangeros en aquella lengua, interpretaron fuera de la propiedad della, fegun que largamente fe vera en el difcurfo de la hiftoria (...)²⁰¹

Como sabemos, qualquer historiador deste período dificilmente abriria mão de expor retoricamente suas vantagens no momento de oferecer uma história verdadeira, discriminando suas fontes únicas e relatos de primeira mão, não raro, inserindo seu testemunho pessoal como fonte de autoridade. Com efeito, como nos aponta Mignolo, grande parte das narrativas que se dedicaram a descrever o Novo Mundo no século XVI, baseavam seu conhecimento da história na *experientia* de primeira mão, de modo que corria o risco de cair em descrédito aqueles que escreviam uma “história das Índias” sem ter conhecido o Novo Mundo. Ao passo que os historiadores não puderam contar com fontes tradicionais ou modelos prévios de explicação, passaram a valorizar a experiência direta como respaldo do conhecimento historiográfico e critério de verdade.²⁰² Esta operação permite ao letrado mestiço afirmar que os historiadores espanhóis chegam a tocar a verdade em alguns pontos quando, em um amplo debate sobre a existência de antípodas, aplicam a teoria dos climas aos territórios do Novo Mundo.

Y ef de faber q en la Torrida Zona, en lo q della alcãza el Peru, no confifte el calor, ni el frio en diftãcia de regiones, ni ê estar mas lexos, ni mas cerca de la equinocial, fino en ftar mas alto, o mas baxo en vna mifma región, y en muy poca diftãcia de tierra: como adelante fe dira mas largo. Digo pues q a efta femejãça fe puede creer, q tambiê las Zonas frias eften templadas, y seã habitables, como lo tienen muchos

²⁰⁰ *Comentarios*. Libro VII, Cap. XV.

²⁰¹ *Ibid.* Proemio al lector.

²⁰² MIGNOLO. *Ibid.* Pág. 386, 388.

graves autores; *aunque no por vista y experiencia (...)* (Grifos nossos)²⁰³

O caráter inusitado das situações dos historiadores do Novo Mundo, que se esforçaram em descrever naturezas e culturas desconhecidas, trazem consigo a importante mudança na concepção do saber, produzida durante o período de conquista. Transita-se de uma perspectiva em que o saber estabelecido e conservado é transmitido pela palavra autorizada aos ouvidos das gerações futuras, para outra, onde o corpo e os sentidos, olhos e mãos são os “descobridores” de um novo saber. Deste modo, a garantia do conhecimento e verdade historiográficos se encontra na experiência direta e proximidade temporal dos acontecimentos, assim como no contato com testemunhos oculares, ambos apoiados ao confronto da documentação e à crítica das histórias escritas anteriormente.

A história como espaço de disputa.

É reconhecido o estabelecimento do modo de vida disfrutado pelos letrados e homens de saber já no século XV. A tomada de consciência e institucionalização do exercício das letras, de acordo com uma educação formal, intimidava aqueles que se aventuravam pelo mundo da escrita.²⁰⁴ O conflito entre a posição social inadequada e a atividade literária, está expresso nas costumeiras “desculpas” daqueles que se “atrevem” a escrever história, uma prática que tem exigências corporativas sobre quem a exerce. Isto implica um evidente caráter de disputa do conhecimento legítimo autorizado, agudizado pelas censuras do ambiente de contrarreforma. No entanto, como bem notamos, a mudança na forma como o saber era entendido, engendra novas fontes de autoridade para os historiadores do século XVI. Estas novas condições, estão diretamente relacionadas com a possibilidade de esgotamento dos protocolos vigentes, incluindo a tradição clássica, para dar resposta às demandas oriundas do choque com as culturas autóctones do Novo Mundo.

Devido ao caráter ostensivo do processo de invasão e conquista, que tinha como respaldo a missão evangelizadora de pretensões civilizatórias, tornava-se imperativo

²⁰³ *Comentarios*. Libro I, Cap. I.

²⁰⁴ MARAVALL, J. A. *La formación de la conciencia estamental de los letrados*. Revista de estudios políticos, ISSN 0048-7694, Nº 70, 1953, Pág. 53-82.

produzir um conhecimento acerca dessas culturas que as tornassem não somente inteligíveis, mas que as conformassem no esquema cristão ocidental, de modo a justificar a investida europeia. Ligada a este imperativo inicial, está principal dificuldade encontrada neste processo, que foi a de compreender as visões de mundo, estruturas sociais e, de importância central para a empreitada, os mecanismos de linguagem destes povos, que pudessem permitir algum nível de comunicação. Estas questões eminentes não passariam despercebidas, elas podem ser mapeadas em muitos escritos, produzidos tanto pelos evangelizadores como por letrados, soldados e pessoas comuns, empenhados em estudar e escrever sobre as culturas nativas.

Nestas condições, o movimento de reavaliação dos conteúdos da antiguidade clássica do Mediterrâneo, iniciado com ímpeto pelos humanistas italianos, foi complexificado a partir do confronto com as culturas do Novo Mundo, desconhecidas dos expoentes da cultura greco-romana. Assim, podemos entender porque abundam nos textos deste período, tentativas de oferecer um entendimento das culturas autóctones via paralelos, comparações e contrastes com o repertório clássico. O recurso à antiguidade clássica serviu tanto para conferir autoridade, como para oferecer elementos contemporizadores em favor da valorização das culturas desconhecidas, podendo em alguns casos, chegar a reprovação das práticas de gregos e romanos. Todavia, sabemos que dentre as disciplinas antigas, reapropriadas segundo os critérios da época, estão principalmente a filologia e a retórica, fortemente imbricadas na renovação da escrita da história em curso neste momento.

Aqueles que optavam pelo desafio de narrar a história dos povos autóctones, deviam lidar com ausência de fontes tradicionais e com a multiplicidade de relatos, o que aumentava o risco de imprecisão perante os critérios de verdade vigentes na historiografia. Neste sentido, as narrativas que se pretendiam verdadeiras nem sempre coincidiam no conteúdo dos relatos, demandando uma apuração rígida das informações e uma seleção crítica dos textos historiográficos que foram sendo produzidos. Na árdua tarefa de depurar textos e estabelecer versões confiáveis, a filologia se tornou uma grande aliada desde os tempos do humanista Lorenzo Valla (1407 – 1457), que estudava o latim da antiguidade e comparava os manuscritos gregos e latinos do Novo Testamento pretendendo obter uma versão de acordo com as exigências emergentes.²⁰⁵

²⁰⁵ FONTANA. Ibid. Pág. 84.

De modo semelhante, a busca por modos mais precisos de escrita já era vislumbrada a partir da publicação da *Gramática de la lengua castellana* (1492) do célebre humanista espanhol Antonio de Nebrija, que reconheceu a importância da linguagem para as dinâmicas humanas, identificando-a como a companheira dos impérios.²⁰⁶ Preocupado em oferecer uma versão adequada aos critérios vigentes, Garcilaso não abriria mão de recorrer a estas ferramentas para desqualificar os historiadores espanhóis, responsáveis pela deturpação do passado andino.

Avnque ha auido Epañoles curiosos que han efcrito las republicas del nuevo mundo, como la de Mexico y la del Peru, y las de otros Reinos de aquella gentilidad, no ha fido con la relacion entera que dellos fe pudiera dar: que lo he notado particularmente en las cofas que del Peru he vifto efcritas, de las cuales como natural de la ciudad del Cozco, q fue otra Roma en aquel imperio, tengo mas larga y clara noticia, q la que hafta aora los efcritores han dado. Verdad es que tocan muchas cofas de las muy grandes que aquella republica tuuo, pero efcriuen las tan cortamente, que aun las muy notorias para mi (de la manera que las dicen) las entiendo mal.²⁰⁷

Interessante notar que, no caso específico dos *Comentarios*, um elemento pouco comum reforça a autoridade do letrado mestiço como historiador dos Incas. A reivindicação de uma condição privilegiada de enunciação, associada ao pertencimento à cultura analisada, se esboça através do adjetivo “natural”, que permite a Garcilaso a pretensão de oferecer “mas larga y clara noticia” sobre os Incas. É bastante claro que este recurso se fortalece ao ser combinado com as competências da crítica filológica, amplamente instrumentalizadas para corrigir os erros de tradução e interpretação, tão frequentes nas histórias sobre “Índias”. A resenha sobre os equívocos dos historiadores espanhóis está disseminada por todo o livro,²⁰⁸ sobretudo quando se trata do conhecimento acerca das culturas autóctones. De acordo com o historiador mestiço, parte desta deficiência decorre dos critérios espanhóis usados para apreender os registros andinos, que ignoravam a distinção dos tempos e idades no momento de

²⁰⁶ ABOU, Don Paul. *Rhetoric in the New World: rhetorical theory and practice in colonial Spanish America*. Columbia: University of South Carolina Press, 1996. Pág. 6.

²⁰⁷ *Comentarios*. Proemio al lector.

²⁰⁸ Em um breve levantamento identificamos 35 menções aos “historiadores epañoles” ao longo dos *Comentarios*, sugerindo uma crítica que presume uma “corporação”. Alguns historiadores são expressamente citados, seja para conferir autoridade, confirmando sua versão, como para dar exemplo de imprecisões sobre dados, acontecimentos, nomenclaturas e erros de tradução, reforçando seu argumento de uma confusão explícita na comunicação entre espanhóis e autóctones.

interrogar seus informantes nativos. Soma-se a isto a já mencionada dificuldade de compreensão da língua, ocasionando frequentes mal-entendidos e confusões nas descrições sobre os costumes de cada região ou grupo étnico.

(...) folo fervire de comento para declarar y ampliar muchas cofas, que ellos afomaron a decir, y las dexaron imperfectas, por auerles faltado relacion entera: otras muchas fe añadiran que faltan de fus hiftorias, y paffaron en hecho de verdad, y algunas fe quitaran que fobran, por falfa relacion que tuuieron, por no haberla pedir el Efpañol con diftinction de tiempos, y edades, y diuifion de prouincias y naciones: o por no entender al Yndio que fe la daba, o por no entenderfe el vno al otro, por la dificultad del language; que el Efpañol que pienfa que fabe mas de el, iñora de diez partes las nueve, por las muchas cofas que vn mifmo vocablo fignifica, y por las diferentes pronuciaciones que vna mifma diction tiene para muy diferentes fignificaciones, como se vera adelante en algunos vocablos, que fera forçofo traerlos a cuenta.²⁰⁹

Durante a primeira modernidade, na ânsia por compor uma obra decorosamente verdadeira, a autoridade dos autores humanistas podia se apoiar nas qualidades do trabalho filológico. Com efeito, como nos lembra Hans Ulrich Gumbrecht, além de fornecer uma aproximação mais segura dos idiomas envolvidos nesta operação, a filologia tem importância central na triagem dos materiais e dos textos, na edição dos mesmos e na historicização dos conteúdos afins.²¹⁰ Diante da distorção do passado e da história do *Tahuantinsuyu*, que foi identificada por Garcilaso na produção historiográfica anterior, este trabalho de crítica textual se tornara imprescindível para apurar sua escrita. Desde seu trabalho como tradutor de latim, uma versão em romance espanhol dos *Diálogos de Amor*, seu conhecimento do idioma castelhano foi aprimorado. Entre os livros inventariados de sua biblioteca, temos um *Bocabulario de las dos lenguas toscana e castellana*, cujo exemplar José Durand acredita corresponder ao trabalho de Cristóbal de Las Casas, além das *Eleganzias (Eleganze della lingua toscana e latina)* do tipógrafo italiano Aldo Manucio. Igualmente, o manejo das fontes e textos foi exercitado em *La Florida*, seu primeiro trabalho propriamente historiográfico.

Em *Los Comentarios*, a competência em lidar criticamente com a historiografia anterior e outras obras escritas tem importância central, pois permite não somente a

²⁰⁹ *Comentarios*. Libro I, Cap. XIX.

²¹⁰ GUMBRECHT, Hans Ulrich. *The Powers of Philology: dynamics of textual scholarship*. Urbana: University of Illinois Press, 2003.

identificação dos erros e equívocos, mas também dos fragmentos da história andina que pretende recolher para autorizar sua narrativa. Muitos autores de “histórias de índias” são citados explicitamente como fontes diretas da escrita garcilasiana, como Francisco Lopez de Gómara e sua *Historia de las Indias*, previamente comentada e criticada nas conhecidas anotações marginais da cópia que o letrado mestiço possuiu.²¹¹ A *Primera parte dela Cronica del Peru* de Pedro Cieza de León goza de grande crédito nos *Comentarios*, sendo seu autor observador direto das terras descritas.²¹² Nesta disputa pela história, que inclui um litígio pelas estruturas significantes e seus significados, entra em disputa o próprio evento fundacional do “descobrimento”. Se a versão oficial celebrava a missão de Colombo em 1492, Garcilaso alega que as informações sobre novas terras foram comunicadas ao genovês por um piloto espanhol, que após uma tormenta pelo mar-oceano, chegou por engano as ilhas caribenhas em 1484. O episódio do piloto Alonso Sanches de Huelva é narrado com a intenção de oferecer uma relação não somente verdadeira, mas também completa, reivindicando autoridade para a versão oferecida pelo letrado cuzquenho, uma vez que Garcilaso identifica esta lacuna na narrativa de Acosta.²¹³

(...) de manera q no dezimos cofas nueuas, fino que como Yndio natural de aquella tierra, ampliamos y eftendemos con la propia relación, la que los hiftoriadores Efpañoles como eftranjeros acortaron por no faber la propiedad de la lengua, ni auer mamado en la leche aqueftas fabulas y verdades como yo las mame, y con efto paffemos adelante a dar noticias del orden q los Incas tenían en el gouierno de fus reynos.²¹⁴

²¹¹ A cópia comentada por Garcilaso é considerada o gérmen de sua escrita da história. Com efeito, é possível identificar em suas anotações a intensão em escrever uma história dos Incas, assim como a tendência pela crítica filológica do *Runa Simi* e de outros termos cunhados no processo de conquista. DURAND, *Ibid.* Pág. 253,254. No conteúdo dos *Comentarios* temos 15 citações de Gómara: Libro I, Cap. III, IV, V, VI e VII; Libro II, Cap. VI, VII e X; Libro VI, Cap. II; Libro VIII, Cap. XXII; Libro IX, Cap. XV, XXII, XXIX, XXXVIII e XXXIX.

²¹² Cieza é citado 35 vezes nos *Comentarios*: Libro I, Cap. IV, V, VI, XII e XIV; Libro II, Cap. II, VII, X, XIII, XV, XXII e XXVII; Libro III, Cap. I, XIV e XXIV; Libro V, Cap. VIII; Libro VI, Cap. I, II, V e XXIX; Libro VII, Cap. I, IX, X e XVII, Libro VIII, Cap. IV, V e VI; Libro IX, Cap. VI, IX, XI, XIII, XV, XIX, XXXIX e XL.

²¹³ COMENTARIOS. Libro I, Cap. III. O jesuíta José de Acosta, chamado de “maestro” por Garcilaso, é citado 31 vezes: Libro I, Cap. III, V e VI; Libro II, Cap. X, XXII e XXVII; Libro III, Cap. XX; Libro V, Cap. V, VI, IX, XVIII, XXVIII e XXIX; Libro VII, Cap. II, XVII, XVII e XXVIII; Libro VIII, Cap. XIV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XXIII, XXIV e XXV; Libro IX, Cap. I, IX, X, XVII, XXIX e XXXIII.

²¹⁴ *Ibid.* Libro II, Cap. X.

Talvez a mais importante fonte de historiador mestiço seja o já mencionado jesuíta Blas Valera e seus manuscritos, muitas vezes utilizado em longas citações, como discriminamos no Capítulo II. Interessante notar que, em muitos casos, Garcilaso acaba por não nomear propriamente os “hiforiadores Epañaes” a quem procura contradizer, direcionando a crítica a esta parcela do estamento letrado ou a algum “hiforiador”.²¹⁵ Estas entrelinhas de sua escrita são mais uma mostra de seu domínio do uso retórico dos fragmentos textuais que manipula. A importância da recuperação da antiga arte da retórica na primeira modernidade é bastante conhecida, entretanto, o uso deste protocolo da antiguidade clássica do Mediterrâneo no processo de expansão dos reinos católicos no Novo Mundo, como bem ressalva Don Paul Abott, merece um capítulo à parte na história desta disciplina.

O esforço persuasivo do projeto de evangelização dos autóctones, demandava um ajuste dos mecanismos de comunicação diante do desconhecido. Estudiosos tratadistas como Luis de Granada e Diego Valadés, se esforçaram em adaptar a retórica cristã para a conversão dos nativos, trabalho também executado em certa medida pelos missionários e historiadores José de Acosta e Bartolomé de Las Casas ao lidar com uma “audiência” sem precedentes. Por outro lado, temos trabalhos historiográficos como o de Bernardino de Sahagún, que privilegiou os conteúdos orais dos Mexica, neles identificando um tipo retórica nativa.²¹⁶ De modo que, a escrita da história de Garcilaso de la Vega nos *Comentarios Reales* é tanto um exemplo do emprego “renascentista” da disciplina clássica,²¹⁷ como um esforço para valorizar a sabedoria e eloquência da estirpe Inca, que, de acordo com a narrativa garcilasiana, foi consciente das funções pragmáticas da linguagem e comunicação para o processo civilizatório.

Seu conhecimento da disciplina retórica estava à altura da investida, no inventário de sua biblioteca constam a *Retorica* de Aristóteles, *De arte dicendi*, que José Durand acredita talvez corresponder ao tratado homônimo de Luis Vives, além de uma *De arte rhetorica*, de autoria de seu amigo Francisco de Castro, cuja dedicatória vai em nome de Garcilaso.²¹⁸ Os recursos retóricos da escrita garcilasiana nos *Comentarios*

²¹⁵ *Comentarios*. Libro II, Cap. VII.

²¹⁶ ABBOTT. *Ibid.* Pág. 3.

²¹⁷ GARCÉS, María Antonia. *Lecciones de Nuevo Mundo: La estética de la palabra en el inca Garcilaso de la Vega*. 1991. IN: *Texto y contexto. Literatura hispanoamericana de la Colonia*, núm. 17, (septiembre-diciembre 1991) Pág. 125-150.

²¹⁸ DURAND. *Ibid.* Pág. 223, 224.

estão aliados ao projeto de reabilitação da estirpe inca, que inclui o reconhecimento de seus *status* de cultura civilizada, com realizações que poderiam ser consideradas superiores às instituições e tradições espanholas. Como foi possível constatar, a inabilidade espanhola é enfatizada em um dos temas centrais do livro, a falha na comunicação e suas consequências trágicas. Como parte de seu argumento retórico, Garcilaso pretende convencer seus leitores europeus da ineficácia da administração espanhola e da necessidade de alterações na política colonial. Estas “sugestões” estão associadas à valorização do idioma nativo como instrumento de catequização, localizando sua função na expansão da fé católica, o pretexto da empreitada colonial.²¹⁹

Segundo Abbott, a reconstrução do passado incaico feita pelo historiador mestiço, reforça uma das imagens mais persistente da retórica renascentista, o poder civilizador do discurso, plasmado na visão ciceroniana em *De Inventione*. Entretanto, seu foco não é a persuasão dos nativos por meios retóricos, mas sim elucidar que os Incas eram tão civilizados quanto os povos da antiguidade clássica do Mediterrâneo. Ao iniciar seu relato descrevendo as *behetrias*, que existiam em grande confusão linguística e de costumes, Garcilaso confirma a eficácia da *amplificatio*. Este recurso está presente na multiplicação de cláusulas subordinadas que amplificam o núcleo semântico das sentenças, por outro lado, pressiona o leitor com uma proliferação barroca de variantes em um tema constante, neste caso, um crescente de pecados e iniquidades, onde o canibalismo e o infanticídio intensificam o efeito horrorizante.²²⁰ Com a chegada do grupo de Manco Cápac, apresentada no modo divino providencial, estes bárbaros são resgatados das trevas para a ordem urbana e social, de acordo com a lei natural. A apresentação do Sol como deidade monoteísta que intervém enviando seus filhos, diferencia e justifica o papel preparatório da idolatria da segunda idade, abrindo caminho para a chegada da fé cristã. Esta versão apresenta os Incas como heróis civilizadores, homens sábios e eloquentes que, como o próprio Manco, preferiram persuadir ao invés de utilizar a força.²²¹

Dentre os ensinamentos dos Incas, talvez o mais importante seja a língua oficial, que juntamente com as políticas de reciprocidade, garantiam a efetividade da *policia* Inca, permitindo que grupos que antes não se comunicavam passassem a conviver,

²¹⁹ ABBOTT. Ibid. Pág. 86, 87.

²²⁰ Ibid. Pág. 90.

²²¹ *Comentarios*. Libro I, Cap. XXV.

deixando de lado as diferenças. Com a tutela incaica, povos antes selvagens se tornavam mais aptos a conversão, pois o conhecimento e manejo da língua geral fazia com que se sentissem nobres, cultos e de melhor entendimento.²²² As vicissitudes do *Runa Simi* ou quéchua durante a incorporação do *Tahuantinsuyu* à realidade cristã ocidental, são bastante importantes neste sentido. Incluso a mencionada aventura garcilasiana na tradução dos *Dialoghi D'amore*, justificada biograficamente pelo Inca, ressalta a importância atribuída à linguagem na autoridade produzida por uma escrita apoiada na experiência pessoal de vida. A aptidão explicitada no domínio do *Runa Simi* mamado no leite de sua mãe foi de suma importância nas traduções para o espanhol e vice-versa. A questão da tradutibilidade ou relações entre diferentes línguas era presente nas reflexões de muitos contemporâneos de Garcilaso. O assunto principal girava em torno da instrução lingüística, do ensino e aprendizado do latim e das línguas nativas do Novo Mundo, – devido à sua importância no projeto de evangelização – especialmente a língua geral do peru. Enquanto na Europa se preocupavam com a tradução dos textos clássicos, no Perúurgia a necessidade de traduções dos textos devocionais cristãos, clivada pela experiência peninsular na crítica e edição do *corpus* literário da antiguidade.²²³

Garcilaso justificou sua empresa evocando seus parentes paternos como o poeta Garcilaso de la Vega, que tão bem manejou o castelhano sistematizado por Nebrija e ecoou as obras clássicas. Assim como o historiador cuzquenho, o dominicano Frei Domingo de Santo Tomás, que publicou sua *Grammatica o Arte de la lengua general de los Indios de los Reynos del Peru* e elaborou seu *Lexicon o Vocabulario de la lengua general del Peru* com termos e regras que poderiam ser aprendidas pelos estrangeiros, ambos de 1560, acreditava que a língua dos Incas em suas competências funcionava de modo análogo ao latim, provendo ordem política e *policia*, estando ainda familiarizado com a articulação do tema feita por Quintiliano em seu *Institutio Oratoria*, designando e analisando as oito partes da oração, além de praticar a subdivisão da gramática em ortografia, pronúncia, etimologia e sintaxe.²²⁴

²²² ABBOTT. Ibid. Pág. 91.

²²³ MACCORMACK, Sabine. *On the Wings of time: Rome, the Incas, Spain and Peru*. Oxford, Princeton University Press. 2007. Pág. 171.

²²⁴ Ibid. Pág. 178.

A diversidade lingüística dos Andes que tanto confundiu os espanhóis rendeu comparações à Torre de Babel. Em todo caso, a presença de administradores Incas nos quatro cantos do *Tahuantinsuyu* oferecia indícios de uma coesão lingüística administrativa, que associada a outras práticas de aliança política compunham a *policia* Inca. Pragmaticamente, a sugerida onipresença do quéchua levou os missionários como Acosta a pensar o Estado Inca como uma *preparatio evangelica*, trabalho da divina providência. Assim o quéchua se tornaria a língua primária da instrução cristã, posto que poderia ser considerada uma língua civilizada, dotada de fundamentos e princípios gramaticais identificados no castelhano e no latim.²²⁵ Devido à excepcional ordem e regularidade do quéchua, esta língua “polida” e “delicada” não poderia ser considerada bárbara, mas sim a *lingua franca* de um grande império, segundo a visão de Quintiliano em *Institutio Oratoria*. Conhecedores deste trabalho e conscientes da peculiaridade de seu tempo, Nebrija e Domingo de Tomás sabiam que estavam enfrentando uma tarefa distinta da de Quintiliano. Eles não escreveram direcionados para o ensino de jovens, mas sim de pessoas já instruídas previamente, atentando para questão da fala e pronúncia e seus usos próprios e impróprios (corrupções), puderam perceber o caráter cambiante de todas as línguas.²²⁶ Embora o quéchua não tivesse nada a ver com o latim ou o espanhol, ele se assemelhava a estes idiomas “na arte e ofício de seus usos”. Todavia, oferecia uma gama distinta de usos possíveis que não eram apresentáveis ao leitor no velho formato visual estabelecido dos manuais de gramática. Estes usos eram escolhidos pelos falantes na forma como se expressavam propriamente, a *conseutudo loquendi*. Tendo em mente estes pressupostos, Frei Domingo produziu um sermão utilizando expressões andinas para elucidar o potencial e as limitações da tradução. Era possível falar sobre “as coisas de nossa fé sagrada” em quéchua, porém a articulação por ele proposta foi ordenada visando satisfazer a compreensão que um antecipado leitor andino podia ter e se identificar com, apropriando-se do hábito andino de oposição complementar dos conceitos, funções sociais, culturas e sociedades.²²⁷

²²⁵ Ibid. Pág. 176, 177. Nesta conjuntura, muito se discutiu em relação ao declínio das línguas assim como dos impérios que as acompanhavam. Garcilaso, que compactuava com a evangelização, também observou mudanças no *Runa Simi* desde a chegada dos espanhóis.

²²⁶ MCCORMACK. Ibid. Pág. 178.

²²⁷ Seu esforço consistiu em acomodar a doutrina cristã em um uso correto do quéchua. Este se daria em duas vias: ensino da doutrina cristã aos andinos e explicação dos modos de operação dos costumes andinos aos europeus. Aqui também o passado latino e romano teve seus usos ao renderizar com

Em uma direção metodológica diferente, a gramática quéchua do jesuíta Diego González Holguín, intitulada *Gramatica y Arte Nueva de la Lengua General de todo el Peru, llamada lengua Qquichua, o lengua del Inca*, foi publicada dois anos antes dos *Comentarios*, sendo dedicada a compreender a linguagem inca em seu próprio direito. Fazendo comparações com o latim quando achava necessário, diferente de Nebrija e Frei Domingo, Holguín não pensava no latim como modelo possível com o qual se construiria uma gramática universal. Sua *Arte* continha categorias analíticas e descritivas que não apareceriam tão cedo nas gramáticas europeias: de fato, elas eram fundamentalmente usuais na descrição e análise do quéchua. Esta operação ajudou a transformar a relação entre a língua estudada e seus aprendizes. Sua função pragmática, no caso do quéchua, era a de ser um veículo apropriado para a pureza e elegância da linguagem da evangelização, o que nos permite afirmar sua dimensão militante de atividade política na república cristã.²²⁸

Para Garcilaso, o quéchua, prova cabal da *civilitas* encarnada na *policia* Inca, estava se corrompendo e entrando em declínio, assim como declinou o “império” por ele unificado. A causa disto seria a estratégia deliberada da *fiat* dos conquistadores, que ao corromper o próprio nome da *patria* andina, a expropriava de seus compatriotas. O uso do termo *policia* é por si só emblemático, derivado do termo grego *polis*, foi traduzida por Nebrija como *civilitas*, sendo acionada pelo letrado mestiço em muitas passagens de seus *Comentarios*.²²⁹ Este recurso é bastante importante na disputa pela história dos Incas, pois fortalece a autoridade baseada no conhecimento interno da cultura, ou mais simplesmente, na narrativa nativa como elemento a ser potencializado pela exposição retórica do incário: seu domínio da *amplificatio* está patente na descrição ricamente detalhada, que recria para os leitores europeus uma imagem dos Andes de dramática verossimilhança.²³⁰

inteligibilidade os costumes andinos amplificando o domínio da comparação para além do confinamento ao século XVI. MACCORMACK. Ibid. Pág. 182.

²²⁸ Ibid. Pág. 196 - 201.

²²⁹ Ibid. 184. Nos *Comentarios*, o termo *policia* aparece para denotar sua falta nos povos da primeira idade e para reforçar as virtudes da estirpe Inca e sua organização estatal, sempre atrelada à função pragmática da língua, que comunicava os valores e costumes civilizatórios. Podemos encontrar a aplicação deste termo nos seguintes livros e capítulos: Libro I, Cap. XIII e XV; Libro II, Cap. X, XX, XXVII e XXVIII; Libro III, Cap. XXIV; Libro V, Cap. XI; Libro VII, Cap. XXVII e XXIX; Libro VIII, Cap. VI; Libro IX, Cap. VIII e XIII.

²³⁰ ABBOTT. Ibid. Pág. 95.

Embora Garcilaso se recuse a admitir explicitamente, seu argumento e sua eficácia retórica acabam por desqualificar a atuação espanhola no Novo Mundo, pois com a intervenção europeia o caos linguístico retornou e as instituições e tradições andinas entraram em declínio após a destruição do Estado Inca. Sua apresentação da história dos Incas, a despeito das dissimulações, realiza uma reversão do que poderia ser a ordem natural das coisas para os espanhóis do século XVI. Os atributos presumidamente Inca e Espanhol, pagão e cristão foram invertidos, pois se os peninsulares, movidos pela cobiça e avareza, eram capazes de grandes barbaridades, os Incas “en fu gentilidad” eram virtuosos, eloquentes e monoteístas.²³¹ Como sabemos, o caráter ontológico da classificação dos nativos era uma matéria de extrema urgência quando se tratava de compreender a realidade do Novo Mundo, o que poderia implicar o reconhecimento do Estado Inca como uma civilização sofisticada, cujos soberanos a regiam legitimamente.

²³¹ Ibid. Pág. 94.

Capítulo III

Estado da arte.

Mesmo ainda inéditos, *Los Comentarios Reales de los Incas* (1609) do Inca Garcilaso de La Vega já estavam sendo lidos em cópias manuscritas, inclusive gozando de certo prestígio entre os letrados andaluzes. Neste derradeiro capítulo, nos dedicaremos a traçar a trajetória crítica e editorial desta obra, sobretudo no que diz respeito a qualificação da escrita e relato garcilasianos por seus leitores, em seus diferentes momentos de apreciação, incluindo os enfoques contemporâneos. Neste sentido, pretendemos reforçar a leitura historiográfica da cronística do início do período colonial, potencializada a partir dos recursos da história dos conceitos e da teoria da história. Não obstante, procuraremos evidenciar o caráter diverso das opiniões e julgamentos, que por sua vez correspondem a tratamentos específicos. Inicialmente descreveremos os momentos posteriores à publicação em Lisboa, os séculos XVII e XVIII, cujas situações em sua maioria nos foram permitidas analisar através do trabalho de Jorge Cañizares-Esguerra.²³² Seu empenho no mapeamento das questões que permearam a elaboração de narrativas e discursos sobre o *Novo Mundo*, compreende um notável esforço em desconstruir leituras monolíticas sobre a historiografia do início do período colonial, especialmente, traz à luz debates ferrenhos pela construção das epistemologias que pretenderam lidar com o passado dos autóctones. O câmbio do funcionamento de determinada “arte da leitura” foi acompanhado da complexificação dos contextos linguísticos em suas eventuais especificidades.

Em contrapartida, será possível destacar as diferentes configurações da historiografia sobre o Novo Mundo e seus povos. Inicialmente dedicada a descrever os territórios e populações conquistados, assim como as vicissitudes da conquista e colonização, rapidamente se converteu em um espaço de disputa pela história dos autóctones, que não raro reivindicaram suas versões. A credibilidade das testemunhas e dos modos de registro do passado dos povos nativos foi uma importante questão, pois

²³² CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. *Como escrever a história do novo mundo: Histórias, Epistemologias e Identidades no Mundo Atlântico do século XVIII*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

definia em que medida determinada narrativa possuía precedentes verificáveis, dando origem a um debate que acompanha praticamente toda a historiografia sobre o tema.

A arte da leitura do Renascimento no humanismo espanhol.

Ainda durante o esforço da colonização, muitas páginas dos tratados e prefácios das publicações foram dedicadas a esquadrihar os diferentes tipos de relatos e narrativas que passaram a ser produzidas a partir da invasão europeia do então desconhecido continente. Do mesmo modo, abundam as tentativas de definir critérios para classificar os próprios autores. Em se tratando do termo *crônica*, vinculado originalmente ao registro cronológico e fragmentário de acontecimentos não necessariamente organizados em narrativa, seu uso no século XVI esteve fortemente vinculado a produção de escritos sobre o Novo Mundo, que eram claramente apresentados como *história*. Embora a atitude de considerar algumas crônicas como mais ou menos verdadeiras, ou procurar por cronistas “superiores” e rejeitar os “inferiores” seja característica da heurística do século XIX, como bem nos lembra Luiz Estevam de Oliveira Fernandes e Luís Guilherme Assis Kalil, a preocupação com a autoridade e confiabilidade dos textos e informantes já era presente no labor historiográfico do século XVI, ainda que apoiada em diferentes pilares. Como poderemos observar, mesmo aqueles que não foram efetivamente historiadores, reclamavam para si a qualidade de observadores diretos, apresentando seus relatos como verdade inequívoca, entretanto, mesmo que possamos identificar a emergência da autoridade baseada na observação de primeira ordem, durante o século XVI e parte do XVII a fiabilidade do relato estava condicionada a uma crítica extratextual, que valorizava a posição social do escrevente e das testemunhas utilizadas como base das narrativas.²³³

²³³ Sobre a trajetória crítica dos escritos sobre o Novo Mundo e o processo de construção da crônica como gênero documental, consultar *A historiografia sobre as crônicas americanas: a criação de um gênero documental*. In: DOMÍNGUEZ, L. S.; FERNANDES, L. E. O.; KALIL, L. G. A.; KARNAL, L. (org.). *Cronistas do Caribe*. Campinas: Unicamp - IFCH, 2012, p. 47-70. A respeito das crônicas como um modo da historiografia Indiana, ver o trabalho de Walter Mignolo. MIGNOLO, Walter D. *El metatexto historiográfico y la historiografía Indiana*. MLN: Vol. 96, 1981. Não podemos deixar de mencionar o sequestro da crônica pela Coroa Espanhola no século XVI, materializada na criação do cargo de cronista real em 1571. Uma perspectiva específica da investida colonial e do passado autóctone foi valorizada, tendo como base as informações oficiais produzidas pelo aparato institucional nas colônias, o que não significa que outras versões não seriam mais produzidas. Sobre os cronistas reais, consultar o

De acordo com Cañizares-Esguerra, mesmo que predominasse uma dúvida generalizada em relação à confiabilidade dos informantes ameríndios, os espanhóis do século XVI geralmente acreditavam que os registros autóctones em escritas não alfabéticas eram capazes de manter dados históricos confiáveis. Muitos eruditos inclusive se dedicaram a coletar e traduzir estas fontes, crendo que estas continham narrativas nas quais se podia confiar. Todavia, o autor considera a abordagem espanhola dos manuscritos indígenas neste período de modo paradoxal: ainda que a maioria dos autores insistissem na recusa em conferir aos sistemas de escrita autóctones a autoridade do alfabeto latino, muitos deles não hesitaram em considerar como confiáveis as informações históricas contidas nos *quipus* e nos códices. Ao considerar os sistemas nativos de registro como modos primitivos de escrita, os autores do século XVI produziram as primeiras histórias conjecturais da escrita.²³⁴ Poderíamos incluir nesta linha o próprio Inca Garcilaso, que acreditava, assim como Acosta, que os registros armazenados nos *quipus* continham informações acerca do passado dos nativos e funcionavam como modos de escrita limitados, ao passo que lamentava o fato de que os Incas não haviam logrado alcançar a sistematização da escrita alfabética, considerada por Garcilaso como o modo superior de registro por excelência. O historiador cuzquenho, como conhecedor do idioma nativo valeu-se dos relatos dos *quipucamayoc* e da tradição oral incaica, questionando a autoridade dos autores espanhóis em ler e organizar os registros históricos dos Incas, principalmente aqueles que não puderam vivenciar a realidade do Novo Mundo, passando a ser reconhecido como uma referência na filologia do *runa simi* ou quéchua.

Com efeito, os relatos impressos anteriores ao do letrado mestiço podem ser considerados muito limitados e superficiais quando se trata das antiguidades do incário, inclusive as histórias de Pedro Cieza de León, Sarmiento de Gamboa, Francisco López de Gómara, Augustín de Zárate e do jesuíta José de Acosta, que se esforçaram em impor ordem às narrativas contraditórias dos informantes ameríndios. Não por acaso,

levantamento feito em: DOMIGO, Mariano Cuesta. *Los Cronistas oficiales de Indias. De López de Velasco a Céspedes del Castillo*. In: Revista Complutense de História da América, vol. 33, 2007. Pág. 115 - 150

²³⁴ O padre jesuíta Acosta não era partidário da desqualificação dos registros autóctones como modos de armazenar informações históricas confiáveis, seus estudos foram subsidiados pelo esforço de outro jesuíta residente no México, Juan de Tovar (1546-1626), familiarizado com métodos dos humanistas espanhóis utilizados na Nova Espanha para estudar as antiguidades astecas. CAÑIZARES-ESGUERRA. *Ibid.* Pág. 90-100.

Garcilaso elabora sua história dos Incas como um extenso comentário, glosa dos relatos dos historiadores espanhóis. Seu profundo tom crítico vem reforçado pelas correções filológicas das leituras e traduções equivocadas do *runa simi*, evidenciando sua autoridade baseada no conhecimento interno das tradições orais e do sistema linguístico incaico. Esta postura, característica da arte da leitura do humanismo espanhol, reforça o papel assumido pelos cronistas e antiquários enquanto tradutores das novas culturas e seus respectivos sistemas de registro. Por outro lado, os humanistas europeus estudavam as canções e poemas épicos das tradições orais romanas para escrever as histórias de suas pátrias, o que indica que a confiabilidade das fontes não era exatamente o foco das discussões historiográficas até o início do século XVIII, embora já houvesse um certo ceticismo e desconfiança em relação ao conteúdo fabuloso de tais registros não alfabéticos.²³⁵

Todavia, no caso dos que se propuseram a escrever sobre o novo mundo, não puderam contar com a existência de um extenso *corpus* de textos “clássicos” que pudesse confirmar suas assertivas, justificando seu recurso à retórica de confiança do “eu-como-testemunha”. Cañizares-Esguerra considera factível afirmar que o humanismo europeu e sua cultura estimularam os leitores a crer nas primeiras narrativas dos europeus sobre o Novo Mundo. Como é sabido, os chamados humanistas formaram a vanguarda dos movimentos de renovação em vários campos do conhecimento durante a primeira modernidade, em sua maioria, apoiados na restauração de disciplinas então consideradas clássicas, em referência a antiguidade greco-romana do Mediterrâneo. A retomada do ceticismo, por exemplo, privilegiou o estudo da persuasão e da retórica como uma forma de resignação quanto à impossibilidade de se alcançar as verdades absolutas, de modo que as “artes da leitura” humanistas estavam dedicadas a identificar documentos falsos, não incongruências nos relatos das testemunhas.²³⁶ Porém, o esforço editorial em que se consistiu inicialmente a prática filológica humanista, sendo direcionado a desvelar as incompatibilidades linguísticas entre as palavras usadas em documentos e o momento (data) em que foram escritos, ajudou a enfatizar o relato das

²³⁵ Ibid. Pág. 118.

²³⁶ Ibid. Pág. 37.

testemunhas, uma vez que procurava desqualificar relatos escritos por pessoas que comprovadamente não eram testemunhas.²³⁷

Um dos critérios “supremos” utilizados pelos editores e pelo público para eliminar dúvidas quanto à credibilidade de um relato foi a posição social das testemunhas e suas características. Este elemento pode ser considerado um dos fatores determinantes para a recepção do relato alegado na escrita garcilasiana da história dos Incas durante o século XVII e primeira metade do XVIII.

Em sua tradução francesa dos *Comentarios* de 1633, Jean Baudoin (1564-1650), conhecido por suas versões em francês dos *Ensaio*s de Francis Bacon, criticou os que tratavam a obra como fábula novelesca, sustentando que os provincianos e invejosos parisienses não poderiam negligenciar a credibilidade do letrado mestiço, que estava apoiada em sua alta posição na sociedade Incaica, como filho de uma princesa. Como sugere o título *Le commentaire royal, or l’histoire des Yncas, Roys du Perou [...] Escrite en langue Peruvienne par l’Ynga Garcilasso de la Vega*, Baudoin acreditava erroneamente que Garcilaso havia escrito seus *Comentarios* em *runa simi* ou quéchua, ainda assim, estava certo em notar que *Los Comentarios* eram, em parte, uma coleção de lendas, mitos, costumes e leis incaicos traduzidos pelo letrado mestiço.²³⁸

Sabemos que a primeira publicação fora do âmbito castelhano foi uma versão inglesa resumida de 1625, intitulada *Observations of things most remarkable collected out of the first Part of Commentaries Royal, written by The Inca G. de la Vega, The supplement of the History of the Incas, briefly collected out of the Authors second part*, traduzida por Richard Hakluyt e editada postumamente por Samuel Purchas em Londres.²³⁹ Por outro lado, Baudoin seguiu seu trabalho traduzindo em 1650, sob o título *Histoire des guerres civiles des Espagnols dans les Indes*, a segunda parte de *Los*

²³⁷ GUMBRECHT, Hans Ulrich. *The Powers of Philology: Dynamics of Textual Scholarship*. Chicago: University of Illinois Press, 2003. Pág. 2, 3.

²³⁸ CAÑIZARES-ESGUERRA. Ibid. Pág. 37. GARCÉS. María Antonia. *The Translator Translated: Inca Garcilaso and English Imperial Expansion*. In: DI BIASE, Carmine G. (Ed.). *Travel and Translation in the Early Modern Period*. Amsterdam – New York: Rodopi, 2006. Pág. 211.

²³⁹ *Observations of things most remarkable collected out of the first Part of the Commentaries Royal, written by the Inca G. de la Vega. The supplement of the History of the Incas, briefly collected out of the Authors second part. Book IV of Hakluytus Posthumus or Purchas his Pilgrims* (ed. Samuel Purchas). London. 1625. Esta seleção de capítulos traduzidos por Richard Hakluyt fora publicada após sua morte, juntamente com outros escritos inéditos em *Hakluytus Posthumous or Purchas his Pilgrimes*. Hakluyt foi um dos grandes entusiastas da historiografia sobre a expansão marítima inglesa, conhecido por seu monumental *Principal Navigations of the English Nation* (1589), reeditado logo em 1599, seguido de notável reconhecimento no mundo letrado europeu. GARCÉS. Ibid. Pág. 206.

Comentarios, conhecida como *Historia general del Peru*. De acordo com Andrés Gonzáles de Barcia Carballido y Zúñiga, o editor da publicação espanhola de 1723, houve, em 1658, uma das muitas reedições da tradução de Baudoin, republicada também em 1672.

María Antonia Garcés esclarece que as versões francesas de Baudoin das histórias de Garcilaso experimentaram um tremendo sucesso na França e nos Países Baixos durante a primeira modernidade, onde pelo menos doze edições dos *Comentarios Reales (Histoire des Yncas)* e da *Histoire des guerres civiles des Espagnols* foram publicadas: em Paris a autora identifica as edições de 1633, 1650, 1658, 1672; mencionando ainda as publicações feitas em Amsterdam nos anos de 1633, 1704, 1706, 1715, 1737, 1744 e 1745.²⁴⁰

Em 1688, aparece em Londres a versão inglesa dos dois volumes da história dos Incas de Garcilaso. Traduzida pelo diplomata Paul Rycaut, *The royal commentaries of Peru, in two parts*,²⁴¹ viria a se tornar uma das obras de maior sucesso editorial na virada do século XVII para o XVIII, exemplificando o interesse das nações protestantes na expansão marítima europeia, que até então vinha sendo liderada pelos reinos católicos da península Ibérica. Rycaut, que foi grande conhecedor de línguas, dominava o latim e o espanhol, aprendido durante a juventude na Universidade de Alcalá. Após sua longa experiência como representante diplomático da Inglaterra na Turquia, Rycaut concentra seus esforços no engajamento em atividades literárias, publicando uma série de livros sobre os turcos. Seu reconhecimento como linguista é patente em sua participação no projeto coletivo de tradução da *Vidas* de Plutarco, dirigido por John Dryden e publicado por Jacob Tonson entre os anos de 1683 e 1686. Em 1685, Christopher Wilkinson, impressor e vendedor de livros, comissiona a Rycaut uma tradução de *Los Comentarios*, tendo em vista o grande sucesso editorial das versões francesas. No entanto, Rycaut considera fabulosa a história dos Incas de Garcilaso, já que a falta do registro em escrita alfabética comprometia a confiabilidade das tradições

²⁴⁰ Ibid. Pág. 211.

²⁴¹ RYCAUT, Paul. *The royal commentaries of Peru, in two parts: the first part: treating of the original of their Incas or kings, of their idolatry, of their laws and government both in peace and war, of the reigns and conquests of the Incas [...]: the second part: describing the manner by which that new world was conquered by the Spaniards, also the civil wars between the Piçarrists and the Almagrians [...] and other particulars contained in that history / Written originally in Spanish by the Inca Garcilasso de la Vega; and rendred into English by Sir Paul Rycaut* (tr. Paul Rycaut). London: Printed by Miles Flesher for Jacob Tonson. 1688.

históricas incaicas.²⁴² Mas o motivo do investimento na tradução de *Los Comentarios* pode estar na difusão da crítica à postura espanhola nas colônias do Novo Mundo, que visava questionar o predomínio ibérico na expansão marítima: a versão inglesa de Rycaut veio acompanhada das famosas gravuras de Theodore de Bry, que reforçavam o caráter desumano e injusto da invasão europeia pelos reinos católicos.²⁴³

Seguindo a hipótese de María Antonia Garcés, podemos afirmar que o crescente interesse nos escritos sobre o Novo Mundo, materializado na demanda por relatos impressos das experiências expansionistas inglesas e de outros reinos europeus, favoreceu a publicação da versão de Rycaut, que contou com amplo apoio editorial dos principais produtores de livros da Inglaterra. Esta prática inovadora – uma vez que a produção foi compartilhada entre diferentes “livreiros” – possibilitou a produção simultânea de grandes volumes dos *Royal Commentaries*. Todavia, já é possível perceber algum desgaste da credibilidade das crônicas espanholas, como exemplifica o julgamento de Garcilaso feito por Rycaut em seu prefácio à adição inglesa de *Los Comentarios*, onde o autor desqualifica os Incas por sua presumida ignorância e simplicidade, que os conduziu a acreditar nos mitos fundacionais andinos.²⁴⁴ De fato, durante o século XVIII, o tratamento dado aos registros ameríndios, direcionado para a elaboração de histórias conjecturais da escrita e das faculdades mentais, em conjunto com o ceticismo quanto às testemunhas dos relatos, contribuíram para o desgaste da arte da leitura do renascimento, questionando a confiabilidade dos escritos do início do período colonial.

²⁴² Nas palavras de Rycaut, “It is probable that a great part of this Hiftory, as far as concerns the Original of the Inca's and the foundation of their Laws, is fabulous: Howfoever, being, as our Authour fays, delivered by Tradition, and commonly believed amongft their People of the better degree, it may contain divers Truths mixed with abundance of Fictions and foolifh Inventions.” RYCAUT. Ibid. *The Translator to the reader*.

²⁴³ Esta perspectiva é levada ao extremo na *Leyenda Negra*. Durante os intensos debates sobre a legitimidade da conquista espanhola na América, a leitura e uso dos textos de Las Casas, em especial a *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* (1552) fundaram o que em – 1914 – ficou conhecido como *Leyenda Negra* da Espanha Colonialista. Sua visão do comportamento dos conquistadores e seus esforços para estudar a natureza indígena e seu mundo, condenavam as práticas utilizadas para “congregar” os indígenas à “fé católica”. PAGDEN, Anthony. *La caída del hombre natural: El indio americano y los Orígenes de la etnología comparativa*. 1992. Pág. 15.

²⁴⁴ RYCAUT. Ibid. *The Translator to the reader*.

Uma nova arte da leitura.

As reavaliações das primeiras narrativas sobre o Novo Mundo, feitas a partir de meados do século XVIII, abalaram a credibilidade dos autores, seus respectivos informantes e registros. Um elemento que pode ser considerado decisivo para este processo é o surgimento da figura do “viajante filósofo”, cujos relatos de viagem passariam a funcionar como modelo de precisão nas descrições. Numa época onde a literatura de viagem estava se tornando fortemente ligada ao gosto popular, afeito a maravilhas e curiosidades improváveis, caberia aos viajantes filósofos o papel de implodir os primeiros relatos, explicitando as limitações perceptivas das quais pereciam os pioneiros na escrita sobre o Novo Mundo e oferecendo versões baseadas em observações “mais esclarecidas”.²⁴⁵

Conforme nos lembra Cañizares-Esguerra, o emprego de ilustrações nos relatos de viagem esteve diretamente ligado a uma crítica geral da percepção humana e ao surgimento da figura do viajante filósofo. Como modo de evitar estes empecilhos e na esperança de captar com precisão uma realidade sem distorções, os viajantes filósofos tornaram imperativo o registro visual, em pintura ou desenho, dos temas estudados. A partir de debates metodológicos sobre a pertinência destas questões, estudiosos como Amédée François Frézier julgaram conveniente formular críticas à autoridade dos primeiros autores de relatos espanhóis sobre os Incas. Baseando-se em suas observações

²⁴⁵ CAÑIZARES-ESGUERRA. *Ibid.* Pág. 30, 31. Neste sentido, já na primeira década do século XVIII, por conta da proximidade dos tronos Bourbon espanhol e francês, Louis Feuillé (1660-1732), frade capuchinho e matemático da corte francesa, fora enviado às terras além do Oceano Atlântico para fazer um levantamento dos recursos minerais e medicinais das colônias espanholas e desenhar mapas precisos. Amédée François Frézier (1682 – 1773), engenheiro militar que também foi enviado pela corte francesa para estudar as fortificações espanholas e os portos dos mares do sul, criticou seu compatriota e contemporâneo Feuillé acusando-o de negligência e imprecisão em seu relato de 1714. Feuillé rebateu estas críticas em nova publicação do ano de 1725, afirmando que a ignorância de Frézier estava em não compreender as limitações da percepção humana, pecando ainda por não saber como utilizar os instrumentos de navegação da época, o que impossibilitava o desenho de mapas precisos. Sobretudo, faltava-lhe saber como utilizar a razão para corrigir as imprecisões das percepções humanas: somente as evidências de um procedimento de observação correto, com descrições minuciosas e representações visuais, poderiam garantir a fabricação de novos *factos*, a categoria que então surgia como fundamento incontestado do conhecimento. Estas novas técnicas retóricas e visuais auxiliavam na exposição das demonstrações experimentais, apelando inclusive ao testemunho indireto das construções coletivas de consenso, produzidas em espaços de sociabilidade como academias e salões. Homens como Feuillé, que eram conscientes destes novos recursos e limitações, acreditavam na ambiguidade e polissemia associada à escrita e a leitura. Em sua refutação das críticas de Feuillé, Frézier utilizou instrumentos para corrigir seus apontamentos e incluiu diversas ilustrações de sua viagem ao vice-reinado do Peru, procurando demonstrar seu refinamento perceptivo. *Ibid.* Pág. 32, 33.

diretas, Frézier afirmou que historiadores como o Inca Garcilaso, que retrataram os Incas como um regime análogo aos da antiguidade clássica do Mediterrâneo, não poderiam confirmar suas histórias devido à escassez de materiais remanescentes, já que as ruínas Incas eram insignificantes e indignas da atenção dos viajantes filósofos. Frézier ainda questionou a genealogia dinástica dos soberanos Incas proposta por Garcilaso, afirmando que em Cuzco havia evidências que refutavam sua versão.²⁴⁶

Outro importante viajante filósofo europeu que visitou os Andes no século XVIII e discordou de Garcilaso foi o matemático francês Charles-Marie La Condamine. Quando esteve no vice-reinado do Peru, entre os anos de 1735 e 1745, realizando medidas astronômicas que pudessem resolver a disputa intelectual entre cartesianos e newtonianos sobre o formato da Terra, La Condamine não acreditava que apenas o efeito destruidor do colonialismo espanhol fosse suficiente para explicar o estado de declínio em que se encontravam os autóctones, os mesmos que outrora teriam vivido em glória e grandeza. Estas disparidades, de acordo com La Condamine, faziam de Garcilaso um mentiroso. Ao comparar seu estudo sobre as antiguidades Incas com as descrições dos palácios e da capital incaicos feitas pelo historiador mestiço, La Condamine demonstrou ceticismo em relação à credibilidade das observações de Garcilaso, alegando que não poderia garantir a confiabilidade das descrições feitas em *Los Comentarios*.

Entretanto, mesmo com esta desconfiança, os relatos pioneiros não foram prontamente descartados, já que estavam em consonância com os padrões historiográficos tradicionais. Jean-Frédéric Bernard, que em 1735 observou na história dos Incas escrita por Garcilaso incidentes que desafiavam a experiência cotidiana dos europeus, afirmou que seus eventuais exageros dos feitos reais dos Incas corroboravam sua postura de patriota confesso. Entre as razões para acreditar em Garcilaso estava seu elevado nível social na sociedade incaica: por pertencer a “realeza” Inca, o letrado cuzquenho conhecia segredos inacessíveis a outros observadores. Estas características faziam dele um autor confiável, caso contrário, seus rivais já lhe teriam desmentido. Ademais, existiu certa dependência dos relatos escritos em romance espanhol sobre o Novo Mundo, uma vez que os respectivos territórios estiveram por longo tempo relativamente fechados para outros europeus. Esta escassez de narrativas teria forçado

²⁴⁶ Ibid. Pág. 33, 34.

os editores a confiar nas obras dos primeiros autores, cujo valor continuava ratificado pela ênfase na avaliação da posição social, um viés da arte humanista da leitura que primava pela crítica externa ao texto.

A partir da segunda metade do século XVIII, podemos identificar a emergência de uma nova arte da leitura, onde o foco da crítica se desloca para a coerência interna do relato.²⁴⁷ As críticas mais sistematizadas à confiabilidade do *corpus* dos primeiros relatos europeus sobre o Novo Mundo passaram ser produzidas a partir do surgimento das compilações filosóficas das narrativas de viagem, um modo de compilação que se diferenciava das compilações anteriores na medida em que os critérios de seleção dos relatos passaram a incluir a coerência interna da descrição. As compilações dos séculos XVI e XVII, que podem ser consideradas frutos diretos da moderna expansão ultramarina europeia, procuravam sistematizar os relatos dos novos e exóticos territórios, escritos por navegantes, pilotos, conquistadores, burocratas e missionários, de forma a coloca-los a disposição de um público mais amplo. A popularidade das narrativas de viagem chegou a tal ponto que eram indicadas como forma de complementar o estudo acadêmico do entendimento humano, sendo também valorizadas por expor o leitor a curiosidades e fenômenos extraordinários que questionavam o saber dos antigos. Esta popularidade impulsionou as publicações de relatos novos e antigos ainda inéditos, levando ainda ao aparecimento de relatos falsos, o que dificultou o trabalho dos editores das compilações de narrativas de viagem, que tinham de escolher entre centenas de relatos.²⁴⁸

²⁴⁷ Esta mudança foi identificada nos debates sobre a probabilidade dos milagres, que envolviam o julgamento do valor dos testemunhos. É plausível que estes debates epistemológicos tenham influenciado nos escritos sobre o Novo Mundo, pois é conhecida a intersecção entre o direito canônico, a jurisprudência e a historiografia indiana na primeira modernidade. As novas técnicas de crítica, direcionadas para o conteúdo do relato, foram fundamentais no desgaste da credibilidade das primeiras narrativas europeias sobre o Novo Mundo. Ibid. Pág. 34-39. O Conde de Buffon também utilizou a crítica interna para reprovar os relatos iniciais que admitiam a alta densidade populacional original no continente. A ausência de monumentos arquitetônicos existentes e o aspecto inóspito da paisagem, assim como as próprias tradições recentes dos Estados de Incas e Astecas, que teriam facilitado a conquista espanhola, não permitiam a crença no desenvolvimento das sociedades autóctones. Mas estas críticas pontuais também não ofereceram nenhum tipo de questionamento mais abrangente da credibilidade dos relatos pioneiros. Ibid. Pág. 40.

²⁴⁸ Entre os editores que se esforçaram para suprir a demanda do público nos séculos XVI e XVII podemos citar Giovanni Ramusio (1485-1557), Richard Eden (1521-1576), Richard Hakluyt (1552-1616), Samuel Purchas (1577-1626) e Melchisédec Thévenot (1620-1692). De acordo com Cañizares-Esguerra, três modos de compilação surgiram ao longo do século XVIII. O primeiro deles seguiu os passos dos editores dos séculos XVI e XVII, apresentando os relatos mais respeitados organizados cronologicamente e por região. Porém, trabalhos como o *Navigantium* (1705) de John Harris (1667-1719), podem ser considerados uma extensão da crítica renascentista tradicional às compilações, na medida em que

Tendo como foco os debates gerados em torno dos inúmeros relatos de viagem sobre o Novo Mundo, a análise filosófica de Cornelius De Pauw foi uma nova abordagem do gênero. Além de se valer de toda sua habilidade no manejo com as formas tradicionais de crítica, De Pauw, que foi um respeitado autor, privilegiou a análise interna. Seu exame filosófico dos relatos tinha a coerência do depoimento em lugar do caráter e posição social das testemunhas como princípio crítico organizador. Em suas *Recherches philosophiques sur les américaines*, publicadas em Berlim nos anos de 1768-1769, De Pauw procura esclarecer as controvérsias ligadas aos fenômenos maravilhosos, como a existência de gigantes e amazonas entre outros, que eram difundidos nos relatos de viajantes. Ao submeter estas questões ao seu método refinado de contraposição das informações, que tinha como orientação a refutação de fenômenos racionalmente improváveis e que contradiziam a natureza humana, De Pauw rejeitou os relatos que continham tais alusões e desqualificou seus autores. O próprio La Condamine, a quem De Pauw considerava uma das reduzidas testemunhas confiáveis a terem conhecido os Andes, foi duramente criticado por sua crença na existência das Amazonas, que se tornou conhecida a partir da publicação da *Relation abrégée d'un Voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique méridionale* em 1745.²⁴⁹

Após utilizar sua elaborada análise filosófica das fontes para desconstruir os primeiros relatos espanhóis sobre os povos autóctones, De Pauw chegou à conclusão que, em relação à história dos Incas, a única fonte que merecia uma abordagem eram *Los Comentarios* do Inca Garcilaso de la Vega. A versão garcilasiana da história dos Incas foi cuidadosamente lida e rejeitada por De Pauw. Os argumentos nela apresentados já haviam sido submetidos ao teste da consistência lógica interna, como, por exemplo, as contradições encontradas por Antonio de Ulloa em relação a factibilidade do processo civilizatório empreendido pelos Incas em curto tempo, ou o rearranjo da estrutura interna efetuado pelo editor anônimo da edição francesa de 1744, que ao converter a narrativa de Garcilaso em uma espécie de enciclopédia com verbetes,

valorizavam a posição social como critério para eleger as fontes mais confiáveis. Em um segundo momento, a estratégia dos editores se complexifica quando passam a dedicar seus esforços na produção de novos textos, narrativas que sintetizassem os diversos relatos. Para isso, homens como o padre Antoine-François Prévost (1697-1763) se valeriam das técnicas dos filólogos humanistas, evitando a repetição e identificando as contradições das descrições, o que facilitava o mapeamento das fontes originais e eventuais plágios. O terceiro modo, o “filosófico”, está mais estritamente ligado à crítica interna das fontes, pois estava dedicado a compor narrativas baseadas em leituras críticas dos relatos de viajantes, atentando para consistência interna dos textos e dos testemunhos. Ibid. Pág. 40 - 44.

²⁴⁹ Ibid. Pág. 44-49

identificou e considerou absurdas as afirmações do historiador mestiço sobre o desenvolvimento da astronomia entre os Incas em apenas três gerações. Mas ao invés de fazer críticas pontuais sobre contradições isoladas, De Pauw descartou *Los Comentarios* completamente. Pois, como afirmar que os soberanos Incas foram sábios legisladores se nem mesmo possuíram uma escrita para codificar as leis? Era uma grande contradição. Entre outros defeitos identificados, a cronologia dos Incas oferecida pelo letrado cuzquenho se mostrava improvável, seria impossível para Manco Capac converter selvagens em homens civilizados em uma única geração. Um quadro deste tipo ia contra a concepção segundo a qual as sociedades evoluíam de modo gradual e harmonioso, por isso, os Incas dificilmente teriam sido uma sociedade agrícola avançada sem possuir o domínio do ferro, da economia monetária e da escrita alfabética. Nesta perspectiva, de acordo com De Pauw, seria bastante estranho admitir que os Incas teriam sido soberanos benevolentes e de grande prudência, uma vez que não haviam mecanismos de controle do poder do *sapa Inca*.²⁵⁰

As idéias e o método crítico de De Pauw plasmados nas *Recherches* tiveram forte repercussão, incomodando aqueles mais apegados às técnicas críticas tradicionais. Apesar dos eventuais ataques, podemos considerar a resiliência da metodologia de De Pauw, que orientou uma série de trabalhos no fim do século XVIII. Dentre estes trabalhos podemos destacar a *Histoire philosophique de deux Indes* do abade Raynal, que ao enfatizar a ignorância e inaptidão dos primeiros observadores garantia a confiabilidade limitada das fontes espanholas. Insatisfeito com as compilações em circulação, Raynal decide escrever seu compêndio de narrativas de viagem, organizado em função de um retrato da expansão europeia como a formação de uma comunidade global integrada pelo comércio. Apesar de desqualificar a percepção dos primeiros autores em sua primeira edição de 1770, Raynal acreditava que era papel do *philosophe* compilador extrair a verdade escamoteada nos relatos, admitindo a autoridade das fontes espanholas. Esta atitude inicial levou Raynal a aceitar a versão garcilasiana da história dos Incas, oferecendo uma imagem dos Incas como um dos regimes mais humanos da história.²⁵¹

²⁵⁰ Ibid. Pág. 49-51.

²⁵¹ Ibid. Pág. 54-56.

Ao aderir aos princípios críticos de De Pauw na edição de 1774, seu enquadramento dos Incas sofre uma brusca mudança, passando a ver com bastante ceticismo as descrições da cultura material como palácios, templos, cidades, estradas, aquedutos e fortificações, controvertidas pela falta de evidências materiais. Porém, quando se tratava das características do regime Inca, por meio de uma leitura aprofundada ainda era possível encontrar soluções para as aparentes contradições que envolviam as virtudes dos soberanos cujos poderes não eram controlados, assim como o desenvolvimento da agricultura Inca na ausência de propriedade privada. Para Raynal, a possibilidade deste arranjo social estava na natureza das receitas do Estado, que provinham do trabalho nas terras controladas pelo Inca, cuja benevolência com os trabalhadores garantia o “pagamento” desta espécie de “imposto”, esta prática gerava uma renda não elástica, limitando a corrupção e a tirania entre os Incas. Como Raynal utilizou as fontes espanholas para tentar rastrear traços do sistema de oposição complementar dos Incas, acabou por depositar nelas sua confiança, certo de que os observadores espanhóis eram demasiado ignorantes para inventar um arranjo tão complicado.²⁵²

A desqualificação da percepção do observador espanhol, que assegurou a confiabilidade limitada dos relatos pioneiros em Raynal, será reforçada pela rejeição sistemática de Willian Robertson do recurso a analogias clássicas para explicar as sociedades autóctones do Novo Mundo. Conforme nos alerta Sabine MacCormack, contrastes, comparações e analogias entre Incas e Romanos e também entre Romanos e Espanhóis engendraram um esforço de conceitualização e entendimento que ajudaram a incorporar os Incas à história do mundo.²⁵³ Entretanto, este lugar comum da escrita dos séculos XV e XVI, passou a ser hostilizado ao longo do século XVIII, inclusive por De Pauw, que condenou a imagem romanizada dos Incas produzida por Garcilaso. Em sua *History of America* publicada em 1777, Robertson esteve preocupado com o uso impróprio de categorias sociais alheias para descrever situações do passado, sendo firmemente contra o uso de símiles clássicos, que em seu entendimento, era a causa direta das distorções perceptivas dos narradores europeus. Sobretudo os autores

²⁵² Ibid. Pág. 56-58.

²⁵³ MACCORMACK, Sabine. *On the Wings of time: Rome, the Incas, Spain and Peru*. 2007. Pág. 14.

espanhóis, que por não possuir as qualidades requeridas para uma observação filosófica, aplicaram padrões de excelência enganosos para descrever os povos nativos.²⁵⁴

Esta mudança de paradigmas pode ser associada ao câmbio de subjetividade em curso: agora o observador passa a observar-se no ato de observação. Este observador de segunda ordem é consciente de seu corpo e de sua individualidade, portanto capaz de questionar sobre os limites da percepção corporal e reavaliar seu potencial de expressão epistemológica. Esta modernidade epistemológica trouxe consigo a desconfiança no “uso promíscuo” dos protocolos clássicos usados na produção da historiografia Indiana.

Em consonância com De Pauw e Raynal, Robertson considerava que mesmo as testemunhas consideradas confiáveis deveriam ser questionadas caso fossem de encontro ao senso comum. Desprezou os testemunhos de comerciantes, missionários, navegantes, piratas e “viajantes grosseiros” como superficiais, descartando ainda os relatos espanhóis sobre a densidade populacional do novo continente após a aplicação das formas de crítica interna. Por estar ligado a uma corrente humanista que pregava o valor civilizador do comércio, Robertson esteve empenhado em distinguir etapas de desenvolvimento dos povos, defendendo que os nativos do Novo Mundo representavam um estágio desconhecido da humanidade, portanto impassível de comparações como as dos autores que, por serem muito crédulos, procuravam nos rituais sagrados dos nativos traços da doutrina cristã.²⁵⁵

A crítica à ingenuidade dos observadores espanhóis não era suficiente para que Robertson descartasse integralmente os relatos pioneiros do Novo Mundo. Assim como Raynal, Robertson preferiu aprofundar sua leitura das narrativas de modo a permitir a identificação das verdades escamoteadas. Isto significava que algumas descrições espanholas das sociedades autóctones deveriam ser fiéis, ao passo que versavam sobre instituições desconhecidas dos narradores e que não poderiam ser inventadas. A ênfase na ignorância espanhola também foi utilizada pelo italiano Gian Rinaldo Carli para conferir credibilidade a alguns dos primeiros relatos europeus sobre o Novo Mundo. Suas *Lettere americane*, publicadas em 1780, foram escritas no mesmo tom conjectural e

²⁵⁴ CAÑIZARES-ESGUERRA. Ibid. Pág. 58-61. As propagandas anti-espanholas feitas pelos reinos do Norte continuaram se intensificando, como exemplifica o título e o prefácio dado a novela de Marmontel, *Les Incas, ou la destruction de l'empire du Pérou*, também publicada em 1777, onde condena os crimes praticados pelos espanhóis contra os ameríndios. MARMONTEL, Jean François. *Les Incas, ou la destruction de l'empire du Pérou*. Paris, Chez Lacombe, Libraire, rue de Tournon près le Luxembourg. 1777.

²⁵⁵ Ibid. Pág 60,61.

filosófico de De Pauw, Raynal e Robertson, porém Carli não hesitou em seguir a descrição dos Incas virtuosos de Garcilaso, admitindo a confiabilidade das fontes espanholas para apoiar sua perspectiva.²⁵⁶

Com a credibilidade dos relatos pioneiros e das fontes literárias tradicionais comprometidas, alguns historiadores procuraram articular novas narrativas com base em novos tipos de evidência, direcionando suas análises para as fontes produzidas pelos autóctones do Novo Mundo, tendo nas observações filosóficas da natureza sua maior fonte de autoridade. A composição de histórias conjecturais da escrita problematizou os modos de registro utilizados por Astecas e Incas, que foram considerados estágios primitivos do desenvolvimento da escrita logográfica. Por outro lado, o julgamento do caráter dito primitivo dos nativos, clivado pelas novas teorias do desenvolvimento evolutivo das faculdades mentais, forneceu o argumento das histórias naturais da mente, nas quais os autóctones do Novo Mundo representaram a infância da humanidade, tipificada pela metáfora “folha em branco”. Tanto os *quipus* quanto os pictogramas e logogramas mesoamericanos foram considerados exemplos da qualidade mental inferior dos povos nativos, portanto não confiáveis como mecanismos de conservação de registro.²⁵⁷

Com a publicação das *Vues des cordillères et monuments de peuple de l'Amérique*, de Alexander von Humboldt em 1810, temos uma revalorização dos relatos espanhóis descartados pelos críticos do século XVIII. Oferecendo uma saída para o ceticismo da crítica ao uso indiscriminado dos símiles clássico para interpretar as sociedades do Novo Mundo, Humboldt apostou na descrição dos povos nativos como do tipo oriental. Demonstrando disposição para analisar com generosidade as fontes conflituosas produzidas pelos espanhóis, iniciava suas *Vues* pontuando positivamente sobre a quantidade e qualidade dos relatos espanhóis sobre o Novo Mundo. Notou ainda que muitos relatos permaneceram inacessíveis para a maioria dos historiadores europeus, o que teria ocasionado parte do problema das fontes espanholas pioneiras.²⁵⁸

²⁵⁶ Ibid. Pág. 63,64.

²⁵⁷ Ibid. Pág. 85-164

²⁵⁸ Ibid. Pág. 78-83.

Historiografia e patriotismo.

Humboldt não foi o único a notar que muitos relatos produzidos pelos espanhóis acabaram ficando desconhecidos por grande parte do público letrado europeu. Ainda no início do século XVIII, Andrés Gonzáles de Barcia procurou reverter a inacessibilidade dos “clássicos espanhóis” sobre o Novo Mundo escritos durante o século XVI e começo do XVII, empreendendo durante as décadas de 1720 e 1730 a edição de muitos títulos raros, entre eles *La Florida* e *Los Comentarios* do Inca Garcilaso, republicados no ano de 1723. A empreitada editorial de Barcia, que foi membro fundador da Academia Espanhola de letras em 1711, era parte de um esforço mais amplo que pretendeu reconquistar a simpatia do público espanhol e estrangeiro para a produção literária dos eruditos do século XVI. Durante o século XVIII, muitos literatos trabalharam incansavelmente na edição e publicação de centenas de obras para resgatar do esquecimento os logros intelectuais do passado espanhol.²⁵⁹

Evidente que letrados espanhóis investissem na defesa contra as críticas dos estudiosos estrangeiros, combatendo as opiniões que condenavam os relatos e a mentalidade dos espanhóis. Os ataques provindos da Europa setentrional não se limitavam ao comportamento inadequado dos conquistadores e colonos espanhóis no Novo Mundo, se estendiam a própria representação do espanhol como fanático, cruel e ignorante, reprovando abertamente a capacidade perceptiva dos observadores e autores dos relatos pioneiros. Podemos admitir que a Espanha antecipou o rompimento com as interpretações antiquadas do passado dos povos ameríndios, sendo que durante este processo foram criadas novas instituições como a Real Academia Espanhola de História, cuja intenção principal seria a de compor novas histórias críticas, reestruturando a narrativa do passado americano e eliminando as crônicas antiquadas e relatos tidos como inverossímeis. Ao privilegiar a documentação produzida pelo aparato administrativo colonial, as chamadas fontes públicas, os historiadores espanhóis passaram a evitar os relatos impressos, por acreditar que eram parciais ou tendenciosos. Esta dedicação ao estudo das fontes públicas abriu caminho para a criação do Arquivo das Índias durante a década de 1780.²⁶⁰

²⁵⁹ Ibid. Pág. 194, 195.

²⁶⁰ Ibid. pág. 168,169.

Estas notáveis realizações espanholas estão envolvidas nos intensos debates em busca do projeto historiográfico que melhor representasse os interesses patrióticos. Diferentes grupos apresentaram seus projetos de reorganização da historiografia espanhola sobre o Novo Mundo. Os enfrentamentos entre valencianos e aragoneses em torno da proposta de Lorenzo Boturini²⁶¹ são um primeiro momento em que é possível observar a importância dos relatos pioneiros e registros autóctones para a articulação de ambas propostas.²⁶² Entrementes, ao seguir as queixas francesas sobre a ignorância dos espanhóis a respeito do território colonial, a *intelligentsia* patriótica espanhola passou a acreditar na existência de uma falta de interesse pelas histórias das Índias. Como resultado, a Espanha estaria sendo subtraída de suas posses coloniais, a começar pela derrota na batalha internacional pelas nomeações, já que a negligência espanhola estava permitindo a alteração dos nomes de lugares, plantas, e “descobridores” de território por

²⁶¹ Boturini, que viveu no México entre os anos de 1735 e 1743, reuniu uma extensa coleção de fontes ameríndias com o intuito de provar que os autóctones haviam registrado o milagre de Nossa Senhora de Guadalupe utilizando seus próprios modos de registro, como pictogramas e logogramas. Ao se envolver no processo ilegal de “coroação” da imagem da virgem, Boturini foi processado e teve seus bens e coleção confiscados, sendo depois enviado à Espanha para um julgamento final. O navio que levava Boturini foi sequestrado pelos Ingleses cerca da costa de Cádiz, quando teve que entregar seu último documento em mãos. Para sua sorte, o prontuário judicial de seu processo também foi expropriado, o que lhe proporcionou tempo para redigir um livro e agregar apoiadores em Madri. Ibid. Pág. 172,173.

²⁶² Em meados do século XVIII temos dois tipos patrióticos distintos de erudição que predominaram na Espanha, embora ambos partilhassem do consenso sobre a necessidade de renovação da historiografia tradicional sobre o Novo Mundo, tinham perspectivas opostas de como escrever uma história patriótica. Uma delas, representa o posicionamento dos valencianos, tipificado pela postura de Gregorio Mayans e Siscar, destacado humanista do século XVIII. Pregador do retorno ao rigor da erudição espanhola do século XVI de homens como Antonio de Nebrija, Mayans acreditava que a Espanha não carecia de seguir os modelos filosóficos franceses, uma defesa patriótica deveria partir do reconhecimento da superficialidade da erudição da Espanha contemporânea, para então buscar nas tradições locais as bases dos relatos, sem temer expor as deficiências espanholas, fossem elas no passado ou atuais. Não por acaso, Mayans foi um dos apoiadores do projeto historiográfico de Lorenzo Boturini, que visava reconstruir a história da Mesoamérica através das fontes dos autóctones matizadas pelas idéias do napolitano Giambattista Vico sobre o estudo das tradições. Sua versão implicava uma visão grandiosa do passado mesoamericano como culturas avançadas, que possuíam precisos sistemas de registro. Os aragoneses, liderados por Blás Antonio Nassarre e Férriz (1689-1751), um erudito influenciado pela história eclesiástica crítica de Jean Mabillon e Bernard de Montfaucon, se empenharam em persuadir o Conselho a retirar o apoio a Boturini e em impedir a publicação de sua obra futura. Nassarre esteve à frente de muitas iniciativas dos Bourbons em seu programa de renovação cultural, que tinha na reorganização da história eclesiástica uma oportunidade de incentivar os adeptos do monarquismo entre o clero espanhol. Nassarre conduziu a organização de arquivos eclesiásticos, participando ativamente das reuniões da Academia de História e apoiando o *Diario de los literatos españoles* (1737-1742), periódico de resenhas críticas sobre literatura dirigido por Juan Martínez de Salafraña (1697-1772). Juntamente com Nassarre e outros letrados, Salafraña fez parte do grupo de cortesãos que se empenharam na extirpação das superstições na Espanha e no fortalecimento do Estado, defendendo a introdução das idéias de Descartes e Newton como meio de acabar com a credulidade e ignorância do povo. Revoltados com os ataques desferidos pelos adeptos de Boturini contra os primeiros observadores espanhóis, os aragoneses repreenderam Mayans sustentando que os estudiosos não deveriam denunciar a nação, acreditando ainda que o único modo de recuperar o vigor espanhol era a adoção da modernidade estrangeira. Ibid. Pág. 178,181.

parte das potências européias rivais. Estes ataques incitaram a Coroa, gerando vontade política para investir na renovação do império e da historiografia das Índias.²⁶³

Como parte desta postura, o cargo de cronista oficial, ou melhor, a responsabilidade de escrever uma história oficial passou a ser da Real Academia de História. Neste contexto, os membros da academia realizaram dois grandes debates metodológicos, o primeiro gira em torno das histórias que deveriam ser inicialmente escritas pela Academia (civil, natural ou moral), quando foi sugerido que se utilizasse os primeiros relatos espanhóis, reiterando que a história civil deveria ser apenas uma continuidade da *Historia General del Perú*, escrita pelo inca Garcilaso de la Vega.²⁶⁴ Esta proposta foi criticada pelo Conselho, que acreditava que as fontes espanholas tinham sérios problemas de organização, conteúdo e estilo. A luta de jurisdições estava impedindo a realização dos planos da Academia.²⁶⁵ O Segundo debate gira em torno das opções que seriam tomadas depois de apresentadas as diretrizes do Conselho, principalmente como coletar e organizar informações necessárias para escrever as histórias requeridas.²⁶⁶

Estes debates ocorridos na Academia entre 1755 e 1770 não tiveram grandes consequências materiais diretas, já que uma nova história das Índias não chegou a ser publicada pela Academia, todavia nos mostra que os eruditos patriotas espanhóis estavam inseridos em um movimento europeu maior que acreditou que seria conveniente negar o valor das fontes ameríndias, pois estavam questionando os escritos sobre Índias dos séculos XVI e XVII antes de De Pauw e Robertson. Nas décadas de 1770 e 1780 temos na Espanha um novo ciclo de debates sobre a maneira de escrever histórias patrióticas, marcado pela fundação do Arquivo das Índias, que também foi

²⁶³ Para este fim, a monarquia convocou especialistas estrangeiros e espanhóis treinados em escolas francesas e alemãs para realizar várias expedições científicas, seus objetivos seriam mapear as colônias e seus respectivos recursos, visando ainda estabelecer as fronteiras com clareza perante os reinos rivais. Embora houvesse uma tendência utilitarista, relacionada ao melhoramento da produção da colônia (minérios e especiarias) por meio de práticas mercantilistas, o tom predominante era patriótico, pois em última instância, as expedições e os esforços para corrigir a cartografia e taxonomia dos lugares e plantas, iriam provar à Europa setentrional que os espanhóis eram observadores filosóficos confiáveis. Ibid. Pág. 199,200.

²⁶⁴ Esta foi a posição defendida pelo professor de humanidades da Universidade de Salamanca Marcos Benito, que procurou acordar as opiniões.

²⁶⁵ Ibid. Pág. 200-207.

²⁶⁶ Foram comissionadas a Academia a produção de histórias naturais e civis do Novo Mundo, que incluíam três histórias naturais separadas (animal, vegetal e mineral) para cada localidade, província e região e quatro civis (política, eclesiástica, militar e naval) para cada uma das quatro áreas do espaço colonial espanhol (Caribe, México, Peru e Filipinas), além de vários tratados sobre costumes, leis e origem dos autóctones. Ibid. Pág. 206.

criado durante a política de centralização dos Bourbons. Juntamente com finalidade de criar um depósito central que agrupasse e preservasse os documentos da “América espanhola” estava a necessidade de produzir histórias originais que rebatessem as crescentes críticas dos reinos do Norte ao comportamento espanhol no Novo Mundo e obscurecessem as falhas dos historiadores espanhóis do século XVIII.²⁶⁷

Ao afirmar, em 1779, que o único modo de reverter a negligência ofensiva a honra da nação quanto a história das Índias, desmistificando ataques injustos às ações da Espanha, era o desvelamento da verdade sobre os feitos espanhóis no Novo Mundo por meio da acumulação cuidadosa de novas fontes (públicas), Juan Bautista Muñoz antecipou grande parte das idéias epistemológicas e historiográficas de Leopold Von Ranke.²⁶⁸ A partir de 1783 Muñoz passa a trabalhar na elaboração de sua *Historia del Nuevo Mundo* (1791), que pretendeu obliterar todas obras escritas anteriormente. Já no prefácio descarta todas as histórias do século XVI sobre o Novo Mundo, criticando autores consagrados como Juan Ginés de Sepúlveda, Pedro Martire de Anglería e López de Gómara. Todavia, longe ser apenas mais um crítico cético da historiografia espanhola anterior, Muñoz oferecia uma solução, a resposta para as acusações feitas aos espanhóis pelos estrangeiros estaria nos arquivos da Espanha. Apesar da dificuldade Inicial, aos poucos Muñoz conseguiu perceber que na grande quantidade de documentos e manuscritos que haviam permanecidos inéditos continham as evidências sobre a transformação da história da navegação e do comércio pela Espanha. Ainda mais, a documentação relativa aos debates sobre a elaboração da legislação colonial evidenciava a profundidade filosófica e prudência das leis praticadas nas colônias,

²⁶⁷ As discussões se deflagraram a partir do acatamento da Academia ao projeto malogrado de tradução da *History of America* de Robertson encabeçado pelo novo diretor da Academia, o Conde de Campomanes, que viu no trabalho do inglês argumentos pró-Espanha. Inicialmente concebido como uma investida contra os ataques a *intelligentsia* espanhola, o projeto de Campomanes e seus partidários foi desmantelado por uma resenha anônima que expunha o conteúdo anti-espanhol da obra de Robertson. Após este caso a Academia foi destituída do posto de cronista, que passou a ser ocupado por Juan Bautista Muñoz, cosmógrafo real líder da facção valenciana, para quem a objetividade desta nova historiografia só poderia ser assegurada se baseada nas fontes públicas. Este pressuposto levou Muñoz a se dedicar a coletar todos os documentos coloniais ao alcance, investindo nas justificativas epistemológicas e historiográficas que possibilitariam a criação do Arquivo das Índias em 1784. Muñoz, assim como Mayans, representavam a retomada da tradição agostiniana da Espanha do século XVI, que tinha Juan Luis Vives e Luis de León como representantes, criticando abertamente a afeição de Campomanes às modas da Europa setentrional, que implicavam a adoção de filosofias laicizantes, identificadas por Muñoz como contrárias à cristandade. De fato, Campomanes pretendeu um ataque às ordens religiosas e à Igreja como parte de um programa de renovação econômica e cultural, que foi apoiado na medida em que satisfazia aos interesses centralizadores da monarquia. Ibid. Pág. 211-237.

²⁶⁸ Ibid. Pág. 237-240

respaldadas pela base antropológica dos numerosos estudos etnológicos inéditos sobre os povos ameríndios. Esta abordagem procurou produzir uma imagem harmoniosa e equilibrada da empresa colonial espanhola, seu sustentáculo seria o resultado de vinte anos de coleta de documentos primários.²⁶⁹ Muñoz ainda seria criticado por derivar parte de suas idéias de De Pauw e Robertson, reforçando a leitura dos espanhóis como observadores incapazes, sua principal fraqueza era a falta de interesse pelo passado dos ameríndios, cujos modos de registro não estimava por considera-los primitivos, traço comum neste período de reavaliação dos relatos pioneiros sobre o Novo Mundo e seus povos.²⁷⁰

Estas tensões e contradições nos escritos espanhóis do século XVIII podem ser exemplificadas a partir do compêndio de Pedro de Estala (1757-1815), que em seu esforço patriótico para defender a Espanha das acusações de genocídio no Novo Mundo, preferiu paradoxalmente adotar as técnicas críticas e reconstruções filosóficas conjecturais de De Pauw e Robertson para ler os relatos pioneiros sobre as Índias. Sua abordagem consistiu em tomar como ponto de partida a imagem degenerada e deplorável dos povos do Novo Mundo produzida por De Pauw, retratando a América como um ambiente frio, úmido e degenerador. Entretanto, procurou naturalizar esta condição como modo de desvincular o colonialismo espanhol da responsabilidade pelo estado atual dos autóctones, destacando a sugestão de De pauw de que os europeus haviam encontrado uma terra escassamente povoada, portanto impassível de extermínios. A partir deste estratagema e munido das técnicas de crítica interna, Estala investiu contra autores como o Inca Garcilaso, que apresentou os Incas com grandeza e os Andes habitados por uma considerável quantidade de povos. Para Estala, a ausência de outras cidades além de Cuzco, as formas atrasadas de agricultura e um sistema de

²⁶⁹ Ibid. Pág. 250,251.

²⁷⁰ Ibid. Pág. 248. Este panorama dos projetos de historiografia patriótica na Espanha do século XVII se completa com a análise das perspectivas apresentadas por outros dois grupos. Os jesuítas catalães, que propunham uma defesa furiosa da historiografia espanhola colonial, mas mesmo questionando os pressupostos filosóficos em voga, adotaram a imagem degenerada do Novo Mundo e seus habitantes oferecida por De Pauw na esperança de rebater os críticos da Espanha. Com isso acabaram rejeitando qualquer relato sobre a população numerosa e sociedades ameríndias esplendorosas. O outro grupo representa os jesuítas crioulos hispano americanos exilados na Itália, que procuraram reforçar a historicidade dos relatos sobre a grandeza das civilizações do Novo Mundo, defendendo a precisão e confiabilidade das testemunhas e autores espanhóis e o valor das fontes ameríndias. Pra maiores detalhes consultar CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. *Como escrever a história do novo mundo: Histórias, Epistemologias e Identidades no Mundo Atlântico do século XVIII*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011. Pág.165-251.

escrita inadequado contradiziam a descrição grandiosa das tecnologias Incas feitas por Garcilaso.²⁷¹

O contexto da rebelião de Tupac Amaru II.

Emblematicamente, *Los Comentarios* com suas particularidades, seguiu como uma obra de referência durante a batalha filosófica travada entre os eruditos a partir do século XVIII. Seu potencial de despertar novas leituras foi confirmado pelo emergente sentimento patriótico inspirado por esta obra, que juntamente com o descontentamento dos nativos e de parte das elites *criollas* com as reformas borbônicas, são considerados como responsáveis pela insubordinação de José Gabriel Condorcanqui no Peru colonial em 1780-1781. Justamente enquanto Muñoz se esforçava para produzir sua imagem equilibrada e harmoniosa do Império Espanhol, a realidade das colônias parecia demonstrar o contrário. As reformas dos Bourbons sob comando de Carlos III, que seguiram muitas das recomendações de Campomanes em seu plano de renovação econômica e cultural, obtiveram resultados diversos, como constatado pela criação de Instituições como a Real Academia de História e o Arquivo das Índias, que fizeram parte do movimento de reorganização da historiografia espanhola e européia. Por outro lado, estas investidas que previam a centralização administrativa, também tinham como foco central o melhoramento do arranjo colonial e suas práticas comerciais, que entre outras medidas visava aumentar a arrecadação da Coroa, assim como reagir às possíveis ameaças de invasão do território colonial espanhol por parte das potências européias.

Medidas como as importações de artesãos estrangeiros, a substituição de *criollos* por espanhóis peninsulares nos cargos públicos, a intensificação do controle sobre o trabalho dos autóctones e a cobrança de tributos, desestabilizaram o arranjo colonial espanhol, provocando uma crescente tensão. As numerosas revoltas do século XVIII são mostras de que Muñoz e Campomanes estavam enganados. A fracassada rebelião de Huarochirí de 1750 e a anterior conspiração dos oleiros de Lima em 1749, que se aliaram a população de origem africana, fizeram tanto espanhóis como *criollos* sentirem o estado de instabilidade social e a fragilidade do novo sistema colonial borbônico. Instituída pela cédula de Felipe V, a proibição de ingresso ao clero e ordens religiosas

²⁷¹ Ibid. Pág.165, 166.

para mestiços e ameríndios desagradou os curacas nobres e artesãos urbanos, somando-se à pressão geral do sistema colonial contra os autóctones. Mesmo com as manifestações de descontentamento que surgiam no vice-reino na forma de sedições e tumultos, a Coroa Espanhola seguiu com seu programa de reformas. A participação de *criollos* nas revoltas de Arequipa e Cuzco no início de 1780 confirmavam as suspeitas espanholas sobre a possibilidade de questionamento da autoridade real por parte dos colonos. Quando José Gabriel Condorcanqui solicitou o apoio dos irmãos Ugarte em uma carta datada em 22 de Novembro de 1780, a complexa situação já estava configurada.²⁷²

Com efeito, as queixas dos descendentes dos conquistadores sobre o desinteresse da Coroa em estimular uma classe de nobres no Novo Mundo já datava de fins do século XVI e início do XVII, enquanto os monarcas intercalavam concessões de *encomiendas* aos conquistadores nas áreas mais dinâmicas da economia colonial, negando aos *criollos* seu direito de ser uma nobreza privilegiada. Buscando atenuar sua situação, as elites *criollas* se aproximaram da Igreja, ocupando aos poucos os setores seculares de universidades, paróquias, conventos e capítulos de catedrais, produzindo sermões patrióticos e tratados eclesiásticos para enaltecer estas instituições e investindo nos processos de canonização de muitos santos do Novo Mundo. A historiografia produzida pelos clérigos *criollos* no final do século XVIII se constituiu como um esforço para integrar as colônias como “reinos” dotados de um passado grandioso e que participavam de uma monarquia espanhola vagamente federada. Nestes escritos são articuladas narrativas históricas legitimadoras para os patriotas *criollos*, elas visavam refutar as opiniões céticas de autores da Europa setentrional via elaboração de uma “epistemologia patriótica”, que também possibilitou a argumentação de uma análise original sobre as limitações epistemológicas dos viajantes filósofos.²⁷³

Esta é postura assumida pelos jesuítas *criollos* exilados na Itália como Francisco Xavier Clavijero e Juan de Velasco, cujas histórias de Astecas e Incas foram escritas como reações às técnicas e paradigmas do Iluminismo plasmados nas compilações filosóficas dos relatos de vigem e nas histórias conjecturais. Ao validar o conhecimento

²⁷² Mesmo que houvesse um enfrentamento entre os representantes do poder monárquico e a elite *criolla*, ambas nutriam um temor crescente da sublevação da população indígena, a quem viam como inimigos. BUNSTER, Cora & LORANDI, Ana María. *El fantasma del criollismo después de la rebelión de Túpac Amaru*. Historica. XXX.1 / ISSN 0252-8894. 2006. Pág. 105.

²⁷³ Ibid. Pág. 254, 256, 257.

histórico produzido a partir das observações de clérigos eruditos e nobres ameríndios do século XVI, a epistemologia patriótica se reaproxima da epistemologia humanista de autores como o Inca Garcilaso, se apoiando nos testemunhos das tradições orais e nas fontes escritas ameríndias. Contudo, se diferencia ao também descartar fontes, visando erodir a credibilidade dos colonos considerados leigos, além de oferecer uma crítica epistemológica das limitações perceptivas dos “plebeus” indígenas em contraposição à valorização das fontes produzidas por membros das elites ameríndias coloniais e pelo clero, que tinha no observador estrangeiro seu arqui-inimigo.²⁷⁴

Clavijero, que escreveu sobre as antiguidades da Mesoamérica distinguindo com clareza formas internas e externas de evidência, evitou a adoção sistemas ou interpretações filosóficas grandiosas como parte de suas críticas às obras de Buffon, De Pauw, Robertson e Raynal. Em seu afã por elaborar esquemas abrangentes, os *philosophes* se esqueceram de dar atenção aos fatos. Um importante fator responsável pelas distorções dos autores da Europa setentrional— mesmo aqueles que, como La Condamine, se gabavam de sua observação filosófica *in loco* — era inegável ignorância sobre os sistemas linguísticos nativos, que os levava a considerar os *quipus*, logogramas e pictogramas como modos primitivos de registro. De modo semelhante, o primeiro volume da história natural de Quito de Juan de Velasco,²⁷⁵ é apresentado com um conjunto de ensaios que polemizam com os trabalhos de Buffon, De Pauw, Raynal e Robertson, seguido de uma história natural do “reino” de Quito que cataloga termos em *quéchua* para a fauna e flora dos Andes do Norte. O segundo volume estava dedicado a uma história da Quito pré-colonial e do processo de invasão e conquista. No terceiro volume, apresentado em 1789, descreve os acontecimentos coloniais até o ano da expulsão dos jesuítas em 1767. Por meio de uma leitura moderada das fontes espanholas e ameríndias Velasco identificou relatos contraditórios, que procurou sintetizar comparando testemunhos conflitantes e avaliando a credibilidade de relatos rivais. Sua intenção era oferecer uma história digna de veneração, demonstrando as antigas origens dos povos da região.²⁷⁶

²⁷⁴ Excetuando-se o caso de matrimônios entre membros das nobrezas ameríndia e europeia, é interessante notar que, na perspectiva da epistemologia patriótica, a categoria menos confiável de testemunha são os mestiços, considerados degenerados e indignos de confiança. Ibid. 2257, 258.

²⁷⁵ Mesmo sendo bem recebida, a história de Velasco permaneceu inédita até o século XIX. Ibid. Pág. 303.

²⁷⁶ Ibid. Pág. 302, 303.

Assim como Clavijero, Velasco se empenhou em criticar os estrangeiros em sua recusa dos relatos de observadores de primeira ordem e dos testemunhos dos clérigos, reprimindo-os pelo seu apego por sistemas generalizantes que impediam o vislumbre das evidências contrárias. Ao apresentar-se como adepto da epistemologia de Acosta, Velasco considera como principais carências dos autores da Europa do Norte o desconhecimento da cultura estudada e a falta de domínio das línguas autóctones, que ocasionaram sua limitação epistemológica.²⁷⁷ Desse modo também podemos estabelecer um ponto de contato entre a epistemologia patriótica e os pressupostos epistemológicos expostos no método empregado pelo Inca Garcilaso em *Los Comentarios*, que desqualifica os historiadores espanhóis do século XVI pelo seu desconhecimento linguístico que ocasionou graves corrupções de vocábulos do *runa simi* e fomentou descrições equivocadas. Interessante notar que ao valorizar os testemunhos de nobres ameríndios como testemunhas confiáveis, a epistemologia patriótica reforça a autoridade de Garcilaso como historiador dos Incas.

Neste complexo contexto que José Gabriel Condorcanqui e seus correligionários encontraram referências patrióticas em *Los Comentarios*, que oferecia um passado grandioso para os pretensos restauradores da soberania Inca. Como afirma Garcilaso em seu *Proemio al lector*, sua empreitada historiográfica nutria “amor natural” por sua pátria. Esta narrativa apaixonada e outros impressos detratores dos tribunais e magistrados do vice-reino subsidiaram a instrução dos revoltosos, que em 1781 deram mostras claras da vulnerabilidade do arranjo colonial.²⁷⁸ Os questionamentos sobre eficiência dos antigos mecanismos de trabalho coercitivo foram aguçados após abolição do *repartimiento*, que desde o século XVI pressupunha a indolência dos ameríndios, trazendo novamente à tona a necessidade do debate ontológico sobre os ameríndios e a busca de novas formas de exploração do trabalho do nativo.

Contudo, as teorias filosóficas sobre a influência dos climas no temperamento das populações, que viam os autóctones do Novo Mundo como inevitavelmente degenerados e preguiçosos devido à humidade dos trópicos, realocaram as concepções

²⁷⁷ Ibid. Pág. 300, 305.

²⁷⁸ QUESADA, Aurelio Miró. *El Inca Garcilaso y otros estudios garcilasistas*. Madrid, Ediciones Cultura Hispánica. 1971. Pág. 222. A reedição da obra de Garcilaso feita por Barcia no início do século viria a se tornar uma perigosa ameaça à ordem colonial. Após a execução de Jose Gabriel Condorcanqui, que havia reclamado seu direito como soberano sob a alcunha do último representante da estirpe Tupac Amaru, *Los Comentarios* foram prontamente proibidos e retirados de circulação.

do século XVI, gerando um impasse para as defesas dos soberanos ameríndios como virtuosos. Essa contradição aparente era justificada pelos critérios da epistemologia patriótica que supunham uma diferença qualitativa entre “nobreza” e a “plebe”. Os governantes indígenas foram sábios porque souberam como introduzir mecanismos eficientes de coerção do trabalho, já que a população era inevitavelmente indolente, permitindo o desenvolvimento de suas sociedades. Esta mesma lógica admitia a desqualificação dos testemunhos de colonos espanhóis e das fontes ameríndias do período colonial tardio, ao passo que tinha em grande consideração as evidências pré-coloniais e as produzidas durante o início da empresa colonial, principalmente o relato dos clérigos eruditos.²⁷⁹

As tensões entre clérigos e colonos, que remontam ao início do período colonial, haviam se abrandado com o surgimento da Igreja secular, no entanto, as políticas reformistas da monarquia se empenharam em enfraquecer o poder judiciário, político e econômico do clero secular, incitando uma onda anticlerical liderada por burocratas provinciais e comunidades locais. Como assevera Cañizares-esguerra, a historiografia “clérigo-criolla” era uma mostra dos anseios aristocráticos e raciais característicos de governos do Antigo Regime. Ou seja,

(...) a epistemologia patriótica era um discurso do Antigo Regime que criava e validava o conhecimento nas colônias de acordo com linhas que imitavam e reforçavam princípios públicos mais amplos de Estados sociorraciais e privilégios corporativos.²⁸⁰

De maneira distinta, ainda que os projetos nacionais latino americanos do século XIX, oferecessem concepções bastante limitadas de cidadania, eles procuravam acabar com as tradições coloniais, que incluíam privilégios corporativos dos chamados Estados sociorraciais. Esta premissa pode ter tornado a historiografia clérigo-criolla impopular durante o período de formação dos Estados Nacionais, quando a preocupação com a construção de repúblicas liberais pós-coloniais levou a elites do Perú a enfatizar moderadamente a tradição historiográfica que tinha no Inca Garcilaso de la Vega seu principal fundador. Todavia, este quadro não nos permite partilhar da negligência da historiografia oficial em reconhecer a importância do projeto Incaísta argentino,

²⁷⁹ CAÑIZARES-ESGUERRA. Ibid. Pág. 316-319.

²⁸⁰ Ibid. Pág. 255.

resenhando-o como infrutífero ou como “elemento complicador” de uma situação já confusa, como um plano que em nada resultou.²⁸¹

Quando da deflagração da crise da monarquia, o vocabulário político utilizado estava passando por muitas transformações. A novidade radical da linguagem política desencadeada a partir da Revolução Francesa rompeu com a forma como eram empregados vocábulos (nação, pátria, liberdade entre outros) que logravam encerrar atributos essenciais das identidades coletivas em seu conteúdo político e cultural. Neste processo, assume papel definitivo a incorporação da soberania “como um atributo essencial da nação moderna.”²⁸² A soberania *americana* reivindicada pelos partidários da proposta incaísta de projeto nacional foi subsidiada pela leitura ilustrada de *Los Comentarios* feita por Jean François Marmontel e apropriada pelas elites *criollas* que presidiram as juntas provisórias.²⁸³

É neste contexto de instabilidade de composições definidas, que a reação da cultura política na América Ibérica, com elementos da crítica política européia, produzem em interação com a cultura ameríndia e a historiografia sobre as Índias o incaísmo como uma das materializações da crise em novas formas de discussão e práticas políticas. Manifesto, sobretudo, na forma de projeto monarquista constitucional, que pretendia admitir a “vassalagem” cidadã dos indígenas, desqualificados historicamente quanto à capacidade cívica, o incaísmo pode oferecer um matiz de legitimidade a recém-proclamada soberania das *Provincias unidas do Rio de La Plata*.

²⁸¹ Um exemplo dessa vertente historiográfica pode ser observado no conteúdo do terceiro volume de *História da América Latina* organizado por Leslie Bethell. Esta interpretação Cambrigdeana da história da América latina advoga “uma síntese de alto nível do conhecimento atual” dando “uma contribuição mais abrangente para que os Estados Unidos, a Europa e outras regiões” se aprofundem no conhecimento sobre esta história, não obstante, fornecendo para América Latina, uma “maior consciência de sua própria História”. BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: Da Independência até 1870, Volume III*. 2004.

²⁸² Sobre estes temas, consultar respectivamente os trabalhos de John Lynch e François-Xavier Guerra sobre a crise de legitimidade do império espanhol e a “linguagem política” que ordenou a “nova legitimidade” de “velhas identidades” na América Latina. LYNCH, John. *Las revoluciones hispanoamericanas 1808 – 1826*. 1983. *As origens da independência da América espanhola*. In BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: Da Independência até 1870, Volume III*. 2004. GUERRA, François-Xavier. *A nação moderna: velhas legitimidades e novas identidade*. In: JANCSÓ, Stván. *Brasil: formação do Estado e da nação*. 2003.

²⁸³ Os desdobramentos da ilustração na América ainda estão por conhecer seu significado completo. Entretanto é consenso entre os historiadores quanto à entrada clandestina na América de livros “filosóficos”, no sentido darntoniano, que subsidiaram movimentos sediciosos, como as rebeliões indígenas de 1780 e 1781, de conteúdo explicitamente americanista, todavia, com tendências reformistas, mas de grande potencial simbólico de aceitação no imaginário transmitido através da oralidade nas camadas populares.

Devemos considerar a relativa acessibilidade aos textos portadores das narrativas emancipadoras do iluminismo europeu, como a obra *Los Incas* (1777) de Marmontel, que generalizou a imagem dos Incas como um passado humano ideal que fora destruído pelos espanhóis. Esta permeabilidade compensava, de certa forma, a censura a que esteve condicionada a única edição disponível em espanhol de *Los Comentarios Reales de Los Incas* de 1723, imposição deflagrada a partir da derrota de Tupac Amaru II em 1781. San Martín, que tivera acesso à edição proibida dos *Comentarios* em sua passagem por Córdoba em 1814, não conseguiu efetuar seu plano de reeditar a obra para publicação massiva, cuja despótica proibição tanto lamentavam aqueles patriotas *criollos*.²⁸⁴

A apropriação da memória da civilização inca – narrada por Garcilaso de La Vega, e utopicamente relida por Marmontel – por parte da elite ilustrada *criolla rioplatense*, foi a forma provisória como este grupo pretendeu garantir a continuidade do estabelecimento da hegemonia *porteña* como classe dirigente da emergente nação *criolla*, uma vez que o “aceno” à monarquia no Congresso de Tucumán, propunha mudanças favoráveis aos grupos provincianos do interior, como a mudança da capital administrativa para Cuzco, no alto Peru, todavia mais próxima de pólos políticos como as províncias de Salta, Jujuy e Tucumán. Certamente, este discurso “multiétnico” homegeinizador difundido por parte da elite ilustrada *criolla*, marcado pela retórica que admitia os índios como virtuais “cidadãos” da emergente nação *rioplatense*, seria esvaziado, para além da inércia do racismo colonial, traumático a partir de São Domingos, curiosamente, pela atuação do intelectual de origem *aymará* Pazos Kanki, *criollo* letrado, já bastante distanciado de suas origens.²⁸⁵

²⁸⁴ DÍAZ-CABALLERO, Jesús. *El incaísmo como primeira ficción orientadora de La nación criolla em las provincias unidas del Río de La Plata*. In: A contracorriente. s.d. Pág. 94.

²⁸⁵ Depois de estudar teologia e formar-se em direito na Universidade de Chuquisaca, juntamente com outros *criollos*, passou a ser redator de periódicos como *La Gaceta de Buenos Aires* e *El Censor*. Em 1816, quando da publicação de um artigo de Belgrano, visando popularizar a proposta incaísta por *El Censor*, Pazos, já afastado deste periódico, publica deu artigo contrário a monarquia incaica, não por acaso, no periódico *La Crônica Argentina*. Evocando a razão, Pazos desqualifica os bastardos distantes mais de 300 anos da antiga “casa de príncipes”, que apenas na história de Garcilaso e nos poemas de Marmontel representavam um mundo digno de poder, riqueza e opinião. Ao colocar em evidência a possibilidade de que, na empresa de garantir a liberdade *criolla* em nome dos índios, estes mesmos viessem a suplantá-la neste processo, é que Pazos Kanki desmistifica a “suposta fraternidade de *criollos* e índios”, restabelecendo a heterogeneidade de interesses entre ambos os grupos. Abrindo caminho para invenção de uma nova soberania, a Argentina. DÍAZ-CABALLERO. Ibid. Pág. 97-113.

O século XIX e as histórias nacionais.

Como parte do processo de revalorização dos relatos pioneiros sobre o Novo Mundo iniciado por Humboldt no início do século XIX, a construção de memórias nacionais levou nações americanas como o México e a Argentina a investir na edição e publicação de crônicas e outros escritos coloniais. Esta investida ganhou relevância em meados do século XIX, quando historiadores mexicanos tiveram de triar os textos que fariam parte do *corpus* histórico nacional, encontrando nos relatos de missionários, viajantes e soldados o manancial de dados em que se baseariam as histórias nacionais. É próprio deste período a atitude de classificar como primitivos os autores pioneiros, que sob esta alcunha podiam ser considerados tanto como repositório de informações úteis quanto como testemunhas cuja confiabilidade era questionável. A busca de objetividade e fidelidade das fontes, características da historiografia do século XIX, apontavam com desconfiança para o caráter personalista, ideológico ou literário destes escritos, o que levou a valorização de determinados modos de narrativa em detrimento de outros.²⁸⁶

Estes critérios de legitimidade fomentaram a hierarquização dos escritos do início do período colonial, onde os autores que possuíam objetividade e clareza de estilo, informações ricas e precisas, eram considerados confiáveis a ponto de atuarem como pilares da história nacional, enquanto os que não preenchiam os requisitos eram obscurecidos ou simplesmente descartados. Outro julgamento que acompanhou o processo de classificação das fontes coloniais em mais ou menos confiáveis esteve relacionado com a datação e a autoria, que visavam encontrar novos manuscritos. Partindo do pressuposto da possibilidade de uma narrativa única, qualquer autor que destoasse do enredo era considerado “inferior” ou prontamente rejeitado, revelando a crença na possibilidade de alcançar a totalidade do passado colonial, uma versão final do período que podia excluir obras inteiras caso o conteúdo se afastasse dela. Além destes quesitos, tornava-se imprescindível precisar a qualidade das fontes primárias, que de acordo com a natureza do relato eram tipificadas como de primeira, segunda ou terceira mão. Fica evidente a valorização dos relatos de primeira mão, pela vantagem da não intermediação da situação descrita. Autores como Acosta foram acusados de plágio

²⁸⁶ FERNANDES, L. E. O.; KALIL, L. G. A. *A historiografia sobre as crônicas americanas: a criação de um gênero documental*. In: DOMÍNGUEZ, L. S.; FERNANDES, L. E. O.; KALIL, L. G. A.; KARNAL, L. (org.). *Cronistas do Caribe*. Campinas: Unicamp - IFCH, 2012. Pág. 50, 51.

depois que um manuscrito original anterior a *Historia Natural y Moral de las Indias* teria sido descoberto, convertendo em relato de segunda mão uma das principais fontes de *Los Comentarios*.²⁸⁷

Diferente de Argentina e México, no Peru as elites *criollas* do início do século XIX viveram um clima de constante tensão entre aceitar os cambios do novo liberalismo e preservar a continuidade de seus usos e práticas, oscilando entre diversas lealdades e filiações, não podendo, por várias décadas, encontrar o caminho da emancipação, cujos sinais já eram vislumbrados nesta etapa de transição entre a monarquia e as novas repúblicas. *Los Comentarios* do Inca Garcilaso de la Vega, a principal referência das narrativas emancipadoras no Perú, acabou orientando um projeto nacional monárquico na Argentina, quando existiu a intenção de republicar a obra como parte do impulso nativista que pretendia agregar os indígenas as fileiras do exército dos Andes, formado por San Martín. A especificidade do caso peruano estaria no tipo de patriotismo das elites *criollas*, que não chegaram a nutrir um projeto nacional comum que oferecesse uma forma de articular o passado ameríndio e a herança colonial.²⁸⁸ Como observamos anteriormente, o patriotismo *criollo* estava mais interessado em uma nacionalidade independente que valorizava a manutenção de traços do antigo regime, como o privilégio corporativo e Estados sociorraciais, que tendiam a excluir os ameríndios e manter laços imperiais.

Esta situação se arrastaria até o final do século XIX, quando começam a se esboçar diagnósticos da realidade peruana que passariam a representar projetos distintos de nação.²⁸⁹ No período de transição entre o século XIX e XX podemos identificar a emergência de duas tendências nacionais, ambas alentadas por diferentes grupos das

²⁸⁷ Ibid. Pág. 51-53.

²⁸⁸ A relação controversa entre *criollos* e peninsulares nas possessões da Coroa Espanhola é um tema bastante trabalhado pela historiografia que se ocupa dos processos de independência de América Latina. Esta conflituosa relação, que remonta ao século XVI, se agudizou nas últimas décadas do século XVIII e nas XIX. Geralmente se enfatiza a oposição entre ambos setores, mas esta visão dicotômica tem obscurecido os interessantes matizes que mostram os comportamentos corporativos e individuais dos atores envolvidos. Como ambos setores compartilhavam interesses comuns e laços familiares, seus membros tenderam a atuar individualmente, transcendendo os interesses corporativos e, por fim, a mencionada oposição *criollo*-peninsular. Novos trabalhos têm atentado para uma nova variável que complexifica a análise do comportamento das elites: a rivalidade entre a costa e a serra. Para a elite da capital do vice-reino, a serra representava indícios de insurreição e infidelidade, atitudes que envolviam a indígenas, mestiços e *criollos*. A participação da população de Cuzco nos levantes anticoloniais e projetos contra-hegemônicos, além de significar uma alternativa a ordem colonial vigente, questionava também a dominação da costa. BUNSTER, Cora; LORANDI, Ana María. *El fantasma del criollismo después de la rebelión de Túpac Amaru*. *Historica*. XXX.1 / ISSN 0252-8894. 2006. Pág. 99-135.

elites *criollas*. O fio condutor dos debates entre “hispanistas” e “indigenistas” era a busca por uma configuração nacional que, além de consolidar o Estado, oferecesse uma solução definitiva para incorporação do elemento indígena. Gabriela Menezes de Jesus partilha da visão segundo a qual a derrota peruana na chamada “Guerra do Pacífico” (1879-1883) contra o Chile havia exposto as contradições da pátria e a ausência de um projeto nacional definido, possibilitando a articulação do argumento de Manuel González Prada, importante intelectual peruano que acreditava que o fracasso peruano no conflito estava na alienação dos indígenas do processo de modernização das estruturas sociais, pois os verdadeiros peruanos e potenciais defensores da pátria ainda permaneciam em uma condição servil.²⁹⁰

O pensamento de González Prada, precursor do Indigenismo²⁹¹ no Perú, irá inspirar intelectuais como o influente periodista, crítico literário e ensaísta peruano José Carlos Mariátegui, que também foi fundador do Partido Socialista do Perú. Conhecido por sua interpretação materialista da realidade peruana, Mariátegui utilizava a categoria “indigenista” sob a égide marxista, tratando a questão indígena não como um problema racial, mas sim como um problema de ordem econômica. A raiz da opressão aos nativos estava no modelo fundiário colonial, que concentrou as terras nas mãos das elites *criollas*. Defensor da sociedade incaica, acreditava que entre os Incas vigorava um modo de produção baseado na disciplina religiosa e no trabalho coletivo, sistema que foi interrompido pela invasão européia. Como o Estado peruano havia privilegiado a herança hispânica, Mariátegui acreditava que era fundamental incorporar o índio ao projeto nacional. Assim, pretendeu apresentar o nacional como algo revolucionário, uma vez que se tratava de expropriar das elites o controle material e simbólico da nação. Em sua visão, Garcilaso é a único autor entre os pioneiros que não emula acriticamente as tradições espanholas, mesmo sendo um homem dividido entre duas culturas, o letrado cuzquenho é mais índio que espanhol.

²⁹⁰ JESUS, G. M. *Hispanismo e Indigenismo: visões sobre a nação peruana*. Dimensões, v. 35, jul.-dez. 2015, ISSN: 2179-8869. Pág. 195.

²⁹¹ Podemos identificar pelo menos duas definições de indigenismo. Uma encara o conceito como “una teoría y una práctica de Estado, particularmente excluyente y opresiva, que se aplica en Latinoamérica casi sin excepción”. DÍAZ-POLANCO, Héctor & SÁNCHEZ, Consuelo. *México diverso. El debate por la autonomía*. México: Siglo XXI, 2002. Pág. 50, nota 50. Outra, na direção oposta, caracteriza o indigenismo como “una corriente de opinión favorable a los indios, que inmediatamente nos señala que el indigenismo es una posición que tienen los no indígenas ante los indios, y que la encontramos específicamente en América Latina” FAVRE, Henri. *El Indigenismo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998. Pág. 7.

Homens como González Prada e Mariátegui serão combatidos por um grupo de intelectuais *criollos*, que, por sua afeição ao legado da cultura espanhola da colonização, ficaram conhecidos como hispanistas. O Hispanismo pautava-se pela defesa de uma identidade comum à Espanha e às suas ex-colônias americanas, cujos traços configurariam uma “civilização hispânica” diferenciando-se, em particular, do mundo anglo-saxão. Embora reconhecessem a contribuição cultural dos passado pré-incaico e Inca, acreditavam que o indígena devia ser assimilado pelo processo de modernização. Um dos representantes mais conhecidos do Hispanismo peruano é José de la Riva-Agüero y Osma (1885-1944), também representa uma nova geração de estudiosos da obra do Inca Garcilaso de la Vega. A defesa do legado espanhol como definidor da cultura peruana é sem dúvida o traço mais destacado do hispanismo de Riva-Agüero. Numa tentativa de esquadrihar a literatura peruana, o intelectual e historiador limenho estudou a narrativa dos cronistas coloniais até os historiadores do século XIX. O resultado desse esforço é apresentado em *La historia en el Perú*, a tese de seu doutoramento em 1910, na qual investe na apresentação da história peruana como uma história mestiça sob paradigmas racialistas. Na primeira monografia que compõe a tese, Riva-Aguero irá efetuar uma leitura conjunta das obras de Blas Valera e Garcilaso de La Vega, que são considerados pelo autor como apologistas do *Tahuantinsuyu*, portanto cronistas parciais, mas de inegável valor por representarem o tipo peruano por excelência, o mestiço.

O século XX e os novos modos de se escrever a história do Novo Mundo.

Enquanto as elites *criollas* peruanas se fortaleciam como detentoras de terras durante o século XIX, nascia uma nova geração de estudiosos que se tornariam as maiores referências nos chamados estudos garcilasistas.²⁹² Entre os quais o já mencionado hispanista José de la Riva-Aguero, que atuou como defensor de Garcilaso quando Manuel González de la Rosa (1841-1912) o acusou de plagiário da história do

²⁹² Em 1906 aparece o primeiro trabalho conhecido publicado no século XX, *El Inca Garcilaso* de José Toribio Polo (1841-1918), utilizado por Riva-Aguero em sua tese de doutorado. POLO, José Toribio. *El Inca Garcilaso*. Historica, 1. 1906. Pág. 232-254.

jesuíta Blas Valera em 1908.²⁹³ Os estudos garcilasistas inauguram uma nova fase da crítica e historiografia sobre *Los Comentarios* e outras obras do letrado mestiço como sua tradução dos *Dialoghi D'amore* de Yehuda Abravanel e *La Florida del Ynca*.²⁹⁴ A principal novidade é a possibilidade de consulta a novas fontes documentais sobre a vida e obra do Inca Garcilaso de la Vega. Em 1935 o erudito espanhol José de la Torre y del Cerro (1876-1959) publica em Madrid *El Inca Garcilaso de la Vega. Nueva documentación*, contendo vários documentos transcritos, entre eles o testamento e inventário dos bens do Inca Garcilaso, com destaque para sua biblioteca. A partir desta documentação, historiadores como Aurélio Miró Quesada Sosa (1907-1998), que já havia feito um importante levantamento dos historiadores citados por Garcilaso em *El Inca Garcilaso* de 1925, passam a investir na reconstituição da trajetória intelectual e da biblioteca do letrado cuzquenho como o “primeiro peruano”, focando em sua formação humanista.²⁹⁵ Os debates em torno do conteúdo da biblioteca de Garcilaso serão sistematizados pelo historiador e bibliófilo José Durand Flórez (1925-1990) em seu trabalho *La Biblioteca del Inca* de 1948.²⁹⁶ Temos ainda os documentos publicados pelo garcilasista Raúl Porras Barrenechea (1897-1960) em seu estudo *El Inca Garcilaso en Montilla (1561-1614)* de 1955, que também subsidiaram novas narrativas sobre o processo de elaboração da obra do Inca Garcilaso.²⁹⁷

Como em muitos países latino-americanos, em Espanha, a concepção segundo a qual os relatos pioneiros constituíam as fontes da história nacional seguiu vigorando

²⁹³ Antes de sua defesa do Inca Garcilaso, Riva-Aguero já havia publicado um ensaio sobre a história dos Incas escrita pelo mestiço cuzquenho, trata-se do *Examen de la primera parte de Los Comentarios Reales (Fragmento de un ensayo sobre los historiadores peruanos)* de 1907. RIVA-AGUERO, José de la. *Garcilaso y el padre Valera*. Revista Historica: órgano de la Academia Nacional de Historia de Lima. 3(1). 1908. Pág. 46-49. RIVA-AGUERO, José de la. *Examen de la primera parte de Los Comentarios Reales (Fragmento de un ensayo sobre los historiadores peruanos)*. Revista Historica: órgano del instituto histórico del Perú, 2. 1907. Pág. 5-45 e 129-162.

²⁹⁴ Em 1912 temos a publicação do trabalho de Carlos Alberto Romero sobre o trabalho de tradução dos diálogos neoplatônicos do “Leão Hebreu”. ROMERO, Carlos Alberto. *Los preliminares de la traducción de los Diálogos de amor de León Hebreo por el Inca Garcilaso de la Vega*. Revista histórica: órgano del Instituto histórico del Perú, 4(4). Lima, 1912. Pág. 348-365.

²⁹⁵ A concentração na formação humanista de Garcilaso não obscurece o fato de muitos autores espanhóis não constarem no inventário de sua biblioteca, o que fez Luis Eduardo Valcárcel (1891-1987), partidário de um Indigenismo estadista, acreditar na presença de um anti-hispanismo contido nas críticas do historiador mestiço aos autores espanhóis, a quem Garcilaso certamente conhecia. VALCÁRCCEL, Luis Eduardo. *Garcilaso el Inca. Visto desde el ángulo indio*. Lima, Imprenta del Museo Nacional, 1939.

²⁹⁶ DURAND, José. *La biblioteca del Inca*. Nueva Revista de Filología Hispánica, nº2. México, DF, 1948. Pág. 239-264.

²⁹⁷ PORRAS BARRENECHEA, Raúl. *El Inca Garcilaso en Montilla (1561-1614). Nuevos documentos hallados*. Lima, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 1955.

durante o século XX. As obras espanholas publicadas sobre as narrativas do Novo Mundo entre os anos de 1940 e 1960, as incluíam na tradição historiográfica espanhola. Esta perspectiva imperial pretendia revigorar a memória hispânica do Império através do hispano-americanismo, movimento que retoma e desenvolve a tese da unidade hispânica com base nos laços coloniais. Sob este viés foram realizadas reedições e estudos sobre os relatos pioneiros, que foram então considerados parte da tradição peninsular da historiografia. A partir da publicação do estudo de Esteve Barba em 1964 intitulado *Historiografia Indiana*, é sistematizada a já conhecida concepção de um mundo letrado espanhol no Novo Mundo, capaz de articular uma tradição peninsular de escrita da história ao novo repertório surgido com a invasão e conquista destes territórios. Entre suas premissas estava a valorização da precisão e autenticidade das fontes, aliados a um esquema de desenvolvimento da historiografia moderna a partir dos usos da poesia épica ou epopeia feitos durante a Idade Média. De modo distinto, acreditava que no caso do Novo Mundo a história havia precedido a poesia épica, que acabou sendo conformada pelas narrativas pioneiras.²⁹⁸

Com base nestes pressupostos elaborou critérios de tipificação dos cronistas, divididos em seis grupos: 1) O *soldado conquistador*, cujo relato é feito de forma espontânea; 2) O *humanista*, impregnado de leituras clássicas, interpõe o filtro “clássico” entre a realidade observada e seu relato, não raro, dotando traços romanos os personagens de sua história; 3) O *religioso*, apegado à retórica cristã e eventual defensor dos indígenas contra os conquistadores, se esforça em oferecer interpretações exegetas das sociedades ameríndias; 4) O *índio*, que mesmo ocidentalizado consegue transmitir sua mentalidade e história através da escrita do conquistador; 5) O *mestiço culto*, representante de uma herança dual e bilíngue, a imprime em seus escritos; 6) Os que estariam *acima de qualquer suspeita*, portando-se como etnólogos e naturalistas, se elevam sobre os feitos, lendo-os diretamente da natureza ou do homem americano, sabendo renunciar quando convém.²⁹⁹

Trabalhos como o de Esteve Barba representam uma visão específica e estão ainda mais limitados por sua própria matéria, um império Espanhol produzido

²⁹⁸ FERNANDES, L. E. O.; KALIL, L. G. A. *A historiografia sobre as crônicas americanas: a criação de um gênero documental*. In: DOMÍNGUEZ, L. S.; FERNANDES, L. E. O.; KALIL, L. G. A.; KARNAL, L. (org.). *Cronistas do Caribe*. Campinas: Unicamp - IFCH, 2012. Pág. 55.

²⁹⁹ Entre os cronistas inquestionáveis estavam homens como Gonzalo Fernández Oviedo, José de Acosta e Bernardino de Sahagún. *Ibid.* Pág. 56,57.

burocraticamente. Muito há de ser feito no que diz respeito à libertação da historiografia colonial desta ótica preponderante, representada pela escrita do colonizador e seus descendentes, baseada na documentação produzida a partir do esforço colonizador. O estreitamento das versões “oficiais” da história da colonização ganhou maior nitidez no contexto do primeiro pós-guerra, com a irrupção do Indigenismo, mostrando como o enfoque unilateral sob a perspectiva do colonizador está longe de esgotar a história da América colonial. Esta antiga demanda foi intensificada pelas exigências epistemológicas das correntes multiculturalistas, relacionadas com a pós-modernidade e o giro ético-político, abrindo espaço para novas agendas de investigação. Torna-se imperativo a revisão dos termos eurocêntricos do “descobrimento”, que passa então a ser tratado como o “encontro de dois mundos”, outra metáfora que escamoteia o processo de invasão européia, conquista dos autóctones e interseccionamento cultural dialético. Os primeiros estímulos de reorganização da historiografia da colonização nesse sentido estão nas crescentes contribuições das ciências sociais como a antropologia, que fornece novos temas como a catástrofe demográfica, cuja abordagem inicial se dá no contexto do México indígena.³⁰⁰

³⁰⁰ Este processo foi intensificado na primeira metade do século XX, quando eclodiu a segunda grande guerra, que imobilizou o maior centro da produção da historiografia colonial. Tanto Paris quanto os documentos do Arquivo das Índias perderam seu privilégio, tornando-se inacessíveis, o que incitou a criação das instituições arquivísticas hispano-americanas. Outro elemento dessa reconfiguração, é a substituição da Europa pelos E.U.A. como principal referência exterior para os estudos coloniais hispano-americanos, tendo na história da Nova Espanha o espaço mais que adequado para investir no desbravamento de um novo flanco historiográfico, condicionado pela retomada da reconstrução da catástrofe demográfica. O reconhecimento do impacto da conquista sobre as populações nativas solapa a centralidade da dicotomia conquistador/conquistado, abrindo espaço para admitir como único sujeito possível da história colonial todo o conjunto da sociedade engendrada pelo processo de invasão e conquista, o que significava uma proposta de uma nova agenda historiográfica. Desse modo, ao direcionar as análises para a condição do autóctone sob o jugo espanhol, efetua-se a transição de perspectiva, que passa a focar-se, não raramente, nos momentos anteriores à invasão; esta última vem agora marcar um ponto de inflexão de uma história que se estende em ambos os sentidos, chegando a conclusões próximas daquilo que foi propagandeado pela *leyenda negra*: os autóctones eram evidentemente explorados pelos colonos espanhóis. Entretanto, este era apenas um aspecto da experiência que refletia o papel central da exploração dos “vencidos” pelos “vencedores” na constituição da sociedade colonial e, posteriormente, da pátria mestiça. Todavia, a linearidade do processo observado na Nova Espanha não se aplicava ao restante do continente, principalmente aos Andes, onde a integração dos dois mundos adquire um caráter perene, demandando também a manutenção da dicotomia entre a visão de colonos e colonizados, que articulam-se de forma complexa e cambiante em diferentes arranjos. Enquanto a pesquisa sobre o universo ameríndio se abre praticamente como um novo campo, não é possível dizer o mesmo sobre a historiografia dos sucessos e desventuras dos colonizadores no Novo Mundo, que se empenhou em traçar as gêneses os estados nacionais latino-americanos como uma derivação das sociedades coloniais, com destaque para a elaboração das identidades *criollas*, que presidiriam os processos de fundação das nacionalidades, negligenciando deliberadamente o elemento autóctone. No caso do México mestiço, rejeita-se ambos matizes em favor da confiança na dissolução da degenerante presença nativa em “casta” mestiça, uma espécie de “neo-mexicano”, tábula rasa, sem passado, protagonistas da re-fundação de uma moderna

Exemplo desta mudança de foco, direcionada para as culturas autóctones do Novo Mundo, são as interpretações que passaram a considerar as narrativas pioneiras como importantes repositórios de informações etnográficas. O cronista aparece como um precursor da etnologia moderna, tratando de assuntos extremamente urgentes para o debate sobre as definições ontológicas do ameríndio, fornecendo, portanto, grande parte dos dados e argumentos utilizados na legislação colonial.³⁰¹ Outra vertente que chamou a atenção dos historiadores é aquela representada pelo trabalho de Miguel León-Portilla intitulado *Visión de los vencidos*, onde o autor oferece uma coletânea de relatos astecas como forma de compensar as narrativas distorcidas dos cronistas espanhóis. Ainda que os múltiplos textos produzidos no processo de conquista tivessem tentado elaborar imagens adequadas das realidades do Novo Mundo, havia muitos cronistas espontâneos e equivocados. Para León-Portilla, as crônicas eram definidas pela origem do autor e não por conteúdo ou tipos discursivos, podendo ser divididas em produzidas por espanhóis vencedores e por ameríndios vencidos. León-Portilla admite em sua visão dos vencidos além dos relatos de mestiços, poemas, pinturas e depoimentos de indígenas sobre o contato com o colonizador. Apesar de iniciar um resgate da alteridade indígena, ressaltando a perspectiva dominadora que enclausurou o indígena na representação segundo a tradição cristã ocidental, o estudo de León-Portilla demonstra a fraqueza de um método dualista baseado em premissas ocidentais e revela a impossibilidade de reproduzir uma visão tipicamente indígena, visto a inexistência de registros de comunidades em seu estado original, despertando por outro lado, o interesse pelos modos de resistência das comunidades indígenas.³⁰²

Partindo desta ótica, os argumentos de Natan Wachtel em *Vision de Vaincus* (1971) são desenvolvidos de modo a sugerir a noção de aculturação como um processo unilateral, no qual os autóctones sofrem com as intrusões e estratégias deliberadas de dominação da conquista, na esteira da catástrofe demográfica. Parte de sua hipótese se

nação “neo-européia. Em relação aos Andes, este tipo de argumento acaba por iluminar os limites da contribuição mestiça na elaboração da elite republicana, onde ganha destaque a exaltação da figura do Inca Garcilaso, que oscila em ser apresentado como primeiro crioulo ou como o primeiro mestiço, mas sempre ligado ao fato de pertencer às linhagens nobres de conquistados e conquistadores, associando-o dessa forma à uma gênese da “consciência crioula”, que não se identifica com a massa mestiça “plebéia” e ignora o quanto possível o elemento autóctone. DONGHI. Ibid. Pág. 168,173.

³⁰¹ Esta abordagem foi utilizada por Anthony Pagden em *La caída del hombre: El índio americano y los orígenes de la etnología comparativa*. PAGDEN. Anthony. *La caída del hombre: El índio americano y los orígenes de la etnología comparativa*.

³⁰² Pág. 64,65.

apoia no fenômeno da mestiçagem como um fator de integração não dialética, ainda que admitindo seu caráter altamente problemático quando se trata de avaliar as percepções dos grupos envolvidos. Tanto o julgamento europeu, refletido na administração colonial, quanto as comunidades autóctones remanescentes menosprezavam os mestiços, dos quais, somente aqueles descendentes de linhagens nobres se acoplariam ao arranjo colonial. Ainda preso ao esquema colonizador/colonizado, ou no caso, dominadores e dominados, o autor desconsidera – talvez por não se constituir como objeto em seu trabalho – as consequências diretas da invasão e conquista para os europeus. Ainda assim, convém lembrar de seus acertos: Wachtel sublinha que a despeito do esforço colonial na desestruturação do mundo andino, existiu uma resiliência das tradições autóctones ao processo de aculturação. Por outra via, reconhece que mestiços como Garcilaso haviam elaborado trabalhos historiográficos com o intuito de combater o falso julgamento europeu dos autóctones e mestiços andinos, se contrapondo à visão toledana, oferecendo outra concepção da conquista.³⁰³

Em linhas gerais, no campo da historiografia colonial, o “fim” da grande narrativa no formato biográfico da história de um personagem coletivo central, está manifesto, sobretudo, na rejeição da ótica do colonizador. As principais inovações trazidas pelas exigências multiculturalistas, como a problemática do gênero, contribuem para a projeção da polaridade conquistador/conquistado sobre um leque de temas e problemas próprios da contemporaneidade que se quer pós-moderna, onde não existem sujeitos privilegiados e a história não tem um interesse somente moral, mas sim político. Neste conjunto de esforços se localiza o trabalho de Tzvetan Todorov, *La conquête de l'Amérique. La question de l'Autre* (1982), dedicado a tratar da questão da alteridade na forma como foi vivenciada pelos protagonistas do “encontro de dois mundos” sob uma perspectiva moralista, carregada da reprovação do exemplo espanhol de comportamento durante a conquista. Este, de acordo com Donghi, seria “um traço definidor da perspectiva multiculturalista. Porém, enquanto, na Europa esse interesse vem subordinar a problemática histórica à da ética, no Novo Mundo, a vincula, sobretudo, a da política.”

304

³⁰³ WACHTEL, Natan. *Los Vencidos: Los indios del Perú frente a la conquista española (1530-1570)*. Madrid: Alianza Editorial. 1976. Pág. 213-246.

³⁰⁴ DONGHI. *Ibid.* Pág. 190.

Enfoques contemporâneos.

Originado em meados do século XX, na esteira do Indigenismo e das críticas anticoloniais, um dos modos mais promissores de abordar as crônicas se projeta a partir de uma mudança epistemológica em relação ao estudo dos relatos pioneiros. Ao invés de serem vistas como repositório de informações e dados, as crônicas passariam a ser analisadas em sua estrutura, finalidade e estilo, como um todo coerente de repertórios de observações e opiniões, podendo ser estudadas em sua totalidade. Este tipo de estudo historiográfico das crônicas também demandava uma análise literária dos relatos pioneiros, endossada por parte da crítica literária após a “virada linguística”, admitindo assim o caráter misto do discurso da cronística e da historiografia em geral.

Devido à grande fortuna crítica da produção escrita do Inca Garcilaso de la Vega, principalmente a multiplicação de estudos derivada da fragmentação do objeto histórico no último século, não seria de se admirar que alguns chegassem a considerá-lo um “clássico da América”.³⁰⁵ Capaz de articular assuntos descentrados de fidelidades contrapostas, *Los Comentarios* tem determinado múltiplas leituras que responderam a diferentes agendas e demandas, tanto em sua filiação às origens da “literatura hispanomericana” pela crítica especializada, quanto em suas abordagens enquanto um produto do campo historiográfico. Como observamos anteriormente, o caráter misto do discurso historiográfico, configura uma interação com as estratégias de elaboração do gênero literário, que conferem a escrita da história um “efeito de real”.³⁰⁶ Destarte, apesar de se esforçar em ratificar que o debate central gira em torno da “verdade essencial” literária da representação do “Império” Inca feita por Garcilaso, vinculada a um possível “mito das origens” da nacionalidade peruana, Antonio Cornejo Polar admite que, “de singular maneira”, os *Comentarios* são “um texto de história e um texto literário”.³⁰⁷

Para Aurélio Miró Quesada, a crítica se equilibrava em um movimento pendular, ordinariamente considerando história dos Incas de Garcilaso como “verdadeira”, mas

³⁰⁵ CAÑIZARES-ESGUERRA. Ibid. Pág. 111.

³⁰⁶ CERTEAU, Michel de. A operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 2008. Pág. 65 - 119.

³⁰⁷ CORNEJO POLAR, Jorge. *Garcilaso Inca de La Vega*. In: CORNEJO POLAR, Antonio, CORNEJO POLAR, Jorge. *Literatura peruana siglo XVI a siglo XX*, Lima, CELACP-Latinoamericana Editores, 2000 pp. 19-33.

em outras ocasiões, tratando-a como um simples relato fantasioso e pitoresco. Assim, *Los Comentarios* congregaria também da estilização e reação sentimentais características do campo da literatura, todavia, pertencendo por sua intenção, matéria e composição, à produção historiográfica do início do período moderno, comprovando seu caráter diverso. Ao se perguntar se a complexa escrita de Garcilaso, que mobiliza valores cavaleirescos e ideais judaico-cristãos lidos sob a ótica neoplatônica para apresentar os Incas ao mundo, era verdadeira ou ficcional, Carmen Bernand responde, citando Gabriel García Marquez, que o pensamento do cronista mestiço poderia corresponder ao deste último, qual seja, que a vida não é a que alguém realmente viveu, mas sim a vida que alguém recordou e o modo como recordou para narra-la.³⁰⁸

Em *Un Inca Platonicien: Garcilaso de la Vega 1539 – 1616*, Carmen Bernand nos dá um exemplo dentre os enfoques contemporâneos. Conforme indica o título, o enfoque da autora é biográfico e assume a posição que põe em relevo a presença da filosofia neoplatônica na escrita garcilasiana, vista como um produto exemplar da *mestiçagem*. Suas motivações são guiadas no intuito de compreender como o “estado teocrático” dos Incas, que tanto diferia das sociedades européias em seus fundamentos, serviu para pensar o político, mais especificamente, esclarecer as possibilidades materiais de conciliar um modo de tirania com o interesse coletivo.³⁰⁹

Uma contribuição definitiva para as reflexões em torno dos usos da antiguidade na escrita da história está no trabalho de Sabine MacCormack, *On the wings of time: Rome, The Incas, Spain and Peru*, onde a autora esclarece que os estudos atuais sobre o legado Greco-romano nos Andes são produtos do estado do pensamento contemporâneo sobre a presença dos europeus na América.³¹⁰ No lugar de um simples apêndice na história da expansão ibérica, a irrupção do Novo Mundo identificada com processos unilaterais de conquista agora é analisada de forma desapaixonada, mostrando como a *invasão* do continente pelos europeus transformou drasticamente as condições de vida das populações nos dois lados do *mar oceano*.³¹¹ Assim como a partir do contato,

³⁰⁸ BERNAND, Carmen. *Un Inca Platonicien – Garcilaso de la Vega (1539 – 1616)*. Fayard, 2006. Pág.

³⁰⁹ Ibid. Pág.

³¹⁰ MACCORMACK, Sabine. *On the Wings of time: Rome, the Incas, Spain and Peru*. 2007. Pág. 22.

³¹¹ Além do reconhecimento do impacto destrutivo da presença européia no Novo Mundo, que culminou na priorização dos relatos autóctones produzidos antes, durante e depois da invasão, tem ganhado relevo a busca pela superação da idéia de silenciamento da voz dos povos conquistados através de uma leitura além dos modismos que resumem o recurso à antiguidade clássica como simples antecedentes que ajudaram a explicar o assunto à mão, “sufocando” as estruturas de significância dos grupos investigados.

invasão e conquista os povos andinos passaram a ser conhecidos no mundo, o mundo e suas histórias tornaram-se conhecidos nos Andes, onde este conhecimento foi incorporado na vida diária e, por consequência, nos modos de contar e escrever a história. Estas novas circunstâncias modificaram o conhecimento prévio que os contemporâneos tinham do mundo. Nesta conjuntura, o passado clássico estudado pelos humanistas se tornou o espelho pelo qual ganhavam atenção as particularidades das sociedades européias e não européias. Já que a busca por um passado “imperial” pelos espanhóis era direcionada para antiga Roma unificadora, *exemplum* que ajudou a tornar os Incas reconhecíveis como um Estado Imperial. Considerando que o passado da antiguidade clássica do Mediterrâneo era objeto de estudo e debate, a comparação entre Roma e Cuzco, ao invés de restringir, funcionou como um amplificador do escopo de reflexão. De acordo com MacCormack, os temas clássicos foram mais do que instrumentos de descrição e análise, converteram-se em constitutivos de consciência coletiva e identidade.³¹²

³¹² MACCORMACK. Ibid. Prefácio. Pág. xv – xix.

Considerações finais

A Castela da última década do século XVI e início do XVII, lugar de elaboração, composição e materialização dos *Comentarios Reales de los Incas*, revela um contexto de grande riqueza e intensidade do intercâmbio cultural entre o Novo Mundo e a Europa expansionista, incluindo aí as trocas entre as próprias culturas ocidentais e do oriente próximo, de uma profundidade instigante. Sob novos enfoques atentos ao intercâmbio cultural esta conjuntura pode ser entendida de uma maneira diferente da usual. Muitas opiniões formadas sobre a normatização da modernidade como um fenômeno exclusivamente manifesto na Europa setentrional, por exemplo, teriam de ser revistas se observadas de um ponto de vista atlântico.

Como foi possível observar, a escrita da história do Inca Garcilaso de la Vega em *Los Comentarios* antecipa argumentos utilizados nas primeiras histórias conjecturais a escrita, que pretendiam oferecer um enfoque filosófico para suprir a falta informações adquiridas consideradas confiáveis, isto é, informações não prejudicadas pelas limitações perceptivas. Novas abordagens historiográficas surgem da reflexão sobre os critérios de análise dos escritos pioneiros e registros ameríndios, fundamentais nos debates metodológicos do século XVIII. Diferente do que se costuma afirmar, a *intelligentsia* espanhola antecipou o movimento de crítica da historiografia das Índias quando debateu os modelos de história patrióticas mais apropriados para combater o ceticismo e os ataques desferidos pela Europa setentrional contra as testemunhas espanholas e a própria Espanha no século XVIII. Isto significa que podemos sugerir que o espaço colonial e sua apreensão historiográfica têm importâncias centrais para o desenvolvimento e normatização das sensibilidades, epistemologias e práticas modernas que se afirmarão a partir de fins do século XVIII e início do XIX.

Com a publicação de *Los Comentarios* em 1609, as “novidades” do reino conquistado nos Andes centrais ganhariam contornos diferentes dos até então propostos, ou até impostos. Podemos afirmar com segurança que o reconhecido esforço de aproximação entre as culturas em confronto, ilustrado na disputa de interpretações que compõem o espaço de experiência descrito e narrado nos *Comentarios*, possui características originais que contribuem para a reorganização etnográfica das escritas cristãs da história, parcela determinante da renovação da história que ofereceu as bases

da historiografia moderna. Seu posicionamento como observador de primeira ordem³¹³ fundamenta seu entendimento da função pragmática da linguagem e da escrita no desenvolvimento das sociedades humanas, que em *Los Comentarios* são direcionados para a prática da retórica *magistral* na produção da amplificação dos argumentos de sua escrita da história. Por outro lado, oferece uma abordagem original do ponto de vista etnográfico ao problematizar a noção de bárbaro/civilizado, chegando a inverter a lógica do discurso através de sua versão da história dos Incas, descritos como um povo monoteísta, virtuoso e conhecedores da lei natural, enquanto chega a reprovar práticas de gregos, romanos e, sobretudo, espanhóis.

Ao assumir sua identidade mestiça, mas reclamando sua descendência da estirpe como Inca, Garcilaso milita em favor da compreensão da cultura ameríndia e – frente às desqualificações dos cronistas espanhóis – da dignificação do passado de sua estirpe, partilhando, ao mesmo tempo, da missão cristã civilizadora, norteadora de sua concepção de história. Nas escritas cristãs da história privilegia-se o olhar retrospectivo para o início de todas as coisas, para Cristo, o modelo de vigência plena. É esta operação que permite à Igreja “recuperar, retomar, habitar os modelos antigos” dos costumes dos maiores e da *Historia Magistra Vitae*, sem no entanto, produzir uma identificação completa com os mesmos. A concepção cristã do tempo é provida de uma plasticidade pela articulação entre presente, passado e futuro na eternidade. De modo que não se confunde ou se reduz a uma única experiência do tempo.³¹⁴ Esta hipótese confirma outra possibilidade por nós indicada: a da intersecção de diferentes temporalidades e, por consequência, de escritas da história que articulem modos modernos e antigos de experimentar o tempo, o que dificultaria precisar temporalmente rupturas extremas, como o “fim” da história *Magistra Vitae*, um dos protocolos da antiguidade clássica do Mediterrâneo que foram matéria de intenso debate na primeira modernidade.

Uma das nuances deste processo está na análise sobre as categorias *história divina* e *história humana*, utilizadas para discriminar os conteúdos sagrados e profanos das histórias cristãs escritas durante a primeira modernidade. As soluções problemáticas que esta discriminação oferece expõem a intersecção entre modos distintos de vivenciar

³¹³ GUMBRECH, Hans Ulrich. *Modernização dos Sentidos*. Ed. 34, 1998.

³¹⁴ HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. Pág.90-92.

e exprimir a experiência do tempo, um antigo que persiste e o outro moderno que surge, ambos conjugados sob a perspectiva teleológica da história cristã. Entre as possíveis explicações que justificariam a elaboração deste arranjo, podemos considerar as condições de produção da historiografia Indiana na Espanha da contrarreforma, cujo ambiente era desfavorável para a penetração de pensamentos e teorias laicizantes. Não por acaso, a história dos homens é chamada de história profana.

Fica evidente que a modernização do olhar de Garcilaso, tão importante para sua autoridade enquanto historiador dos Incas, não poderia ser desenvolvida em sua plenitude num ambiente de tanta rigidez interpretativa. Assim ela é acionada na medida em que não modifica a perspectiva cristã, ou melhor, na medida em que reforça uma leitura conformada pela temporalidade bíblica. Fica também claro que este ambiente não impede que Garcilaso utilize sua autoridade como observador de primeira ordem para refutar argumentos de histórias cristãs, uma vez que esta operação será a base e justificativa de sua empreitada historiográfica. Seu método coerente de triagem do material pertinente, também baseado na experiência de primeira mão, é que lhe permite articular esta crítica mais geral, fortalecida pela reivindicação de uma narrativa nativa como o melhor modo de se escrever uma história do *Tahuantinsuyu*.

Glossário:

Amauta – voz quéchua que designa os pensadores ou “filósofos y doctores” Incas.

Ayllu – Embora não fossem limitadas às etnias correspondentes, os *ayllus* foram a voz andina usada para designar as unidades administrativas que agregavam pequenos grupos familiares.

Ceques – raias imaginárias que rodeavam Cusco e partiam da praça do templo do Sol divididas em quatro seções, de acordo com os *suyu*, somando um total de 42 linhas.

Coya – voz quéchua que designa as mulheres descendentes legítimas da estirpe Inca

Haraicu – voz quéchua para nomear os “poetas” Incas, responsáveis pela transmissão oral das tradições do incário.

Hanan – voz quéchua para designar “alto”

Hurin – voz quéchua para designar “baixo”

Huacas – locais de adoração espalhados ao longo dos *ceques* que irradiavam de Cuzco.

Guancas – Antepassados Incas “petrificados” que se tornaram *huacas*.

Inca – significa “senhor” e foi nome dado somente aos representantes da estirpe, que se apresentavam como descendentes diretos do sol.

Sapa Inca – significa “somente senhor” e foi usado para designar o soberano Inca em exercício.

Quipu – modo de registro mnemônico andino que consiste em cordões de cores diversas, onde as informações eram registradas segundo os tipos de nó que neles eram feitos pelos especialistas nesta arte, os *quipucamayoc*

Quipucamayoc – especialistas na linguagem empregada nos *quipus*.

Palla – outra voz quéchua pra se referir às mulheres de sangue Inca.

Panaca – as *panacas* representavam espécies de linhagem “real” formada a partir de dois descendentes de ambos os sexos de um soberano Inca em exercício.

Runa – voz quéchua que significa “povo”.

Runa Simi – voz quéchua que significa “fala do povo”.

Suyu – voz quéchua para designar uma região, espaço ou mais simplesmente as partes do *Tahuantinsuyu*.

Tahuantinsuyu – voz quéchua que designa a materialização do espaço-tempo incaico, pode ser traduzida como “quatro regiões unidas entre si”. As quatro secções eram Chinchasuyu, Antisuyu, Cuntisuyu e Collasuyu.

Fontes impressas:

Primera parte de los / Comentarios Reales / que tratan del ori- / gen de los Yncas, Reyes que fue- / ron del Perv, de sv idolatria, leyes y / gobierno en paz y en guerra: de fus vidas y con- / quiftas, y de todo lo que fue aquel Imperio y / fu Republica, antes que los Efpañõ- / les paffaran a el. / Efcritos por el Ynca Garcilaffo de la Vega, natural del Cozco, / y capitan de fu Mageftad. Lisboa: En la officina de Pedro Crasbeeck. 1609.

Historia / general del / Perv / trata el descvbrimiento del / y como lo ganaron los Efpañõles, las guerras ciuiles / que huuo entre Piçarros, y Almagros fobre la partija / de la tierra. Caftigo y levantamiêto de tyranos: y otros suceffos particulares que en la hiftoria fe contienen / escrita por el Ynca Garcilasso de la Vega, Capitan de fu Majeftad. Córdoba: por la Viuda de Andres Barrera y à su costa, 1617.

La Florida / del Ynca. / historia del adelanta- / do Hernando de Soto, Gouvernador y capi- / tan general del Reyno de la Florida, y de / otros heroicos caualleros efpañõles è / índios; escrita por el Ynca Garcilaffo de la Vega, capitan de fu Majeftad / natural de la gran ciudad de Coz- / co, cabeça de los reynos y / prouincias del Peru. En Lisboa: impreso por Pedro Crasbeeck, 1605.

La traduizion del indio de los tres Dialogos de Amor / de Leon Hebreo; hecha de italiano en efpañõl por Garcilasso Inga [sic] de la Vega. Reproducción digital de la edición de En Madrid: en casa de Pedro Madrigal, 1590. Localización: Biblioteca Nacional (España). Sig. R/5706.

TORRE Y DEL CERRO, José de la. *El Inca Garcilaso de la Vega: Nueva documentación.* Sevilla: Publicaciones del Instituto Hispano-cubano de Historia de América. (Fundación Rafael G. Abreu), 2012.

Bibliografia

ABOTT, Don Paul. *Rhetoric in the New World: rhetorical theory and practice in colonial Spanish America*. Columbia: University of South Carolina Press, 1996.

ARAÚJO, Lorena Gouvêa de. *As virtudes do Inca: a invenção do passado indígena na obra de Inca Garcilaso de La Vega*. Dissertação de Mestrado. UFRRJ - 2012.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011

BERNARD, Carmen. *Un Inca Platonicien – Garcilaso de la Vega (1539 – 1616)*. Fayard, 2006.

_____ *Actualidad del Inca Garcilaso*. La Torre del Virrey: revista de estudios culturales, 2007.

_____ & GRUZINSKI, Serge. *Historia do Novo Mundo 2: As mestiçagens*. São Paulo: Edusp, 2006.

BETHELL, Leslie. (Org.) *História da América Latina: América Latina Colonial Vol. I e II*. São Paulo: EDUSP, 1998.

BUNSTER, Cora; LORANDI, Ana María. *El fantasma del criollismo después de la rebelión de Túpac Amaru*. *Historica*. XXX.1 / ISSN 0252-8894. 2006. Pág. 99-135.

CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. *Como escrever a história do novo mundo: Histórias, Epistemologias e Identidades no Mundo Atlântico do século XVIII*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

COROMINAS, Joan. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Editorial Gredos, 1954

CORNEJO POLAR, Jorge. Garcilaso Inca de La Vega. In: CORNEJO POLAR, Antonio, CORNEJO POLAR, Jorge. *Literatura peruana siglo XVI a siglo XX*. Lima: CELACP-Latinoamericana Editores, 2000. Pág. 19-33.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1990.

DÍAZ-CABALLERO, Jesús. *El incaísmo como primera ficción orientadora de La nación criolla en las provincias unidas del Río de La Plata*. In: *A contracorriente*. s.d. Pág. 67-113.

_____ *Nación y Patria: Las lecturas de los comentarios reales y el patriotismo criollo emancipador*. Lima-Hanover: Revista de crítica literaria latinoamericana. Año XXX, Nº59. 1er. Semestre de 2004. Pág. 81-107.

DOMIGO, Mariano Cuesta. *Los Cronistas oficiales de Indias. De López de Velasco a Céspedes del Castillo*. In: *Revista Complutense de História da América*, vol. 33, 2007. Pág. 115 – 150.

DONGHI, Tulio Halperin. *Historiografia Colonial Hispano- Americana e Multiculturalismo: a História da Colonização entre a Perspectiva do Colonizador e a do Colonizado*. *Estudos Históricos*, nº20. 1997.

DURAND, José. *La biblioteca del Inca*. Nueva Revista de Filología Hispánica, nº2. México, DF, 1948.

EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

ELLIOTT, J. H. *A Espanha e a América nos séculos XVI e XVII*. 1998. In: BETHELL, Leslie. (Org.) *História da América Latina: América Latina Colonial Vol. I*. São Paulo: EDUSP, 1998.

FONTANA, Josep. *A História dos homens*. Baurú: EDUSC, 2004.

FERNANDES, L. E. O.; KALIL, L. G. A. *A historiografia sobre as crônicas americanas: a criação de um gênero documental*. In: DOMÍNGUEZ, L. S.;

FERNANDES, L. E. O.; KALIL, L. G. A.; KARNAL, L. (org.). *Cronistas do Caribe*. Campinas: Unicamp - IFCH, 2012, p. 47-70.

GARCÉS, Maria Antonia. *Lecciones de Nuevo Mundo: La estética de la palabra en el inca Garcilaso de la Vega*. 1991. IN: *Texto y contexto. Literatura hispanoamericana de la Colonia*, núm. 17, (septiembre-diciembre 1991) Pág. 125-150.

_____ *The Translator Translated: Inca Garcilaso and English Imperial Expansion*. In: DI BIASE, Carmine G. (Ed.). *Travel and Translation in the Early Modern Period*. Amsterdam – New York: Rodopi, 2006. Pág. 203-225

GRUZINSKY, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos Sentidos*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

_____ *The Powers of Philology: Dynamics of Textual Scholarship*. Chicago: University of Illinois Press, 2003.

HAMPE MARTÍNEZ, Teodoro. El renacentismo del Inca Garcilaso revisitado: los clásicos greco-latinos en su biblioteca y en su obra. In: *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance*, vol. 56 (Genève 1999) Págs. 641-663.

_____ *José Durand, Bibliófilo*. Revista de Indias, 1997, vol LVII, núm. 210.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____ *Tempo, História e a escrita da História: a ordem do tempo*. In: Revista de História. N°148. 2003.

_____ *Os antigos, o passado e o presente*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

JESUS, G. M. *Hispanismo e Indigenismo: visões sobre a nação peruana*. Dimensões, v. 35, jul.-dez. 2015, ISSN: 2179-8869. Pág. 195.

KOHUT, Karl. *Las teorías literarias en España durante los siglos XV y XVI (estado de La investigación y problemática)*. 1973. Pág. 42 – 43.

_____ *El humanismo español y América en el siglo XVI*. S/R.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC Rio, 2006.

LOHMANN VILLENA, Guillermo. "El Inca Garcilaso de la Vega en Lima. Un documento inédito suyo" En: *Revista histórica: órgano de la Academia nacional de la historia*, Lima, 1962.

LÖWITH, Karl. *O sentido da história*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991.

LÜBBE, Hermann. *The contraction of the present*. In: ROSA, Hartmut & SCHEURMANN, William. *High speed society; social acceleration, power, and modernity*. University Park: The Pennsylvania University Press, 2009.

MACCORMACK, Sabine. *Religion On the wings of time: Rome, the Incas, Spain and Peru*. Oxford, Princeton University Press. 2007.

MARAVALL, J. A. *La formación de la conciencia estamental de los letrados*. *Revista de estudios políticos*, ISSN 0048-7694, Nº 70, 1953, Pág. 53-82.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Baurú: EDUSC, 2004.

_____ *Os limites da Helenização: A interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

_____ *Daniel and the Greek Theory of Imperial Succession*. In: MOMIGLIANO, Arnaldo. *Essays on Ancient and Modern Judaism*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

MIGNOLO, Walter D. *El metatexto historiográfico y la historiografía Indiana*. MLN: Vol. 96, 1981.

MILLONES FIGUEROA, Luis. *Filosofía e historia natural en el Inca Garcilaso*. In: ZEVALLOS-AGUILAR, Juan, KATO, Takahiro, MILLONES FIGUEROA, Luis (eds.), *Ensayos de cultura virreinal latinoamericana*, Lima, UNMS, Pág. 159-175.

PAGDEN, Anthony. *La caída del hombre natural: El indio americano y los Orígenes de la etnología comparativa*. Madrid: Alianza Editorial, 1982.

PAILLER, Claire & PAILLER, Jean-Marie. *Una america verdaderamente latina: los historiadores romanos y el Inca Garcilaso en la perspectiva de G. Dumezil*. Lima: Histórica, 1993. 17(2). Pág. 179-222.

QUESADA, Aurélio Miró. *El Inca Garcilaso y otros estudios Garcilasistas*. Ediciones Cultura Hispánica. Madrid, 1971.

RIVA AGÜERO, José de la. *Elogio del Inca Garcilaso de la Vega*, en *Historia General del Perú: Segunda parte de los Comentarios Reales de los Incas*. Buenos Aires, Emecé: ed. Ángel Rosenblat, 1944.

RIVIALE, Pascal. *Manuel González de la Rosa, prêtre, historien et archéologue*. IN: *Histoire et Sociétés de l'Amérique Latine*, n°4. Association Aleph, Université de Paris VII-Denis Diderot, 1996.

RODRIGUES, Manoel Augusto. *A obra poética de Leão Hebreu: "A lamentação sobre a Morte de seu Pai"*. Cáceres: Actas de las Jornadas de Estudios Sefardíes Universidad de Extremadura (separata), 1980.

ROSTWOROWSKI, María. *Historia del Tahuantinsuyu*. 2ª ed. Lima: IEP/PromPerú, 1999.

SANTACRUZ, Francisco Ramírez. *Diálogo y memoria en Los Comentarios Reales de Los Incas*. In: *Escritos*, Revista del Centro de Ciencias del Lenguaje. N° 33, Enero – Junio de 2006. Pág. 93 -111

SERNA ARNAIZ, Mercedes. *La tradición Humanística en El Inca Garcilaso de la Vega*. Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2009.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

TORRE Y DEL CERRO, José de la. *El Inca Garcilaso de la Vega: Nueva documentación*. Madrid: Imprenta de José Murillo, 1935.

WACHTEL, Natan. *Los Vencidos: Los indios del Perú frente a la conquista española (1530-1570)*. Madrid: Alianza Editorial. 1976. Pág.

Edições digitais:

MARMONTEL, Jean François. *Les Incas, ou la destruction de l'empire du Pérou*. Paris, Chez Lacombe, Libraire, rue de Tournon près le Luxembourg. 1777.

El reverso del tapiz: Antología de textos teóricos latinoamericanos sobre la traducción literaria, Budapest, Eötvös József, 2003, pp. 131-133. Otra ed.: *Diálogos de amor de León Hebreo*, Madrid, 1590.

RYCAUT, Paul. *The royal commentaries of Peru, in two parts: the first part: treating of the original of their Incas or kings, of their idolatry, of their laws and government both in peace and war, of the reigns and conquests of the Incas [...]: the second part: describing the manner by which that new world was conquered by the Spaniards, also the civil wars between the Piçarrists and the Almagrians [...] and other particulars contained in that history / Written originally in Spanish by the Inca Garcilasso de la Vega; and rendred into English by Sir Paul Rycaut (tr. Paul Rycaut)*. London: Printed by Miles Flesher for Jacob Tonson. 1688.

VEGA, El Inca Garcilaso. *Primera parte de los / Comentarios Reales / que tratan del ori- / gen de los Yncas, Reyes que fue- / ron del Perv, de sv idolatria, leyes y / gobierno en paz y en guerra: de fus vidas y con- / quiftas, y de todo lo que fue aquel Imperio y / fu Republica, antes que los Efpañõ- / les paffaran a el. / Efcritos por el Ynca Garcilaffo de la Vega, natural del Cozco, / y capitan de fu Mageftad*. Lisboa: En la officina de Pedro Crasbeeck. 1609.

_____ *Historia / general del / Perv / trata el descvbrimiento del / y como lo ganaron los Efpañoles, las guerras ciuiles / que huuo entre Piçarros, y Almagros fobre la partija / de la tierra. Caftigo y levantamiêto de tyranos: y otros suceffos particulares*

que en la hiftoria fe contienen / escrita por el Ynca Garcilasso de la Vega, Capitan de fu Mageftad. Córdoba: por la Viuda de Andres Barrera y à su costa, 1617.

_____ *La Florida / del Ynca. / historia del adelanta- / do Hernando de Soto, Gouernador y capi- / tan general del Reyno de la Florida, y de / otros heroicos caualleros efpañoles è / índios; efcrita por el Ynca Garcilaffo de la Vega, capitan de fu Mageftad / natural de la gran ciudad de Coz- / co, cabeça de los reynos y / prouincias del Peru. En Lisbona: impreso por Pedro Crasbeeck, 1605.*

_____ *La traduzion del indio de los tres Dialogos de Amor / de Leon Hebreo; hecha de italiano en efpañol por Garcilasso Inga [sic] de la Vega.*

Reproducción digital de la edición de En Madrid : en casa de Pedro Madrigal, 1590.

Localización: Biblioteca Nacional (España). Sig. R/5706.